

A Descoberta do Amor

(The villa Faustino)

Katrina Britt



Ramón finalmente entenderia que ela o amava desde a infância?

Ao longe, as luzes da mansão de Ramón ainda brilhavam, quase se confundindo com as estrelas. "Ele deve estar com Cândida", Joana pensou, angustiada. Desde que aquela linda atriz chegara à ilha, os dois não se largavam...

Com um suspiro, iniciou a descida da colina. De repente, os faróis de um carro a ofuscaram e, antes que pudesse fugir, Ramón estava ao seu lado. "Suba, Juana! Preciso falar com você." Ela se acomodou no banco, apreensiva, quase sem fala. Ainda haveria chance para seu amor?

Digitalização: Vicky B

Revisão: Eudna

Copyright: Katrina Britt

Copyright para a língua portuguesa: 1987

Título original: The Villa Faustino

Publicado originalmente em 1977 pela Mills & Boon Ltd., Londres, Inglaterra

Tradução: Cecília Gallucci

Esta obra foi composta na Fesan Editora Ltda. e

impressa na Divisão Gráfica da Editora Abril S.A.

Capítulo I

Joana saiu para a varanda e aspirou deliciada o ar fresco da manhã. Os gerânios vermelhos contrastavam com o verde do gramado, numa perfeita harmonia de cores. Os pássaros cantavam no loureiro indiano e por toda parte havia um ar de tranquilidade.

A casa, localizada numa colina, permitia uma visão da extensa plantação de bananas, que se arrastava até o mar azul...

À esquerda, uma bonita *villa* espanhola elevava-se, orgulhosa, sobre o topo das árvores. Era a residência do marquês Ramón de Orleron y Faustino, um nobre muito rico, proprietário da maior parte da ilha, incluindo a casa que o pai de Joana, Nick Main, um escritor famoso, alugava havia anos.

Toda essa beleza a comovia. Apesar de viver ali desde criança, ela sempre se extasiava diante daquele cenário de sonho. Alisando os cabelos castanhos, ergueu o rosto para o sol e sorriu.

— Então já está de pé, srta. Joana.

Rosita, que com seu marido, Jaime, trabalhava na *Villa* Rosário desde a chegada dos Main à ilha, apareceu no terraço com a bandeja do café. Era uma mulher alegre, na casa dos quarenta anos, com cabelos negros e olhos escuros, que adorava cores brilhantes. Enquanto colocava a bandeja sobre a mesa de vime, o vestido rosa-choque ressaltou seu corpo esbelto. Joana puxou uma cadeira e sentou-se.

— Está uma manhã adorável — disse, segurando o copo de suco de frutas gelado. — Papai foi a Las Palmas?

— Sim, foi. Parece que vamos ter outro dia quente; não se esqueça de levar o chapéu quando for passear. — Os olhos escuros observavam a beleza juvenil de Joana. — Vivo tentando alimentá-la para que tenha belas curvas, mas você só lambisca a comida. Deixa que o sol a desidrate, até parecer um moleque de praia.

— Rosita fez uma pausa, com expressão séria. — Trate de comer tudo.

O suco de frutas estava delicioso e Joana sentiu que a tranqüilidade daquela manhã dourada não poderia ser mais agradável.

— Sinto muito, Rosita, mas a família Main nunca consegue engordar. Sou como papai. Mas tenho certeza de que você nos ama assim mesmo. — Sorridente, lançou um olhar malicioso para Rosita, que não se aborreceu. Apenas deu de ombros antes de ir embora. Joana soprou beijos em sua direção, num gesto carinhoso.

Rosita era uma pessoa adorável e protetora, e Joana se divertia em provocá-la. O marido, Jaime, era tão dócil quanto ela. Tinham três filhos, que estavam fora, estudando na universidade, graças ao apoio de Nick Main. O casal era grato a ele e a sua filha e por isso dispensava a ambos cuidados muitas vezes excessivos.

Joana tinha quatro anos quando a mãe morreu de repente, em Londres, onde viviam. O pai, incapaz de adaptar-se depois da morte da esposa, vendera tudo e decidira morar nas ilhas Canárias. A menina, antes abatida, sentindo terrivelmente a falta da mãe, ganhara vida no novo país. Aos poucos, a beleza dos arredores lhe despertara o amor pelo desenho e pela pintura, levando-a a retratar as magníficas paisagens da região.

Esse interesse pela arte fora crescendo através dos anos, até tornar-se a coisa mais importante em sua vida. Joana adorava pintar. Havia muitas cenas na ilha que lhe chamavam a atenção: os burricos com suas cargas, os trabalhadores das plantações de banana, a variedade de flores e as cavernas enormes nas colinas, tão amplas que poderiam abrigar metade da população local.

Em quase todas as casas o contraste entre os portões brancos e os gerânios vermelhos em vasos suspensos proporcionava uma visão pitoresca. A vista do alto da fortaleza chegava a causar espanto nas pessoas que a contemplavam pela primeira vez.

Também a *villa* do marquês formava um cenário encantador. Ao pensar nisso, Joana se lembrou, satisfeita, de que naquela manhã pretendia dar os últimos retoques no quadro que estava pintando.

Depois do café saiu montando seu pônei, levando o material de pintura, as telas e o almoço, além do chapéu, que Rosita insistira para que usasse. Cavalgou na direção das colinas.

No caminho cumprimentou um homem que, montado num burrico, descia em direção ao povoado levando sua carga para o mercado. Após alguns minutos, Joana chegou a um ponto de onde se avistava perfeitamente a *villa* do marquês. Ali, soltou o cavalo na grama, abrindo o cavalete e escolhendo as tintas.

A *villa* do marquês, Las Jacarandas, era uma construção belíssima, com duas torres e portões brancos na entrada. Um alpendre quase todo encoberto por trepadeiras cercava a mansão. Atrás da propriedade havia outras construções, todas elas no meio de amplos terrenos nos quais se espalhavam estátuas, fontes, gramados e árvores centenários.

Depois de trabalhar algum tempo em meio ao silêncio que só o chilreio dos pássaros rompia, Joana deu as últimas pinceladas e inclinou-se para trás para ver o efeito. Sim, estava excelente. Havia conseguido exatamente o que pretendia.

Sem dúvida, Ramón seria mais crítico do que ela, pois tinha uma maravilhosa coleção de obras de grandes mestres enfeitando as paredes da casa. O marquês de Orleron y Faustino era um homem experiente e perspicaz, com trinta e um anos de idade. Era também um hábil jogador de xadrez e muito amigo do pai de Joana. Ela não jogava mal, mas jamais conseguia ganhar de Ramón.

Ao se lembrar disso, procurou corrigir algumas imperfeições que, com certeza, seriam imediatamente detectadas por ele. Talvez um toque a mais de branco no céu azul, um pouco mais de roxo nas sombras? Joana acabou por conformar-se com o resultado. Se ele não gostasse seria uma pena, pois pretendia dar-lhe o quadro como presente de aniversário. "É um quadro muito bonito", refletiu, sem falsa modéstia.

Mais tarde, à sombra de uma árvore, almoçou *tortilla*, frutas e o vinho tinto local. Depois de um pequeno descanso, tirou da mochila um vestido branco abotoado, com enfeites vermelhos, para usar por cima do short.

Ali, os shorts e as bermudas não eram bem-vistos, sobretudo se usados na presença de pessoas como o marquês.

A pintura já estava seca quando Joana a guardou junto com o resto do material e montou no pônei, dirigindo-se à mansão.

Ao chegar encontrou os portões da entrada de Las Jacarandas abertos. Dentro da *villa*, observou mais uma vez os requintados detalhes da escada e das janelas, os tapetes raros que cobriam o assoalho e a mobília elegante do séc. XVII.

— Boa tarde, senhorita. O senhor marquês a espera no salão — disse Andrés, um empregado de uniforme, ao receber Joana.

Segurando o quadro, ela cruzou o hall e entrou no salão. Imediatamente o dono da casa veio cumprimentá-la. Como as outras pessoas de Las Palmas, o marquês era mais alto que a média e tinha pele bronzeada e reflexos avermelhados nos cabelos escuros e ondulados. O sorriso revelava dentes brancos e perfeitos.

— *Buenos tardes, Juana* — disse ele, usando a forma espanhola do seu nome. — Venha cá e sente-se. Não devia ficar andando por aí nesse calor.

Ramón cruzou o salão e puxou uma cadeira, mas Joana recuou e estendeu-lhe o quadro.

— É o seu presente de aniversário — explicou, um tanto tímida, empurrando a tela para as mãos dele.

Houve um longo momento de silêncio enquanto ele apanhava o presente e o erguia, examinando cada detalhe. Os olhos cor de mel de Joana detiveram-se na elegante roupa esportiva que ele estava usando. Sem querer, sentiu-se dominada pelo magnetismo que parecia desprender-se daquele homem.

Por que não falava alguma coisa? O quadro era assim tão ruim? O nervosismo e a ansiedade tornaram-se tão insuportáveis que Joana não agüentou mais.

— Gostou, Ramón?

— Se gostei? Você me conhece, querida *Juana*. Quando seu pai me contou sobre a sua vontade de pintar, nunca pensei que pudesse chegar a resultados como este. É magnífico. Preciso montar uma exposição de seus trabalhos em Las Palmas. Quem sabe um dia poderá ser tão famosa quanto Nick? Gostaria disso?

— Ora, Ramón, um nome famoso na família já é suficiente. Mas estou contente em saber que você gostou... Bem, se não quiser o quadro posso dar-lhe outro presente.

Ramón fitou-a sem falar por um longo instante. Então disse, carinhosamente:

— Obrigada, *Juana*, pelo presente especial. Vou guardá-lo como um tesouro por toda a vida. E agora vamos tirar esse chapéu antes que você sufoque. Depois poderemos tomar um refresco. — Ele colocou o quadro no chão, com muito cuidado apoiado na parede. Depois a ajudou a tirar o chapéu e a fez sentar-se no sofá.

Andrés trouxe os refrescos e enquanto Joana bebia, deliciada, Ramón a observava com expressão divertida.

— Então não quer publicidade, *Juana*. Por quê? Já é hora de começar a circular mais em nossa sociedade. Não deseja viajar, conhecer o mundo, ir à Inglaterra?

— Sempre quis visitar meu país, mas você sabe que papai nunca mais voltou lá desde que mamãe morreu. Não suporta rever os lugares em que esteve com ela.

— Compreendo. Nunca pensou em morar lá, *Juana*?

— Não sei. Estou muito feliz aqui, mas papai me ensinou tanta literatura inglesa que, às vezes, acho que conheço mais a Inglaterra do que estas ilhas onde cresci. Os amigos ingleses de papai costumam vir à nossa casa. Agora mesmo ele foi a Las Palmas encontrar duas pessoas que vão estrelar sua nova peça em Londres dentro de pouco tempo.

— Que interessante. Gostaria de convidá-las para jantar, juntamente com você e seu pai.

— Isso seria ótimo — respondeu com um sorriso, enquanto jogava para trás os cabelos sedosos.

Os olhos de Ramón estudaram a face viva e jovial de Joana, sem qualquer maquiagem, e detiveram-se nos brilhantes cabelos castanhos com reflexos dourados. "Ela não é mais aquela garotinha que brincava na praia", pensou. Joana havia se tornado uma mulher linda, encantadora...

Os hóspedes já haviam chegado quando ela retornou à *Villa* Rosário. Curiosa, guardou o pônei no estábulo, atravessou o pátio, contornou o canteiro de begônias floridas e entrou na varanda.

O pai estava ali, vestindo calças de linho e uma camisa aberta no pescoço. Nick Main era um homem de quarenta e dois anos, aparência jovem, com os cabelos escuros bem penteados e a barba impecavelmente aparada.

A seu lado, descansando numa cadeira reclinada, estava uma linda loira. O sol espalhava um brilho dourado em seus cabelos e os olhos, muito azuis, eram da cor do céu de verão.

— Olá — a garota cumprimentou com um sorriso. — Você deve ser Joana. Sou Cândida Marshall. Prazer em conhecê-la.

— Seu nome é muito bonito — disse Joana, apertando-lhe a mão.

Cândida riu, satisfeita.

— Acho que vou gostar de sua filha, Nick.

Um rapaz de cabelos loiros e olhos escuros estava em pé, encostado na parede, observando Joana atentamente. Quando ela se virou, ele endereçou-lhe um sorriso e se aproximou.

— Olá, Joana. Sou Laurence Nesbit.

Joana pensou, divertida, que o rapaz era tão tipicamente inglês que parecia saído de uma página dos romances que costumava ler. Mas recompôs-se rapidamente e respondeu ao cumprimento com gentileza.

Capítulo II

Naquela noite Nick e Joana levaram os hóspedes a Las Palmas. Enquanto jantavam, ouviram uma serenata feita por um cantor espanhol que só interpretou músicas românticas. Todos se divertiram muito e Joana ficou satisfeita ao ver Cândida e Laurence sentindo-se tão à vontade.

No dia seguinte, saíram para um passeio pelas plantações de banana e o que conheciam da língua espanhola foi suficiente para conversar com os trabalhadores. Rosita também gostou dos visitantes, sobretudo de Laurence, cuja voz grave podia

seduzir qualquer mulher.

Ramón apareceu uma manhã para lembrá-los do jantar que daria naquela noite em comemoração a seu aniversário. Sem avisar, foi até a varanda, onde todos tomavam café. A aparência elegante e seu ar de distinção e bom gosto atraíram o interesse de Cândida, que, no entanto, o cumprimentou com indiferença quando Nick os apresentou.

— Bem-vinda a nossa ilha — disse Ramón, antes de virar-se para Nick. — Vim lembrá-lo de que o jantar é às sete e meia e espero que todos compareçam. Convidei muita gente e tenho certeza de que vão se divertir.

— Sempre nos divertimos em suas festas, Ramón — afirmou Nick. — Temos sorte por fazer parte de seu círculo de amizades.

Joana dirigiu-lhe um sorriso caloroso, reparando como ele estava atraente. A calça branca e a camisa de seda aberta no pescoço bronzeado acentuavam os olhos negros e as linhas fortes do rosto.

— Eu é que deveria me sentir honrado em ser um dos amigos do consagrado escritor e teatrólogo Nick Main — brincou Ramón.

Nick ergue uma sobrancelha, respondendo com simplicidade:

— Ora, Ramón, apenas faço meu trabalho. Não sou diferente de nenhum outro que gasta sua energia para sobreviver. Apenas lido com palavras, enquanto outros mexem com enxadas, pás, martelos... — Todos riram, já conhecendo bem as idéias de Nick. — Bem, mas obrigado pelo convite. Estaremos lá, com certeza.

Com um cumprimento de cabeça, Ramón virou-se e desceu os degraus do terraço.

Depois que ele saiu, Cândida foi a primeira a falar.

— Está aí um homem que faria uma fortuna no cinema ou no palco. Tem boa aparência, classe, charme e uma voz que causa arrepios de tão sensual. Mal posso esperar até hoje à noite. Onde ele se esconde? — Olhou para Nick, que fez um gesto com a mão na direção das colinas.

— Ramón também é dono desta casa e de tudo que você puder ver a seu redor.

A garota esboçou um ar de admiração.

— Puxa! Um verdadeiro senhor feudal, hein?

À noite, Cândida entrou no quarto de Joana com um vestido frente única de seda preta que a deixava ainda mais sensual. O fecho de brilhantes que prendia o colar de pérolas de quatro voltas combinava perfeitamente com a fivela em seus cabelos loiros.

Com expressão de agrado, observou o vestido de Joana, de seda clara, com pequenas flores azuis sobrepostas. Os cabelos castanhos com reflexos dourados ressaltavam a juventude e a meiguice do rosto delicado.

— Está parecendo muito jovem, Joana. E muito bonita. — O sorriso de Cândida era um pouco invejoso.

— Obrigada. — Joana sorriu. — Tenho só dezenove anos.

— Tenho vinte e seis. — Cândida sentou-se no braço de uma poltrona fingindo examinar as unhas, bem pintadas. — Suponho que o marquês dê muitas festas, não é?

— É verdade. Ele recebe os amigos com muita freqüência.

— Ele não é casado?

— Não. Ramón é uma pessoa maravilhosa...

— Está apaixonada por ele, Joana? — Cândida encarou-a, com uma

expressão divertida. — Não quero me intrometer, mas seus olhos brilham quando fala nele... Mas tem razão, é um dos homens mais bonitos que já conheci.

— Nunca pensei em Ramón dessa maneira — respondeu Joana, com sinceridade.

— Jura?

— Ramón é meu amigo. Eu... gosto muito dele...

— Você se casaria com ele?

— Meu Deus! Não é nada disso! Não se casa com um homem só por gostar dele. É preciso amá-lo muito e ele também tem que nos amar. Pelo menos, é o que penso — concluiu Joana.

Cândida sorriu.

— Não pensa em se casar, Joana?

— Não... quer dizer, não sei. Nunca pensei muito nisso. E você?

— Sim, eu gostaria de me casar com um homem lindo, de preferência rico! — Vendo a expressão assustada de Joana, Cândida riu, indicando que não falava a sério. — Não, Joana, estou brincando. Já tive bons momentos, vários namorados, mas nenhum deu certo. Nunca fui para a cama com um homem para favorecer minha carreira. Tenho certeza de que um dia serei uma atriz conhecida, mas isso será devido a meu próprio esforço. O sucesso não significaria nada para mim se não tivesse lutado por ele. Por falar nisso, espero que essa peça de Nick me ajude bastante.

— E esses seus... namorados? Você chegou a dormir com eles, Cândida?

— Sim. Com um de cada vez, é claro.

— Não acha ruim ter ido para a cama com vários homens? Se isso acontecesse comigo, imagino que me deixaria muito confusa, sem saber qual o homem certo para mim.

A atriz observou o rosto de Joana, pensativa. Depois sorriu.

— Pode ser o contrário também. Quero dizer, ao conhecer vários homens, há mais condições de escolher.

— Ramón também já teve vários romances — contou Joana.

— Não precisa me dizer, eu já imaginava. A maior parte dos homens atraentes tem seus casos antes do matrimônio. As mulheres nunca os deixam em paz.

— As mulheres também costumam correr atrás de Laurence? — perguntou timidamente Joana.

— É claro. Laurence é um rapaz muito atraente, além de um amigo muito querido, como Ramón é para você... Joana, você ficaria aborrecida se eu tentasse conquistar o marquês? Esse homem mexeu muito comigo.

— Mas... e seu papel na peça? Acha que teria tempo?

— Uma coisa não tem nada a ver com a outra, garota. Afinal, não vou ficar vinte e quatro horas num palco, não é?

— Ramón vive aqui nas ilhas, não concordaria em que você prosseguisse com sua carreira. Quando se casar vai querer filhos para herdar o título e as propriedades.

— É mesmo? — Cândida lançou um olhar desconcertante a Joana, que não soube o que responder e baixou a cabeça, embaraçada. — Não se preocupe, pequena. Estou certa de que vai ser duro agarrá-lo, mas vale a pena tentar. Jura que não vai ficar aborrecida?

— Não. — Joana sorriu. — Desde que se apaixone realmente por ele. Não gostaria de ver Ramón com uma esposa interessada apenas em seu dinheiro ou em

seu título. Mas por que me está dizendo tudo isso, Cândida?

— Porque Nick está sendo muito gentil comigo proporcionando-me uma chance na peça. Eu não poderia magoar a filha do meu amigo, certo? Além disso, prefiro jogar limpo. Sem contar que gosto de você.

Ela abraçou Joana e as duas desceram para a sala, onde Nick e Laurence as esperavam. Ambas estavam muito elegantes e Joana percebeu o ar de aprovação nos olhos do rapaz.

Nick foi dirigindo o carro, com Laurence a seu lado. Joana sentou-se atrás, ao lado de Cândida.

— Nick, você mora num paraíso. Agora entendo por que não tem vontade de voltar para Londres — comentou a atriz.

— Não se esqueça de que sou um escritor e preciso de paz e silêncio para trabalhar. Este lugar é perfeito para mim, mas aposto que você ficaria enjoada em menos de seis meses.

— Como alguém pode se cansar de morar no paraíso? — interveio Laurence. — Se a peça for um sucesso quero comprar uma *villa* só para mim.

— Que maravilha, eu serei a primeira hóspede — prometeu Cândida, sonhadora.

Joana olhou para ela em silêncio. Por quanto tempo Cândida permaneceria encantada com a ilha? Depois que as novidades se esgotassem, era provável que a garota não visse a hora de retornar à agitação de Londres...

Nick tinha escolhido o caminho mais longo para Las Jacarandas, passando pelo povoado, que merecia uma visita por sua encantadora praça central, tendo, de um lado, um palácio imponente e, do outro, uma igreja antiga. Depois de passar o vilarejo, a estrada seguiu entre bosques e logo as torres gêmeas de Las Jacarandas se tornaram visíveis entre as árvores.

— É lindo! — exclamou Cândida.

As magnólias e primaveras espalhavam-se por toda parte e o carro seguiu lentamente para a entrada da *villa*.

Ramon os esperava, sorridente e charmoso no *smoking* elegante. Convidou-os a entrar no saguão, cujo assoalho polido era coberto por tapetes persas.

Passando por salas decoradas com móveis antigos e obras de arte, chegaram ao salão principal, onde os outros convidados já se encontravam. Havia um aroma de ciganos finos no ar misturado a perfumes exóticos. Os homens usavam *smokings* bem cortados, e as mulheres, vestidos assinados por costureiros famosos.

Ramón apresentou Cândida e Laurence a todos, enquanto Joana e o pai aproximaram-se das pessoas que já conheciam. Garçons circulavam servindo vinho e salgadinhos.

Depois do jantar, perfeito, alguns casais começaram a dançar. O café foi servido no terraço, onde se podia desfrutar a brisa suave de uma agradável noite de verão.

Dali, Joana observava o salão de baile, cujas portas se abriam para fora.

Seus olhos não conseguiam se desviar do casal que acompanhava lentamente o ritmo da canção romântica.

Os cabelos loiros de Cândida brilhavam, em contraste com os de Ramón, negros. Formavam um par magnífico.

Ela já tinha visto Ramón com belas mulheres em muitas ocasiões. Sempre dançava suavemente, mantendo uma expressão misteriosa no rosto. Dessa vez, não parecia diferente, só que o rosto de Cândida estava tão próximo ao dele que

seus lábios poderiam tocá-lo. Um estranho mal-estar a atingiu ao imaginar os dois trocando carícias apaixonadas.

Joana começou a desejar que Cândida não lhe tivesse dito nada. Ramón seria sempre seu melhor amigo, mesmo que arrumasse uma esposa. Estava confusa, mas de uma coisa tinha certeza: aquela cena não lhe parecia nada agradável. De repente, era como se uma sombra tivesse ofuscado o brilho da festa.

— Vamos dançar? — Laurence aproximou-se com um sorriso, estendendo a mão.

No salão, ele a envolveu nos braços e começaram a acompanhar o ritmo da melodia. Joana sentiu-se feliz de novo. Laurence era um bom dançarino e ela adorava dançar.

— Está muito bonita — o rapaz murmurou-lhe no ouvido. — Adoro esses reflexos dourados em seus cabelos.

Joana sorriu.

— Aposto que diz isso a todas as garotas.

Laurence fitou-a com ar pensativo.

— Nunca encontrei alguém como você, sabia? É como uma fada que saiu da floresta e veio para os meus braços. — Ele sorriu também. — Acho que os ares da ilha me deixam romântico. Não sei, não, Joana, mas pressinto que vou gostar demais de você. Importa-se com isso?

— Por que me importaria? Tenho certeza de que vamos nos divertir muito.

E divertiram-se mesmo, brincando, dançando, conversando e, às vezes, sentando-se no bar, onde Joana quase morria de rir tentando ensinar a ele palavras em castelhano e explicando como eram feitos os pratos da cozinha espanhola. Laurence a fitava com ternura o tempo todo.

No dia seguinte, enquanto Cândida, Laurence e Nick repassavam o texto da peça, Joana resolveu fazer um passeio a Las Palmas para comprar tintas. Foi com o carro do pai, pois queria deixá-lo na oficina da cidade. Na volta, pegaria carona em um dos muitos caminhões de bananas que todos os dias iam das fazendas à cidade.

Depois de deixar o carro para a revisão, comprou as tintas e outras coisas de que precisava e parou para tomar um café. As horas passaram depressa e Joana foi caminhando até o porto, onde os caminhões de banana deixavam sua carga.

O barco do correio sul-africano tinha chegado aquela manhã e o local estava repleto de trabalhadores. A maioria dos passageiros já havia desembarcado e a descarga de mercadorias estava em andamento. Joana viu diversos caminhões que pertenciam a Ramón esperando para descarregar. Qualquer motorista concordaria em lhe dar uma carona, pois muitas vezes ela já fizera isso. Sentou-se na mureta para esperar.

Como sempre acontecia, grande parte dos moradores de Las Palmas tinha vindo esperar o navio, e entre a multidão estava Ramón, apoiado numa pilha de malas, acompanhando atentamente o desembarque.

Ele estava vestido como de costume. Os cabelos, muito negros, pareciam brilhar ao sol. "Não é apenas bonito, mas inteligente e sensual", pensou Joana. Era evidente que esperava alguma correspondência, pois olhava o relógio a todo instante. Talvez fosse mesmo o homem ideal para Cândida... Aquela boca sensual devia saber beijar de maneira provocante, levando uma mulher ao paraíso. Como seria fazer amor com Ramón?

Ao notar o rumo de seus pensamentos, Joana suspirou, irritada. Não podia se esquecer de que Ramón era apenas um amigo.

Ele a viu quando se dirigia para o navio e acenou antes de subir a rampa, onde o capitão o aguardava. Logo retornou carregando diversos pacotes debaixo do braço e dirigiu-se para o local onde ela o esperava, ao lado de um armazém.

— *Juana*, o que faz aqui? — perguntou, com um olhar tão intenso que a deixou atônita. — Está esperando alguma encomenda do navio?

— Ia pegar uma carona num de seus caminhões de banana para voltar à *Villa Rosário*.

— Como chegou aqui? Não foi num de meus caminhões, não é?

— Não. Trouxe o carro de papai à oficina para revisar. Como não vai ficar pronto hoje, ia voltar de ônibus se não conseguisse carona.

— Então teve sorte. Você volta comigo. — Ramón segurou-lhe o braço e a conduziu até o estacionamento. Ali abriu o carro e colocou os pacotes e a sacola de Joana no porta-malas enquanto ela se acomodava no banco de passageiros. Logo depois, deu partida.

— Foi bom tê-lo encontrado, Ramón. É bem mais confortável voltar deste jeito.

Ele continuou a dirigir em silêncio por um bom tempo antes de perguntar, distraído:

— O que você disse?

— Nada — Joana respondeu, aborrecida. Com certeza Ramón pensava em Cândia, com quem talvez se fosse encontrar...

— Preciso ter uma conversa com seu pai, *Juana*. Ele não está se preocupando o suficiente com você. De hoje em diante está proibida de andar em meus caminhões e vou avisar todos os motoristas para não lhe darem mais carona.

Ela o encarou, perplexa. A maioria dos motoristas eram seus amigos e adorava viajar com eles, pois riam e brincavam o tempo todo.

— Mas por quê, Ramón?

— Porque não fica bem para você — ele respondeu sem controlar a irritação. — Precisa entender que não é mais uma criança, deveria perceber isso. Pegar carona em caminhões não é apropriado para uma jovem de boa educação. Se não entende, ao menos ouça meus conselhos em consideração a nossa amizade. Está bem?

Confusa, Joana o observou por um longo tempo. O elegante marquês estava lhe fazendo um pedido! Mal podia acreditar! De certo modo, essa atitude era estranha. Nunca o vira pedir alguma coisa, era sempre superior, agindo como se seus desejos fossem uma ordem.

— Nós somos ingleses — lembrou-lhe, com gentileza. — Sabe que somos mais tolerantes e não damos importância a essas coisas.

— O que quer dizer com isso? — A voz dele elevou-se, assustando-a. A simples idéia de brigar com seu amigo querido a deixava triste.

— Acho que precisa de uma esposa, Ramón. Está ficando velho e ranzinza.

Ele riu e a olhou com uma expressão mais suave. Joana também sorriu, feliz por ter quebrado o clima tenso.

— Um homem na sua posição precisa de uma esposa — explicou.

— Essa história já é muito conhecida, mas tem um fundo de verdade. Por acaso você já pensou em alguém?

— Poderia escolher uma de suas amigas, qualquer família ficaria encantada com a idéia.

— Ora, mas não sou o único que deve ficar satisfeito?

— Você ficará... se realmente estiver amando.

— Então primeiro tenho que me apaixonar?

— Ramón, você está brincando... Mas talvez isso não seja mais importante para você, não é? Às vezes os espanhóis são tão diferentes de nós, ingleses...

Sem esconder a surpresa, ele a fitou por um longo momento.

— É curioso, pensei que o amor fosse igual no mundo todo. Já estive apaixonada, Joana?

— Não, mas algum dia me apaixonarei. — Ela hesitou, pensativa. — Acho que será um inglês, como papai. Eu o adoro.

A voz de Ramón soou ríspida.

— Um homem como seu pai seria muito velho. Você não entende nada disso, ainda é uma garota bobinha. Se fosse minha filha...

— Sim, e daí? — Joana deu uma piscada para Ramón, sorrindo. — Continue, o que faria? Vamos, diga! Ora, Ramón, você é tão engraçado, não tem idade para ser meu pai.

Ele não respondeu e acabaram fazendo o resto do caminho em silêncio. Ao deixá-la na *Villa Rosário*, saiu apressado, com um rápido *adiós*.

Joana entrou em casa balançando a sacola de compras, sem entender o que tinha acontecido com Ramón. Será que o namoro com Cândida não estava indo bem? Ou seriam os negócios? Era evidente que alguma coisa o aborrecia. Nunca o vira tão irritado...

Ao se reunirem para o almoço todos estavam de bom humor. O ensaio da peça havia sido um sucesso e Nick não continha a euforia por tudo sair como esperado.

Cândida, muito bonita num vestido lilás que ressaltava o azul de seus olhos, comeu apressada e subiu em seguida para trocar de roupa e encontrar-se com Ramón. Ele mandou Andrés buscá-la com o carro e Joana ouviu-os partir quando estava na cozinha pegando uma cesta de piquenique que Rosita havia preparado.

— Por Deus, Rosita! — exclamou ao ver a grande quantidade de comida. — Tudo isso é só para nós? Parece que você quer alimentar um batalhão! Somos apenas Laurence e eu...

Rosita colocou o último pedaço de bolo na cesta, como sempre sem lhe dar ouvidos.

— Os jovens estão sempre com fome e Laurence é bem forte, tem que comer bastante. Você também precisa. Trate de se cuidar e não fale mais em seios postiços. O melhor enchimento que conheço é uma refeição saudável. E leve o chapéu!

As últimas palavras foram ditas quando Joana já saía. Rosita, balançando a cabeça, voltou a seus afazeres.

Laurence pegou emprestado o cavalo de Nick e Joana foi na frente indicando o caminho até seu local favorito nas colinas. A tarde estava linda e os dois cavalgaram até o platô gramado do qual Joana pintara a *villa* de Ramón. "No entanto, a paisagem não parece mais tão interessante", ela pensou, olhando a mansão lá embaixo. Não ficava muito feliz ao imaginar que naquele exato momento Cândida e Ramón deveriam estar trocando carícias apaixonadas...

— Lá na frente não é Las Jacarandas? — perguntou ele enquanto Joana montava os cavaletes.

Ela havia levado o material de pintura, além de uma tela extra para o rapaz, que também gostava de artes.

— É sim. Belo lugar, não? Gostou da visita de ontem à noite?

— Muito. Ramón é um bom sujeito, não acha? Cândida parece interessada,

mas também, pudera, qual mulher não estaria? Estou surpreso por você não se ter apaixonado por ele. Na verdade, fico contente com isso. — Os olhos escuros estavam sérios ao falar. — Não estaria aqui com você agora se isso tivesse acontecido. Ramón não é o tipo de homem que deixa sua mulher ir a piqueniques com outros homens.

— Céus, que comentário mais machista! Até você, Laurence?

Ele fingiu não ter ouvido e arrastou o cavalete para perto de uma pedra que seria o seu assento. Durante a meia hora seguinte concentraram-se no trabalho. Foi Laurence quem desistiu primeiro.

— Estou com vontade de beber alguma coisa — disse, sorrindo.

Abriu a cesta, pegou uma lata de cerveja e depois caminhou até Joana, olhando para a tela que ela estava pintando.

— É Cândida?

— Você a reconheceu? — exclamou Joana, deliciada. — Acha mesmo que está parecida?

— Muito. O interessante é que você conseguiu captar a expressão dela, aquele jeito meio sonhador, meio malicioso. Por que escolheu Cândida?

Joana fitou o retrato, confusa.

— Não sei, não tinha resolvido o que ia pintar e de repente aconteceu. Desculpe, não sei porque...

Laurence sorriu e acariciou-lhe os cabelos.

— Acha que precisa se desculpar por ter feito um bom retrato? É só que... — Parou de falar e Joana fitou-o com curiosidade.

— Só que...?

— Venha ver minha pintura e entenderá o que digo.

Ao se aproximar do outro cavalete Joana arregalou os olhos, surpresa. Estava diante de um perfil de si mesma.

— É lindo, Laurence. Você é mesmo muito bom. Na verdade, é maravilhoso. Por que me retratou? — Joana fitou o rosto compenetrado do rapaz.

— Foi como o retrato de Cândida, apenas aconteceu. Sabe, acho que isso ocorre quando estamos pensando em alguém.

— Não sei o que dizer. Eu não estava pensando em Cândida.

— Provavelmente estava pensando no marquês e lembrou-se de que Cândida está lá com ele. — Laurence fez um gesto vago na direção de Las Jacarandas.

— E por que pensaria nisso? Ramón é apenas um amigo. Além disso, esse assunto não é da sua conta.

Laurence corou.

— Sinto muito. Você tem razão, eu não tenho nada a ver com isso. Mas tem que admitir que gosta muito de Ramón e que ele é um homem atraente e agradável.

Ao perceber o desapontamento do jovem inglês Joana colocou a mão em seu ombro, tentando consolá-lo.

— Também sinto por ter sido tão grosseira, não tive intenção, Laurence. Não é o primeiro a me acusar de estar apaixonada por Ramón. Cândida já havia insinuado a mesma coisa. Bem, gosto muito dele, mas apenas como amigo. — Com um sorriso, puxou-o pela mão. — Venha, vamos tomar uma bebida e comer alguma coisa.

Sentaram-se na grama e Joana apanhou outra lata de cerveja para Laurence. Começaram a comer o que Rosita havia preparado: omeletes deliciosos à espanhola, carne e frutas.

Só mais tarde, quando tomavam café, Laurence pareceu relaxar. Acendeu um cigarro e esticou as pernas.

Joana analisou o perfil bem marcado pensando que ele era muito simpático. Demonstrava inteligência e sensibilidade, não era uma pessoa medíocre...

— Tem família, Laurence? — perguntou, tímida.

— Meus pais moram em Buckinghamshire. Papai tem um bom pedaço de terra, queria que eu fosse fazendeiro. Só que eu sempre quis ser ator. Então fizemos um trato. Se não tiver sucesso em cinco anos, volto para a fazenda. Estas são minhas primeiras férias em três anos de pequenos papéis no palco.

Joana olhou para o alto das colinas, onde se viam cabras pastando e, às vezes, a figura colorida de uma cigana catando gravetos e flores. A expressão serena dava-lhe uma aparência frágil, quase infantil.

— Fale-me da Inglaterra, Laurence. Lembro-me muito pouco dos anos em que vivi lá.

Capítulo III

Joana não conseguiu dormir bem naquela noite e no dia seguinte, bem cedo, foi à praia para dar um mergulho. Ao voltar para o café da manhã encontrou Nick ocupado com a correspondência. Cândida, bem-disposta, não escondia seu entusiasmo, pois iria passear com Ramón à tarde. Laurence lhe contara que Joana havia pintado um retrato seu e Cândida sentia-se lisonjeada.

— Que surpresa agradável. Estou louca para vê-lo.

— Não ficou muito bom — Joana apressou-se em dizer, um pouco sem jeito. — Não tenho experiência.

— Ficou excelente — interrompeu Laurence.

Tanto Nick quanto Cândida concordaram com ele quando Joana lhes mostrou a tela.

— Gostaria de comprá-lo. É lindo.

— Pode ficar com ele, Cândida. Fico contente que tenha gostado.

— Por que não se especializa em retratos? — sugeriu Cândida. — Aposto que faria um sucesso enorme.

Joana não respondeu. No momento, até seu interesse pela pintura tinha diminuído. E não sabia bem por quê.

À tarde, saiu com Laurence para passear em Las Palmas. Os passeios com ele eram muito diferentes dos que faziam com Nick ou Ramón.

Ao lado do rapaz, sentia-se como uma turista visitando lojas de presentes e *souvenirs*, cafés com mesinhas na calçada e restaurantes típicos. Riram muito quando Laurence resolveu comprar dois *sombreros*, o chapéu da região, e insistiu para que ambos os usassem durante o passeio pela cidade. Tudo estava indo muito bem até o momento em que entraram no Clube Espanhol para um drinque. Os sócios, em sua maioria, eram moradores selecionados, dos quais Nick e Ramón faziam parte.

Ramón estava lá, elegante como sempre sentado a uma mesa com Cândida, com os cabelos dourados mais lindos do que nunca e a pele bronzeada realçando os traços bonitos. Ao vê-los, Joana pensou em sair correndo e lamentou ter sugerido a Laurence que fossem àquele local.

O dia estava quente demais, mas no clube a temperatura era agradável. Pelas janelas do terraço havia uma vista magnífica da baía e o serviço era perfeito. Ramón acenou, convidando-os para a mesa. Joana, sem outra alternativa, aproximou-se.

— *Juana*, Laurence. Que surpresa agradável. Por favor, sentem-se.

O garçom trouxe mais uma cadeira e Ramón pediu drinques para todos, incluindo uma cerveja gelada para Laurence e uma limonada para Joana.

— Ramón — disse Cândida em voz suave —, você a chamou de *Juana*?

— Sim. É espanhol.

Os olhos azuis de Cândida observaram os drinques que o garçom acabara de trazer com expressão interrogativa. Tomando um gole do gim-tônica, perguntou:

— Por que pediu limonada para ela?

— Ramón sabe que eu gosto de limonada, Cândida. Nunca bebo álcool, com exceção de vinho.

Ramón estava sentado entre as duas. Virou-se e pegou o chapéu que Joana colocara a seu lado, entregando-o ao garçom para guardá-lo.

Joana percebeu que ele não havia aprovado o uso daquele adereço num clube tão elegante como o Espanhol. Detestava qualquer coisa que chamasse a atenção ou tendesse à vulgaridade.

Cândida tinha percebido a reação negativa de Ramón ao ver o *sombrero*, mas não fez comentários. O incidente logo foi esquecido, e pediram uma nova rodada de drinques ao garçom.

Com um sorriso, Ramón voltou-se para Joana.

— Acabava de dizer a Cândida, pouco antes de vocês chegarem, que meu iate, *El Gavilán*, estava parado para alguns consertos, mas deve chegar a Tenerife dentro de uma hora. Como no fim de semana preciso ir até lá a negócios, pensei que poderiam aproveitar para um passeio. — Com um gesto cordial, dirigiu-se a Laurence. — O que você acha?

— Parece interessante. Obrigado pelo convite.

— Queria muito conhecer Tenerife — exclamou Cândida, entusiasmada. — Vamos passar todo o fim de semana lá?

— Podemos ficar hospedados no iate, a menos que prefiram um hotel.

— Oh, não! Prefiro o iate. — Cândida inclinou-se para Ramón com os olhos brilhantes e um sorriso sedutor. — É uma ilha vulcânica, não é?

— O pico de Teide fica próximo a uma cratera. O vulcão é enorme, mas está inativo há muitos anos. O clima ali é sempre agradável e existem muitos vilarejos espalhados pela ilha. Os habitantes são hospitaleiros e usam roupas típicas, mantendo um folclore muito rico. Não há muitas praias em Tenerife, mas existem muitos hotéis com piscina.

— Parece maravilhoso — murmurou Cândida.

Joana não disse nada. Lá conhecia o luxuoso iate de Ramón, onde tinha estado muitas vezes com seu pai. Só não estava gostando da idéia de passar todo o fim de semana vendo Cândida tentar conquistá-lo. Mas era bobagem preocupar-se, afinal ela não podia fazer nada. Ramón sabia cuidar muito bem de si e, além disso, tinha o direito de se apaixonar por Cândida, uma mulher atraente que chamava a atenção de qualquer homem.

— Você também irá, *Juana* — afirmou Ramón, com um sorriso.

Joana também sorriu, sem muita certeza de querer acompanhá-los. Eram bastante amigos, mas, de repente, a amizade parecia ameaçada. Teve vontade de perguntar-lhe se não preferiria ficar sozinho com Cândida, mas conteve-se e mudou de idéia.

— É claro que irei. Na última vez em que estivemos lá vi uma estatueta de rocha vulcânica que gostaria de ter comprado para papai, mas não tinha dinheiro suficiente. Desta vez fiz umas economias... — Meio sem jeito, Joana deu de ombros.

— Por que não me pediu o dinheiro? — perguntou Ramón, um tanto impaciente. — Você me pagaria mais tarde se quisesse.

— Custava muito caro e eu não sabia se conseguiria juntar tanto dinheiro. — Joana sorriu. — Além disso, não seria a mesma coisa se você comprasse para mim. Mas agora tenho um bom dinheiro, pois vendi um quadro pequeno para um turista americano. Isto é... — Tentou explicar o que havia acontecido. — Ele mesmo pegou o quadro e deixou um cheque no lugar da tela. Nem o conheci.

Ramón franziu a testa, demonstrando desagrado.

— Não importa o preço, eu teria comprado qualquer coisa que quisesse dar a seu pai. E essa história do americano? Quando aconteceu? Por acaso estava sozinha nas colinas?

— Tinha ido levar algumas frutas para uma amiga doente, não demorei mais que cinco minutos. Quando voltei, o quadro havia sumido e o cheque estava em seu lugar. Pepe, o filho de minha amiga, viu o americano levando o quadro.

— Não gosto desses seus passeios pelas colinas. São perigosos para uma garota como você. — Ramón a encarou, sério. — Vou falar com seu pai. Acho que ele lhe dá liberdade demais...

— Qual é o problema? — interrompeu Cândida. — Joana precisa procurar lugares bonitos para pintar. Aliás, acho que tem muito talento. Você sabia que ela pintou meu retrato?

— É mesmo? — Ramón ficou mais interessado. — Gostaria de ver o quadro.

Joana mexeu-se na cadeira, incomodada com o rumo da conversa.

— Bem... eu o fiz muito depressa. Não é nada especial. Só que Cândida gostou e então o dei a ela de presente. E por favor... — Ela parou, olhando-o com expressão de súplica. — Não diga nada a papai sobre meus passeios nas colinas. Sou adulta e posso me cuidar. Não sou mais uma garotinha.

— Este é o problema, cara *Juana*. Não é mais uma criança. Joana não respondeu, notando o tom de advertência na voz de Ramón. O que será que ele pretendia? A advertência era para ela ou para Laurence, que ultimamente a acompanhava em todos os passeios?

O dia seguinte amanheceu ensolarado e Joana levantou-se cedo, ansiosa por um mergulho. Ao sair do quarto, com uma camisa sobre o biquíni, encontrou Laurence com um calção de banho e uma toalha no ombro.

Riram e, de mãos dadas, foram até a garagem pegar o carro.

Começaram a passar boa parte do tempo juntos. Nadavam bem cedo e quase todas as tardes cavalgavam pelas colinas. Ela o levou a todos os seus esconderijos favoritos, como as cavernas e rochas enormes que se espalhavam pela região. Ao anoitecer saíam para dançar.

A vida de Joana tornou-se movimentada e cheia de novidades, o oposto dos dias em que tinha apenas as pinturas e o pônei para se distrair enquanto o pai escrevia.

Cândida também estava aproveitando a estada na ilha. A cada dia ficava mais bonita, com a pele bronzeada realçando o dourado dos cabelos, e Ramón parecia não se cansar de admirar aquela mulher elegante que chegava a mudar de roupa várias vezes ao dia.

Pela manhã usava conjuntos de seda em tom pastel, para o almoço escolhia vestidos de verão feitos de linho e para a noite reservava os trajes mais deslumbrantes. Joana imaginava se algum homem seria capaz de resistir, principalmente Ramón, tão acostumado a uma vida sofisticada. Cândida sabia que

seus dias na ilha estavam terminando e não queria perder tempo.

A nova peça de Nick estrearia em Londres no outono e os ensaios começariam em breve. Ainda faltava o último capítulo, mas Joana sabia que o pai podia escrevê-lo num piscar de olhos assim que tivesse pensado no final da história.

Quase no fim da semana, ao descer para o jantar, encontrou Nick na varanda tomando um drinque. Laurence tinha levado Cândida a Las Palmas para fazer compras e Joana não sentira disposição para acompanhá-los.

Com um gesto gracioso, sentou-se no braço da poltrona do pai e beijou-o no rosto. Nick fitou-a com carinho.

— Está cada dia mais bonita. Gosto de seus cabelos com essa fita. Sabe que o sol a deixou quase loira?

Joana puxou os cabelos para o alto da cabeça.

— Tenho muito cabelo e demora para secar. Estou com vontade de cortá-lo bem curtinho.

— Seus cabelos são lindos, minha filha, seria uma pena cortá-los. E você não seria a minha Joana sem eles.

Ela riu e passou um braço em volta dos ombros do pai.

— Não acha engraçado como Cândida e Laurence se deram bem aqui? Vou sentir falta deles quando forem embora.

Com expressão séria, Nick fitou a filha antes de falar.

— Gostaria de ir para Londres com eles? Poderia ficar lá algum tempo se quisesse, tenho amigos que adorariam hospedá-la. Acho que não tenho sido justo com você. Tem ficado presa a meu lado quando podia estar aproveitando melhor seu tempo.

Joana imaginou a cidade grande, movimentada, com muitas festas, bailes, teatros, exposições...

— Papai... — Ela hesitou, escolhendo as palavras certas. — Não gostaria de ir também? Seria tão bom se pudesse assistir à estréia da nova peça. Além disso, seu público adoraria vê-lo.

Pegando a mão delicada da filha num gesto carinhoso, ele tentou explicar:

— Se eu fosse, voltaria no dia seguinte. É maravilhoso trabalhar aqui, longe das pressões, do barulho da cidade, da poluição. Além disso, a peça só vai estreiar no outono e aí já estará muito frio em Londres.

— Não se importaria se eu fosse, papai?

— É claro que não. Só que preferiria que fosse na primavera, em vez do outono.

— Por quê?

— É arriscado ficar resfriada ou apanhar uma pneumonia. Vai precisar de roupas quentes. O clima de Londres é bem diferente do daqui.

— Papai! Sabe que nunca fiquei doente. Está exagerando. — Ela inclinou-se e beijou-o na testa.

Cândida e Laurence chegaram nesse momento e subiram para trocar de roupa. Ambos estavam carregados de pacotes. Mas a maior parte deveria ser da atriz. "Ela gasta demais para uma artista desconhecida", pensou Joana.

Depois do jantar, Nick convidou Laurence para uma partida de xadrez e Cândida levou Joana para o quarto a fim de mostrar-lhe as compras.

— Isto é para você — disse, estendendo-lhe um pacote pequeno com um laço de fita.

Surpresa, Joana pegou o embrulho, sem abrir.

— Para mim? Por quê?
— Porque tem sido muito gentil comigo. Então, não vai abrir o presente?
— Desculpe. — Com muito cuidado, Joana desembalou o pacote. Era uma bolsinha de noite, toda tecida em fios dourados e rosa-pálido.
— É linda! Oh, Cândida, mas deve ter custado muito. Tem certeza de que pode gastar tudo isso?
— É claro que posso. Tenho mais uma coisa para você...
Cândida foi até a mesa-de-cabeceira e pegou um cheque.
— É seu, Joana. Vendi o retrato para Ramón e gostaria que dividíssemos o dinheiro.
— Não estou entendendo. Que retrato você vendeu?
— Ora, o meu retrato. Quando o mostrei a Ramón ele quis comprá-lo imediatamente. — Cândida deu de ombros. — Eu disse que poderia ficar com o quadro como um presente, mas ele fez questão de pagar. Insistiu tanto que acabei concordando. Ele adorou seu trabalho.
— Eu sei. — Joana imaginou o quanto Ramón gostaria de ter um retrato de Cândida. — Mas não quero o cheque. O quadro foi um presente e, se decidi vendê-lo, o dinheiro é seu.
Cândida sorriu.
— Está bem. Não vou dizer que um dinheiro extra não vem a calhar. Não está zangada comigo porque vendi o quadro, não é?
— Por que ficaria zangada? O quadro era seu e poderia fazer o que quisesse. Por acaso Ramón disse por que queria comprá-lo?
Cândida pôs o cheque sobre a mesinha antes de responder:
— Não, mas o motivo parece óbvio. — Ela virou-se devagar, sorrindo. — Queria o quadro porque é o meu retrato. Afinal, temos passado muito tempo juntos, ou você não notou?
Joana desviou o olhar como se examinasse a bolsinha e Cândida aproximou-se para abraçá-la.
— E tudo isso graças a você, Joana. O retrato vai fazer com que ele se lembre de mim quando eu não estiver mais aqui. Ah! Já ia me esquecendo de mostrar o que comprei para o nosso fim de semana em Tenerife. — Sorrindo, começou a abrir os pacotes como se estivesse muito satisfeita com o rumo que as coisas estavam tomando.
Nick não os acompanhou a Tenerife, pois estava muito ocupado com a peça, mas levou-os de carro a Las Palmas para tomar o iate. Assim que chegaram ao cais avistaram o luxuoso barco branco sobre a água azul. O nome *El Gavillán* estava pintado em letras grandes no casco e um desenho de um avião voando enfeitava a proa.
Alguns marinheiros vieram apanhar as bagagens, seguidos de Ramón, que usava calças brancas e um *blazer* azul-marinho com o brasão da família bordado no bolso.
O coração de Joana quase parou ao ver o modo como ele sorria para Cândida, vestida de azul e branco, com um pequeno chapéu de palha branco enfeitando os cabelos louros.
Joana estava muito simples, usando um conjunto de unho verde que a deixava ainda mais jovem. Os cabelos castanho-dourados, brilhando ao sol, e o rosto sem maquiagem faziam-na parecer quase uma menina.
Ramón inclinou a cabeça para beijar-lhe a mão com um sorriso maroto.
— *Juana*, sua aparência nos faz pensar numa manhã de primavera. —

Depois virou-se para cumprimentar Nick e Laurence. — Bem-vindos a bordo. — O sorriso desapareceu quando Nick explicou que não poderia ir, pois tinha muito trabalho a fazer. — Então venha a bordo para tomar um drinque — insistiu. — Para isso não vou aceitar desculpas.

Enquanto as bagagens eram levadas para as cabines, eles se dirigiram para o salão principal. Ramón preparou os drinques e serviu os convidados.

Conversaram até a hora da partida. Nick despediu-se desejando um bom passeio, deu um beijo em Joana e desembarcou.

Mais tarde, em sua cabine, Joana tomou um banho e escolheu um vestido de algodão, bem leve, com flores laranja num fundo branco e sandálias baixas de couro cru. Para completar, escovou os cabelos e colocou uma fita da cor do vestido para enfeitá-los, pois planejava desembarcar em Tenerife.

Encontrou Cândida no corredor usando um lindo conjunto de seda branco, com um turbante combinando.

— Que passeio maravilhoso! — exclamou, passando o braço pelo de Joana. — Não vejo a hora de chegar a Tenerife.

Ramón e Laurence estavam no salão de refeições quando as duas entraram. Era um local amplo e àquela hora fresco, graças à brisa suave que vinha do mar.

Um pouco depois das quatro horas entraram no pitoresco porto de Santa Cruz, cheio de veleiros e iates de luxo. Rosas, camélias e primaveras enchiam a paisagem com cores variadas. Muitos turistas tomavam banho de mar. Em contraste com Las Palmas, Santa Cruz era um grande centro de compras em que se encontrava de tudo.

A loja onde Joana tinha visto a estatueta ficava na *Calle dei Castillo*, a principal rua de comércio da cidade. A loja trabalhava com artesanato de bambu e vime, entre outras coisas. A escultura de que ela havia gostado na visita anterior não estava mais lá. Ramón trocou algumas palavras com o vendedor, que foi até o fundo da loja e, em poucos instantes, voltou, satisfeito, trazendo a peça. Ergueu-a contra a luz e cores luminosas brilharam dentro da rocha.

— Não é linda, *senorita*? Gostou tanto dela na última vez que resolvi guardá-la até que voltasse.

Encantada, Joana não conseguia tirar os olhos daquelas formas delicadas que representavam o corpo de uma mulher.

— É mesmo? *Gracias, señor*. Quanto disse que custava? — Ao inclinar a cabeça para pegar o dinheiro dentro da bolsa perdeu a troca de olhares entre Ramón e o vendedor, que concordou com um gesto. Quando o homem disse o preço, Joana levou um susto. — O senhor baixou tanto assim o preço? Tenho certeza de que era bem mais.

O vendedor deu de ombros, num gesto tipicamente espanhol.

— Para a senhorita faço um preço especial já que gostou tanto desta peça. Além disso me disse que é para seu pai...

Joana riu e entregou-lhe o dinheiro. O homem foi embrulhar o presente no balcão dos fundos.

Cândida e Laurence estavam olhando algumas cestas de vime no outro canto da loja.

— Então, consegui sua pedra. — Ramón observava com atenção a expressão de felicidade no rosto dela. — Sabe o que mais gosto em você, minha *Juana*? É essa simplicidade, esse jeitinho adorável de alegrar-se com as pequenas coisas.

— Deve me achar muito ingênua, não?

Por um instante houve um brilho estranho nos olhos de Ramón.

— Nós dois somos grandes amigos. Há algo entre nós que é muito especial. Tenho certeza de que... — A chegada do dono da loja com o pacote impediu-o de continuar. Nesse mesmo instante Cândida veio mostrar-lhe o que escolhera e a conversa passou a girar sobre outros assuntos.

A atriz ficou ao lado de Ramón o resto da tarde, deixando Laurence com Joana. Só voltaram ao iate ao anoitecer para tomar um banho e trocar de roupa.

Jantaram no lugar mais elegante da ilha, Puerto de Santa Cruz, a uns vinte quilômetros da cidade. Ramón tinha trazido o carro no iate e foram ao restaurante com ele. Durante a refeição, um cantor espanhol fez uma apresentação de baladas românticas, depois foi a vez de um grupo de bailarinos de *flamenco*, a dança típica espanhola.

Para Joana, a noite foi agradável e diferente de tudo a que estava acostumada. Sentada no banco de trás do carro na volta para o iate, deitou a cabeça no ombro de Laurence, sonolenta. Ele aproveitou para abraçá-la e encostar a cabeça loura na dela.

Em seguida segurou-lhe o queixo e a beijou suavemente. Joana gostou, embora a princípio tivesse ficado assustada. Ao deitar-se a lembrança ainda a perturbava.

Na manhã seguinte, Ramón tinha alguns negócios para resolver em terra e, quando voltasse, todos iriam passear em Santa Cruz. Depois que o marques saiu, Laurence foi visitar a casa das máquinas e as duas moças deitaram-se no convés para tomar sol. Cândida, linda num biquíni cor-de-rosa, estendeu-se numa espreguiçadeira. Joana, com um maiô turquesa, sentou-se a seu lado com um livro.

— Você e Laurence estavam muito quietos ontem à noite no banco de trás — provocou Cândida. — Por acaso andam namorando?

Joana corou e respondeu com dificuldade:

— Você se importaria se estivéssemos?

— É claro que não. — Cândida sorriu. — Por acaso prefere os ingleses?

Joana abaixou o livro antes de explicar.

— Não conheço muitos ingleses, por isso não posso responder. E você? O que acha?

— Acho que já conheci o suficiente dos ingleses. Prefiro o marquês.

— Todos gostam do marquês. Mas a nossa vida é muito diferente. Uma pessoa como você, acostumada às grandes cidades, deve achar a ilha monótona demais.

— Está enganada. — Cândida tampou o frasco de bronzeador que passava no corpo e colocou-o no chão, estendendo-se na cadeira com gestos sensuais. — Acho que seria muito feliz aqui. Aliás, não deve existir nada mais incrível do que se casar numa ilha.

— Com... Ramón?

— É claro. Não acha que sou diferente das namoradas que ele já teve? Cabelos loiros e olhos azuis não são muito comuns nas ilhas. — Cândida deu um sorriso de satisfação que irritou Joana. — Sei que ele é muito experiente e vai demorar até fazer um pedido de casamento. Mas eu espero.

De repente, Joana começou a sentir dor de cabeça, uma coisa que raramente lhe acontecia. Será que era tensão. Ou estava com inveja daqueles lindos cabelos loiros e olhos azuis?

Cândida tinha fechado os olhos e sonhava com a vida na ilha ao lado de

Ramón. Olhando o relógio, Joana decidiu ir até a cabine descansar um pouco, pois Ramón logo voltaria.

No entanto, não desceu logo, preferindo dar uma volta pelo convés na esperança de que a brisa fresca diminuísse sua dor de cabeça. Estava inclinada sobre a amurada admirando o mar quando ouviu passos atrás de si.

Ao virar-se viu Ramón, que se aproximava, charmoso como sempre.

— Está sozinha? — Ele observou seu rosto pálido. — Onde estão os outros?

— Laurence está na casa das máquinas e Cândida, tomando sol. Estávamos esperando você.

— Está pálida. Tomou muito sol ou está com dor de cabeça?

Joana forçou-se a sorrir.

— Você parece meu pai, Ramón. Estou bem, pare de se preocupar.

Ele pareceu prestes a lhe dizer algo importante, mas desistiu, pegando um charuto e inclinando-se também na amurada.

— Nick me disse que você pretende ir a Londres. Não se incomoda em deixar seu pai aqui?

Com os olhos fixos no mar azul, ela respondeu, tranqüila:

— Vou sentir falta de papai, claro, mas não posso perder essa oportunidade de fazer o que sempre quis: ver como vivem as outras pessoas.

— Concordo. Mas por que parecia tão triste agora há pouco? Deveria estar feliz com a idéia da viagem. — Os olhos escuros pousaram nela, pensativos. — Não está animada?

— É claro que sim.

No entanto, sua expressão desmentia essas palavras.

— Mas está apreensiva. Tem medo de que seu sonho a decepcione? Imagino como essa viagem pode mudar sua vida...

Ela notou uma certa tristeza na voz do amigo.

— Acho que não deve mudar muito. — Riu, ansiosa por quebrar a tensão que havia surgido entre eles.

O relacionamento com Ramón tinha mudado. Não havia mais aquela tranqüilidade, facilidade de comunicação, risos e brincadeiras. Sem dúvida, a vinda dos dois amigos ingleses influenciava a vida de todo mundo...

— Por que pensa que eu vou mudar?

O sorriso de Ramón era enigmático e sua voz fria soou distante.

— Sei que vai mudar. Aliás, desde que Laurence chegou você está diferente. Gosta dele?

— É claro que gosto. E gosto também de Cândida. E você?

— Não foi isso que quis dizer, mas não importa. Concordo com você quanto à viagem; tem o direito de ir à Inglaterra e sei que vai gostar. Eu mesmo pretendo estar em Londres quando a peça de Nick estrear.

— Que bom! — Joana sorriu, contente. — Vou esperar sua visita.

— Veremos. Muita coisa pode acontecer até lá. Enquanto isso vamos aproveitando o dia. Acho que iremos primeiro a El Teide. Precisamos mostrar a nossos convidados a montanha mais alta das ilhas. Venha.

— Está bem.

Para não perder tempo, almoçaram depressa e saíram no carro de Ramón em direção à montanha. Ao deixarem o porto, ele tomou uma estrada que subia ao topo de El Teide passando por florestas de pinho e eucaliptos. Ao longe, viam-se plantações de banana e vales cheios de palmeiras.

Aos poucos, as árvores começaram a sumir e a paisagem se modificou.

Formas estranhas de pedra vulcânica em tons de vermelho, rosa, amarelo e preto espalhavam-se por todo lado. Ao longe, lá embaixo, o iate de Ramón parecia um pontinho nas águas, junto ao porto.

Ele parou o carro junto à estação do teleférico. O bondinho suspenso por cabos levava os visitantes à parte mais alta da montanha, a quase quatro mil metros de altitude. Lá no alto a vista do mar era magnífica e as ilhas e montanhas menores pareciam de brinquedo.

Mais tarde, tomaram um copo de vinho branco num barzinho e, em seguida, pegaram o bondinho até o carro para retornar ao iate.

Capítulo IV

Depois daquele fim de semana, os dias foram tranquilos e cheios de sol. Pela manhã, Nick, Cândida e Laurence ensaiavam a peça e à tarde Cândida passeava com Ramón.

Quanto a Joana, tornava-se cada vez mais amiga de Laurence, vivendo momentos interessantes a seu lado. O rapaz fazia com que se sentisse segura, ao contrário de Ramón, que sempre se dirigia a ela como se precisasse de proteção, embora não deixasse de tratá-la com carinho, conduzindo-a às vezes pelo braço e beijando-lhe a mão com um sorriso brincalhão quando se despediam.

Laurence deixava a cargo de Joana todas as decisões sobre onde ir nas horas de folga.

Depois daquele primeiro beijo no carro de Ramón, Laurence não tomou mais nenhuma iniciativa. Essa reserva devia-se ao comportamento de Joana, que se afastava dele, tímida, sempre que a situação ia se tornando muito íntima. As despedidas, ao fim de cada noite, eram bem rápidas.

Uma tarde, ela resolveu levá-lo a sua praia favorita, que pertencia a Ramón. Com certeza estaria deserta. Rosita preparou o lanche e, depois do almoço, ambos saíram de carro.

— Está enjoada de Las Palmas? — perguntou Laurence ao vê-la seguir por uma estrada diferente.

— Não. Vou levá-lo a uma praia isolada, onde poderemos tomar banho de sol. Pertence a Ramón e é muito linda, acho que vai gostar.

— Não é arriscado ir até lá?

— Arriscado? Por quê?

— E se Ramón e Cândida também tiveram a mesma idéia.

— Acho que não.

— Como pode estar tão certa?

Joana fez uma curva fechada antes de responder:

— Ramón é muito conservador.

Laurence deu uma risada.

— Entendo o que quer dizer. É verdade que por aqui um homem leva anos para pedir uma mulher em casamento?

— É mais ou menos assim. No caso de Ramón, por exemplo, é mais complicado ainda porque ele tem uma posição social para defender. Como é um marquês, tem que escolher uma noiva que seja bem-vista pelos amigos, parentes e empregados.

O rapaz assobiou baixinho, surpreso com tantas formalidades.

— O que acha que eles pensarão da nossa amiga?

— Cândida? — Joana foi deliberadamente evasiva. — Você a conhece melhor do que eu. Não tenho nada a dizer.

A aparência de pouco caso de Joana era fria demais para ser verdadeira, e, temendo que Laurence percebesse, ela concentrou a atenção na estrada, sem falar mais nada.

Perturbada, pensou que nesse exato momento Ramón poderia estar em algum lugar romântico com Cândida. E a jovem atriz, que não tinha deixado de provocá-lo com seu charme desde que o conheceu, não teria nenhuma inibição. Era capaz de qualquer coisa para agarrar seu homem.

— Você é uma garota e tanto, Joana. — Laurence interrompeu suas reflexões. — É simples, honesta e não tem nenhuma malícia.

Joana olhou-o com um sorriso provocante. Estava agindo de uma maneira completamente diversa da habitual e nem ao menos sabia por quê. Talvez quisesse provocar Laurence para que ele revelasse seus verdadeiros sentimentos por ela. Ou então desejasse apenas se assegurar do que sentia por ele. Seria apenas amizade?

— Passei a maior parte da vida com meu pai e meus quadros, Laurence, numa espécie de redoma de vidro. Por isso sou meio inexperiente...

Ele correspondeu ao sorriso, mostrando seu bom humor habitual.

— Você é mesmo uma garota muito especial, do tipo que minha mãe adoraria que eu namorasse.

— Obrigada — agradeceu, lançando a Laurence outro olhar sedutor.

O que estava acontecendo com ela para usar aquele tipo de artifício que julgava tão vulgar numa mulher? Deveria estar envergonhada. Era mais sensato aproveitar o dia, como o amigo estava fazendo, e evitar mais complicações.

A paisagem bonita fez com que esquecesse os problemas. Uma série de cavernas estendia-se até a baía, meio escondida por uma vegetação luxuriante.

Apreciaram tudo aquilo como se estivessem num paraíso isolado do mundo exterior. Estacionaram o carro ao pé da colina, pegaram as sacolas e desceram até a praia.

Era uma trilha sinuosa, e Laurence a seguia por verdadeiros túneis de plantas, salpicados de primaveras e madressilvas. Estava encantado com a beleza do lugar, que proporcionava vistas cada vez mais bonitas do mar à medida que se aproximavam. Ficou admirado ao ver a pequena faixa de areia limpa diante do mar azul.

— Parece uma praia secreta. Este é o único caminho? — Ele forçou a vista na direção das colinas, mas não encontrou qualquer outro acesso.

Joana negou com um gesto de cabeça.

— Acho que há uma trilha que vem de Las Jacarandas. Eu adoro nadar aqui. Podemos mergulhar depois daquela pedra. — Ela apontou para a direita, onde a curva da praia acabava num rochedo que se estendia sobre a areia. — Você se troca lá embaixo enquanto eu visto meu maiô aqui entre as árvores.

Enquanto o amigo se afastava, ela colocou a sacola sobre umas pedras e trocou de roupa. Quando saiu, Laurence estava dando um mergulho na extremidade da baía. Ao vê-la, veio nadando em sua direção com fortes braçadas. Joana avançou pela parte mais rasa e depois se atirou nas ondas.

Quando se encontraram, começaram a nadar e a brincar como dois golfinhos, jogando água um no outro. Ao saírem do mar, correram pela praia, com Laurence tentando alcançá-la sem conseguir. Por fim, ofegantes, caíram na areia, rindo muito.

Mais tarde nadaram de novo e caminharam de mãos dadas até o abrigo dos rochedos, onde Laurence estendeu as toalhas de praia para Joana abrir a sacola com o lanche.

Tomaram vinho e comeram quase tudo que Rosita tinha preparado.

Satisfeitos, estenderam-se lado a lado na areia.

Abrigada do sol, que brilhava fortemente, Joana adormeceu, meio tonta pelo vinho.

Quando acordou, ainda cheia de preguiça, viu Laurence adormecido a seu lado. Estava deitado com as mãos sob a cabeça, com uma expressão sorridente nos lábios, como se sonhasse com coisas agradáveis. Parecia tão infantil e bonito com seu bronzeado que Joana inclinou-se sobre ele e tocou-lhe o queixo com os lábios.

Laurence abriu os olhos e deparou com o rosto delicado de Joana acima do seu. Então, acariciou-lhe as faces e puxou-a, ficando bem próximo de sua boca macia.

Ela resistiu por um momento, mas logo se entregou ao beijo suave e ao contato daquela pele quente e máscula, muito excitante. Laurence deitou-a de costas sobre a areia e os beijos tornaram-se mais ousados.

A princípio, ela correspondeu, empolgada pelas sensações que a dominavam, mas de repente foi invadida por uma sensação de pânico. Empurrou Laurence, que caiu na areia, e num salto afastou-se rapidamente.

O desejo que a envolvera com tanta intensidade havia desaparecido, deixando uma sensação de desgosto. Momentos antes, com as mãos de Laurence percorrendo-lhe o corpo e a respiração excitada junto a seu rosto, Joana quase perdera o controle.

Mesmo sendo jovem e inexperiente, sabia que precisava ser amada não apenas por seu corpo, mas por tudo o que era. "Não é difícil confundir atração física com amor", pensou. Estava confusa sobre seus sentimentos em relação a Laurence. Com o rosto corado, notou a expressão de surpresa do amigo.

— O que vai pensar de mim, trazendo-o a esta praia deserta? Eu... não o trouxe aqui para... bem, para aquilo que está pensando. — Envergonhada, cobriu o rosto com as mãos, tentando explicar: — Acontece que esta é minha praia favorita. Desculpe-me, eu não queria causar má impressão. Não queria que isto acontecesse...

Os olhares provocantes que lançara a Laurence durante o caminho pareciam-lhe ridículos naquele momento.

— Sinto muito mesmo — insistiu. — Continuamos amigos?

Encarou-o, suplicante, mas Laurence ficou em silêncio. Depois de algum tempo, respondeu em voz baixa:

— Não precisa se desculpar, Joana. Já a conheço bastante para chegar às minhas próprias conclusões. Foi minha culpa também, fiquei empolgado e acabei perdendo a cabeça. Eu não gostaria que isso acontecesse, pelo menos por enquanto.

— Não entendo. O que quer dizer com "pelo menos por enquanto"?

Laurence estava sentado na areia apoiado nos braços. Ao falar, desviou os olhos, fitando o mar azul.

— Acho que agora já sabe de tudo. Estou me apaixonando por você, Joana. Quando se debruçou sobre mim com tanta ternura, pensei que estivesse começando a corresponder. Mas acho que me enganei.

Mais uma vez ela levou as mãos ao rosto corado.

— Oh, Laurence! Nunca, nem por um minuto, pensei que gostasse tanto de mim. Eu não teria agido dessa maneira se soubesse. — Por um momento fitou-o, sem saber o que dizer. — Foi natural você ter pensado assim, afinal eu o trouxe para este lugar deserto... — Temendo magoá-lo, Joana procurou usar palavras que não o ferissem ainda mais. — Também gosto de você, mas apenas como amigo.

Ainda somos amigos, não é?

Num gesto de desculpas, estendeu-lhe a mão, mas Laurence afastou-se, brusco.

— Não me olhe desse jeito, senão acabo perdendo a cabeça de novo. Vamos embora daqui.

Decidido, levantou-se e recolheu a toalha em silêncio. Joana fez o mesmo, sentindo-se arrasada. Jogou a toalha sobre os ombros e abaixou-se para apanhar a sacola de praia, mas Laurence se antecipou,

— Também não precisa ficar tão deprimida — brincou, passando um braço pelos ombros dela e beijando-lhe os cabelos.

— Foi sua primeira experiência com um homem?

Confusa, ela olhou para Laurence sem entender o sorriso e a súbita mudança de humor. Se estava magoado, escondia muito bem...

— Sim, foi a primeira vez — respondeu com franqueza. — Deve ter me achado muito ingênuo...

As mãos de Laurence tocaram as dela ao entregar-lhe a sacola de praia. Seu olhar se deteve no rosto delicado e nos olhos cor de mel de Joana.

— Você é uma garota maravilhosa, pura e meiga. Vamos esquecer o que aconteceu aqui e começar tudo de novo. — Inclinou a cabeça e beijou-lhe as mãos. — Combinado?

— Combinado! Quero que seja meu amigo. Gosto muito de você. Não imagina como é importante para mim tê-lo por perto. Poderia até me apaixonar por você, mas não prometo... Você ficaria muito triste se não acontecesse nada?

Ele abriu um sorriso largo, que parecia ser exclusivo para Joana.

— Você se preocupa demais, garota. Que tal nos vestirmos? Vamos ver quem acaba primeiro?

No caminho de volta para a *villa*, a conversa foi amena. "Foi um final triste para um dia que, no início, prometia ser maravilhoso", pensou Joana. Felizmente, à noite, Ramón os levaria para jantar no Clube Espanhol, em Las Palmas, e o incidente poderia ser esquecido.

Nick ficaria em casa, pois tinha que escrever, e Joana pensou em ficar com ele. Mas não poderia deixar Laurence sozinho, pois com certeza ele se sentiria demais junto ao outro casal.

Começou a vestir-se sem entusiasmo, prevendo que Cândida estaria linda, como sempre. Já tinha se tornado um hábito para Joana procurar, a cada noite, na mão da atriz, o anel de noivado.

Na hora combinada, o carro de Ramón apareceu. Cândida foi a primeira a chegar à porta, vestida num conjunto de seda negra, com um decote profundo nas costas. Joana notou os olhares de Laurence para o vestido branco muito simples que usava.

Ir a algum lugar com Ramón era sempre divertido. Ele conseguia a melhor mesa em qualquer ocasião e o máximo em cortesia e bom atendimento. Um simples gesto era suficiente para obter um serviço rápido. O jantar e o show foram excelentes. Um conjunto, colocado na extremidade do salão, tocava músicas românticas. Ramón fumava um charuto enquanto Cândida dançava com Laurence.

Desanimada, Joana olhava fixamente para o copo de vinho. Numa ocasião normal, sair para jantar com Ramón seria uma festa; então, por que se sentia tão inquieta? Por que tudo parecia tão sem graça? Seria por causa da visita que faria em breve à Inglaterra? Provavelmente. Afinal, estava inquieta desde que a viagem fora decidida. Mas por quê? Há anos queria ir lá. O sonho de fazer compras nas

grandes lojas, conhecer a Torre de Londres, as galerias de arte e os museus logo se tornaria realidade. Joana já se imaginava numa festa maravilhosa com Cândida e Laurence, sendo apresentada a todos os amigos dos dois no meio artístico.

De repente, lembrou-se de que o pai sentiria sua falta e se preocuparia com a viagem, imaginando que talvez ela não quisesse mais voltar. Afinal, a vida em Londres deveria ser muito diferente da vida na ilha...

O pai a havia bombardeado com literatura inglesa e costumava dizer que a Inglaterra sempre seria seu lar, ainda que não tencionasse regressar. "Querido papai", pensou Joana com ternura.

— Por que está tão triste, *Juana*?

Sobressaltada, olhou para Ramón, que a estivera observando durante todo o tempo.

— Desculpe, Ramón. Estava pensando. Não estou triste, só que tenho um problema.

Ele bateu as cinzas do charuto num cinzeiro de rocha vulcânica colorida.

— Esse problema parece estar incomodando-a muito. Venho notando esse ar de tristeza há algum tempo. Para os jovens, é sempre um pouco problemático estar apaixonado, mas não se desespere. Tenho certeza de que Cândida não está interessada em Laurence. É esse o seu problema, não?

Joana descobriu que não podia mais se conter. Ao olhar para a pista onde Cândida e Laurence dançavam armou-se de coragem.

— Não é, não — gaguejou. — Está enganado.

Ramón ergueu as sobrancelhas, olhou de relance o par que dançava e virou-se outra vez para o rosto corado de Joana.

— Estou errado mesmo?

— Está sim. Sinto muito, Ramón — disse tentando apaziguá-lo. — Acho que fui mal-educada ignorando sua companhia. Devo estar um pouco cansada depois de passar um dia agitado.

— Cansada? — repetiu Ramón. — Ou infeliz? Por que não me conta qual é o problema que a está perturbando?

— É um problema que tenho de resolver sozinha. Ninguém pode me ajudar com algo que sonhei por tanto tempo.

— E agora imagina se vai ou não tornar-se realidade? Tem algo a ver com o rapaz inglês?

Por um momento, ela não soube o que dizer.

— De certo modo — concordou, olhando-o de lado. — Existem certas coisas que uma pessoa precisa aprender sozinha.

— É verdade — confirmou Ramón, franzindo as sobrancelhas. — Então, é por isso que quer tanto sair de perto das pessoas que a amam para vãos tão longos? Ora, eu não deveria estar dizendo isso. Teve uma excelente educação e nada poderá destruir esse seu caráter impecável. — Inclinou-se para Joana, com os olhos negros brilhando, e acrescentou com suavidade: — É muito ruim que você tenha medo do amor.

Um tom rosado voltou a tomar conta do rosto de Joana.

— Isso não é verdade, Ramón. Nunca estive apaixonada. Nunca mesmo.

Ele deu de ombros com uma expressão de indiferença.

— Basta olhar em seus olhos para saber disso. Acho que Nick está certo em mandá-la viajar.

— Parece muito feliz com essa idéia.

— Mas é você quem quer ir, *Juana*.

— É claro que sim.

— Então essa é a solução do problema. O assunto está resolvido, e já pode se sentir feliz de novo. — Com ar decidido, Ramón apagou o charuto e levantou-se. — Venha, vamos dançar.

Muitos casais estavam na pista quando ele a tomou nos braços e a conduziu ao som da música. Ramón dançava muito bem, mas Joana não se sentia alegre em ser sua parceira. O constrangimento a impedia de se mostrar natural.

— Está mesmo cansada? — perguntou Ramón algum tempo depois. — Realmente deve ter tido uma tarde agitada. Onde esteve?

— Fiz um piquenique — respondeu Joana secamente.

— Sozinha?

— Com Laurence. A gente se divertiu um bocado.

— É mesmo? O que você chama de "divertir-se um bocado"?

A voz de Ramón denotou uma certa irritação e seus dedos a apertaram com mais força.

— Corremos pela praia e brincamos na água. Foi muito... saudável — explicou, com um sorriso que pretendia acalmá-lo.

Mas Ramón não lhe deu atenção. Seu olhar estava preso a uma cabeça loira que passava por perto. Era Cândida, que dançava com Laurence.

Os dias seguintes transcorreram sem qualquer novidade. Joana continuou indo às colinas todas as manhãs para pintar. Mais tarde, voltava para almoçar e juntava-se aos outros. O tempo estava bonito, o azul do mar contrastava com as casas branquinhas e o céu límpido.

Ela não podia queixar-se. Todo o seu tempo estava ocupado com os passeios que fazia com Laurence. Era impossível deixar de gostar cada vez mais dele. De certo modo, era parecido com Cândida, impulsivo, charmoso e de uma sofisticação que à primeira vista poderia ser confundida com esnobismo, mas que no dia-a-dia deixava de incomodar.

Numa das manhãs Joana pintou um retrato de Laurence.

— Gostou? — perguntou, mostrando-lhe o quadro quando voltou à *villa*.

— Demais. Será que eu sou assim tão bonito?

— Deixe-me ver — interveio Cândida, observando a pintura por cima dos ombros do rapaz. Por fim, afirmou em tom de brincadeira: — Não é dos piores. Não lhe dê o retrato, Joana, faça-o pagar por ele. Algum dia, ficará famosa. — Ela virou-se para Nick, que entrava nesse instante. — Venha ver o que sua talentosa filha está fazendo agora: retratos!

Nick riu, satisfeito.

— Resolveu pintar retratos, Joana? Quero ver isso.

— Não é nenhuma obra de arte, papai. Quer dizer... estou apenas começando. — Joana sorriu para Laurence, que ainda estava absorto do quadro.

— Hum... está ótimo — admitiu Nick. — Sempre disse que você tinha uma queda para isso, pequenina. Ainda vai se tornar mais conhecida que seu velho, meu bem.

— Ora, não seja bobo, papai.

— Ele tem razão, Joana — interrompeu Laurence. — E eu também ganharei um pouco de fama por ter sido um dos modelos da famosa Joana Main.

Todos riram e ainda estavam especulando sobre o futuro de Joana quando Rosita veio avisar que o almoço estava servido. Nesse instante, ouviram um carro aproximando-se. Era Ramón. Usava um terno leve de linho, camisa de seda e

gravata. Estava mais atraente do que nunca.

— O que é isso, outro retrato? Posso ver? — Inclinando-se, apanhou o quadro que Laurence apoiara na parede da sala e examinou-o por alguns minutos em silêncio. — Sem dúvida, muito bem-feito. Nick, sua filha é de um talento incrível. Por que não montam uma exposição?

Nick sorriu, orgulhoso.

— Não é má idéia. Vamos almoçar? Pensei que não viesse mais, Ramón. Sempre aparece mais cedo para um drinque...

Ramón recolocou o retrato no lugar e deu um sorriso.

— Infelizmente me atrasei.

Começou a explicar as razões do atraso, e Joana seguiu-o na direção da sala de jantar, pensativa. Sob aquela capa de homem disciplinado e discreto havia uma forte vontade de viver, que ela conhecia bem. "A mulher que se casar com Ramón terá muita sorte", pensou.

Durante o almoço, Laurence voltou a insistir no assunto, perguntando quanto custaria o quadro.

— Fique com ele como prova do meu carinho — disse Joana, sorridente.

— Você é uma artista e tanto, *Juana*. — Ramón entrou na conversa. — Tenho certeza de que um dia seus trabalhos valerão uma fortuna.

Como não tinha nenhuma pretensão, Joana se recusava a levar a sério a pintura.

— Vocês estão enganados. Uma coisa é pintar por prazer, outra, muito diferente, é pintar sob encomenda. Além disso, quem me garante que a vontade de pintar só surge porque estou aqui na ilha? Posso esquecer tudo quando for para a Inglaterra...

— Não você, *Juana*. Qualquer um pode ver que tem a arte no sangue... Deveria aproveitar sua estada na Inglaterra para fazer um curso, aprimorar sua técnica.

Joana buscou o apoio do pai, fitando-o com insistência. Nick fez uma careta e piscou.

— Ramón está certo, meu bem. Talento é o que não falta nesta família e isso é uma coisa que não pode ser perdida só porque se muda de país. Acho que tanto Ramón como eu ainda pensávamos em você como uma criança. — O pai ergueu a mão quando ela ia protestar. — Calma, em certos aspectos é mesmo uma garotinha, mas já é tempo de seguir seu próprio caminho, por mais que me desagrade a idéia de me tornar desnecessário na sua vida.

— Papai! Como pode dizer uma coisa dessas? É a pessoa mais importante para mim. Nunca poderia ficar longe de você! Vou à Inglaterra só para passear um pouco, não tenho a menor vontade de morar lá para sempre. E também não quero ser nenhuma artista. Uma pessoa famosa na família é suficiente.

— Sem dúvida vai se divertir — interrompeu Laurence. — Fará tanto sucesso que não conseguirá dar conta de todos os encontros que marcar.

Cândida manteve-se em silêncio, embora seus olhos seguissem Ramón muito alertas. Foi ele quem deu a última palavra.

— Vá para a Inglaterra, *Juana*. Divirta-se, passeie, conheça gente nova, mas não deixe de pensar na sua arte. Não se esqueça de que são poucas as pessoas que podem dispor de um talento como o seu.

À tarde, quando Joana estava indo para o quarto, Ramón a deteve. Laurence já tinha subido, Nick estava no estúdio e eles se encontravam sozinhos na sala.

— Você disse no almoço que não queria pintar sob encomenda, *Juana*.

Estava falando sério? Seus amigos também estão incluídos nessa decisão de não pintar por dinheiro?

Por um momento Joana ficou estática, surpresa com aquelas declarações inesperadas. Depois, a afeição que sentia por ele a dominou e acabou sorrindo.

— Não me diga que quer que eu pinte seu retrato, Ramón?

— Não. Eu queria que você pintasse o retrato de minha avó. Faria isso para mim, *Juana*?

— Quer que eu pinte um retrato de sua avó, a marquesa? — gaguejou, atônita.

— Não acredita que vovó queira um retrato? Ela adoraria se você lhe desse essa honra. Afinal, fez um quadro tão maravilhoso de Las Jacarandas...

— Ramón... — Joana sorriu, perturbada por aqueles olhos negros que não se desviavam dos dela. — É muito diferente pintar uma paisagem e fazer um retrato. Não sou uma profissional, pintar é só um passatempo para mim.

— Então passa o tempo muito bem. — Ele lhe acariciou os cabelos, meigo. — Você é uma garota adorável, *Juana*. Não deixe que ninguém destrua essa sua pureza...

Joana observou-o, intrigada. O que Ramón estava querendo dizer? Será que a achava muito ingênua?

— Qualquer um pode pintar se fizer um esforço — respondeu, impaciente. — Como papai fica escrevendo o dia todo, resolvi preencher minhas horas com um passatempo. É só isso.

Não teve coragem de contar-lhe sobre a solidão que a perseguia por todos esses anos e a falta que sentia da mãe. Rosita fizera o possível, mas não era a mesma coisa.

Ramón estava encostado na porta, atento ao que ela dizia. Era mais uma de suas qualidades: ser um bom ouvinte. Nunca se apressava em argumentar e evitava palavras vazias.

— Não entendo por que resiste tanto em aceitar que tem um grande talento, *Juana*.

— Porque é exagero seu, Ramón. Fiz uns dois ou três quadros que ficaram bons, mas isso não significa nada.

— Quer dizer que não aceita fazer o retrato de minha avó?

— E minha viagem a Londres? Não gostaria de ter obrigações.

Ramón suspirou.

— Pensei que... — Ele se endireitou, como que arrependido do que ia falar. — Bem... se quer tanto viajar, o assunto do retrato está encerrado.

Com um cumprimento de cabeça, atravessou a sala em direção ao terraço, onde esperaria por Cândida, com quem ia passar a tarde. Joana ficou imóvel, dividida entre a vontade de correr atrás dele e a necessidade de trocar de roupa para sair com Laurence. Por fim, decidiu pela primeira alternativa. Saiu correndo, tomando a dianteira e barrando-lhe o caminho, com um olhar suplicante.

— Sinto muito, Ramón. Se isso é tão importante para você, eu faço o retrato.

— Faz mesmo?

— Com uma condição: nada de pagamento. Será um presente.

— Então nada feito. — Ele sentou-se na amurada do terraço e acendeu um charuto sem olhar para Joana.

— Está bem. — Ela acabou cedendo. — Vamos fazer um acordo, então. Você me paga com outro presente. Não quero dinheiro, Ramón.

— Por que é tão teimosa, *Juana*? Não é nenhuma humilhação ser paga por

seu trabalho.

— Não quero. — Ela permaneceu firme. — Seja cavalheiro e aceite minha proposta. Você escolhe alguma coisa de que goste e me dá em troca do quadro.

Ramón a observou em silêncio por um longo tempo. Finalmente abriu um sorriso e estendeu-lhe a mão.

— Negócio fechado. Amanhã vamos até a casa de minha avó.

Joana encontrou Cândida na escada, muito bonita num vestido amarelo-claro. Usava um chapéu de palha de abas largas, combinando com a bolsa de ráfia e as sandálias. Uma pontada de ciúme surgiu no coração de Joana ao pensar que tudo aquilo era para impressionar Ramón.

— Ele ainda está na sala ou já foi para o carro? — perguntou a atriz, apressada. — Sei que odeia esperar muito tempo.

— Já foi para o carro — respondeu Joana, forçando um sorriso. — Divirta-se.

— Obrigada. Divirta-se você também.

Enquanto se aprontava para o passeio com Laurence, Joana continuou pensando em Ramón. O que sentia por ele era mais, muito mais que simples afeição. Mas seria amor? Como explicar, então, aquele mal-estar que a perturbava cada vez mais ao imaginá-lo apaixonado por Cândida?

As batidas do relógio na sala lembraram-na de que precisava se apressar. Terminou de se vestir, prendeu os cabelos num rabo de cavalo e desceu para encontrar o amigo.

Saíram a cavalo até as colinas, amarraram os animais e foram visitar as cavernas, onde só se chegava a pé. Ao subir a trilha, ouviam apenas os sons da natureza a sua volta: a voz de um pastor de cabras ao longe, o ruído de uma cascata próxima e o canto dos pássaros.

Laurence a examinava, atento à linha delicada de seu perfil.

— Por que está tão ansiosa para ir a Londres?

Ela suspirou. Primeiro Ramón, agora Laurence. Por que todos se preocupavam tanto com essa viagem?

— Acho importante conhecer o resto do mundo. Não posso ficar a vida inteira trancada nesta ilha, não acha?

— Muitas garotas que vivem no interior dizem o mesmo. Sonham com Londres, mas depois não conseguem se adaptar à agitação das grandes metrópoles.

— Depende da garota, Laurence. Quem faz uma imagem romântica da vida nos grandes centros provavelmente acaba se frustrando mesmo. Mas eu não tenho ilusões, sei que aqui nas ilhas se está no paraíso, em comparação com os problemas que se precisa enfrentar num lugar como Londres: a poluição, o trânsito, a correria...

— E assim mesmo você quer deixar o paraíso.

— Mas quem falou que eu quero sair daqui? Só estou pretendendo tirar umas férias, passear... E conhecer meu país, Laurence. Não se esqueça de que eu vim para cá muito pequena, nem me lembro mais da Inglaterra. — Pensativa, Joana observou os cabelos loiros e brilhantes de Laurence, tão diferentes dos das pessoas da região.

Apesar de tudo o que dizia, sentia-se muito mais ligada àquele povo moreno e alegre do que aos ingleses. Ramón, por exemplo, era muito mais bonito do que Laurence, exatamente por sua aparência latina, de uma sensualidade rara, sem contar a sensibilidade e a inteligência, que o tornavam um homem irresistível.

Os dois desviaram-se de um burrico que vinha descendo a colina.

— Bom dia, Francesca — disse Joana para a camponesa que conduzia o burro.

— Bom dia, Joana. Bom dia, senhor. — A mulher lhes dirigiu um sorriso e prosseguiu seu caminho.

— As pessoas por aqui parecem adorar você — comentou Laurence depois que ela se afastou. — Qual é o segredo?

Joana riu e negou com um gesto de cabeça.

— Não é segredo. Conheço essa gente desde que era criança. Francesca morava numa caverna, como muitos por aqui. É a parte triste deste lugar. Ainda há uma miséria enorme, esse pessoal trabalha muito e ganha pouco.

— Trabalham em quê?

— Nas plantações. Ou então se empregam nas *villas*, para serviços domésticos.

— Quer dizer que Ramón também explora o povo da ilha, hein? Ouvi dizer que quase a metade das fazendas é dele.

— Ramón é uma exceção, Laurence. Paga os salários mais altos, mantém escolas e postos de saúde, que aliás prestam atendimento a toda a população e não só aos empregados dele.

— Hum... O bom patrão.

— Não precisa ser irônico. É melhor isso do que um regime de semi-escravidão, não acha? De que adiantaria Ramón abrir mão de suas propriedades se os outros latifundiários não fizerem o mesmo? Qualquer mudança deve vir de baixo, dos próprios camponeses. Eles têm que aprender a lutar pelos seus direitos...

— Puxa, para uma garota que nunca saiu daqui você tem idéias bem avançadas, Joana.

— Já ouviu falar em livros, Laurence? E em jornais, televisão, rádio...

— Agora é você quem está sendo irônica.

Os dois continuaram conversando até chegarem ao topo da montanha, de onde podiam ver o pico nevado de Tenerife. Laurence parou, deslumbrado, e deixou escapar um longo suspiro.

— Quanta paz... Morro de inveja de seu pai, que pode ficar aqui se dedicando apenas aos livros. Um dia ainda terei um cantinho assim para me isolar do mundo e recuperar as forças.

— É claro que terá, Laurence. Aposto que vai se tornar um ator de fama mundial.

Logo abaixo deles, o caminho se dividia em dois. A trilha da esquerda levava às cavernas escavadas nas colinas, a da direita, ao vale onde se estendiam as plantações de banana e milho.

— Vamos descansar um pouco e apreciar a paisagem — sugeriu Laurence de repente, puxando Joana e sentando-se na grama.

O silêncio que os envolvia só era quebrado pelo som distante dos animais pastando. Laurence deitou-se de costas, admirando a beleza meiga e inocente de Joana.

Meio sem jeito, ela virou o rosto. O rapaz sorriu sem dizer nada, consciente da perturbação da amiga. Queria beijá-la e abraçá-la, mas não o fez.

Joana notou que Laurence a desejava. Confusa, pensou que seria muito simples entregar-se aos braços dele, deixando que as coisas acontecessem. No entanto, não conseguia decifrar seus verdadeiros sentimentos, não sabia entender por que aquela perspectiva a deixava tão apática. Se fosse Ramón que estivesse ali...

Mordeu um talo de capim, absorta. Gostava muito de Laurence, era verdade, mas não conseguira se apaixonar por ele. O rapaz era como um irmão, um companheiro de passeios, mais nada. Não o desejava.

Mais do que nunca parecia-lhe essencial ir a Londres, mesmo que fosse apenas para poder analisar com calma o que estava acontecendo em sua vida. Quando conhecesse outros homens talvez pudesse encontrar uma resposta para aquilo que a deixava tão inquieta... Precisava conviver mais com pessoas que não morassem na ilha, que fossem diferentes de... Ramón.

— Fica muito bonita, assim pensativa. O que se passa nessa cabecinha?

Joana desviou o olhar para as torres de Las Jacarandas, envolvidas pela vegetação, numa colina ao longe.

— Ramón quer que eu faça o retrato de sua avó. Virá amanhã de manhã para levar-me até lá — respondeu.

Laurence ergueu as sobrancelhas.

— Que bom para você! Isso vai lhe trazer novas encomendas. — Ele acariciava as mãos de Joana, bem devagar. — Mas você disse que não faria esse tipo de trabalho...

— Sim, eu disse. Só que Ramón ficou tão magoado quando recusei que acabei mudando de idéia.

— Aceitou mesmo contra a vontade? Ramón poderia chamar os melhores pintores do mundo para retratar sua família.

— Você tem razão.

— Já conhece a avó dele?

— A marquesa é um amor de pessoa e esse foi mais um motivo para eu não recusar. Não queria magoá-la.

Laurence apertava-lhe as mãos, sorrindo.

— É disso que gosto em você, Joana. Sempre pensa nos outros, não tem um pingo de egoísmo... Acho que vou aproveitar para pedi-la em casamento.

— Laurence, deixe de brincadeira!

— E se não for brincadeira?

— Não, Laurence, por favor. Não insista nesse assunto, porque não posso lhe dar nenhuma esperança.

Uma sombra de tristeza nublou seus olhos, mas ele forçou um sorriso. Levantou-se de um salto, apontando o caminho do vale.

— Que tal uma corrida até aquelas árvores? O último que chegar paga as despesas da noite...

— Ei, espere aí, eu ainda não me levantei!

Capítulo V

Na manhã seguinte, Joana caprichou na escolha da roupa para visitar a marquesa. Ficou satisfeita ao perceber o olhar de aprovação de Ramón, que por longo tempo fitou seu vestido branco decotado e o chapéu azul de abas largas, combinando com as sandálias. A maquiagem era suave, apenas um leve toque de azul nas pálpebras e um brilho colorido nos lábios.

Ramón também estava elegante, usava um terno cinza de tecido leve, camisa de seda e gravata azul-claro.

— Trouxe meu caderno para anotar as cores de que precisarei. Acho que não vai faltar nenhuma, tenho um estoque novo de tintas — disse Joana enquanto se dirigiam para o carro.

Com um gesto de aprovação, ele sentou-se ao volante e logo estavam a

caminho da *Villa* Faustino.

Cândida e Laurence reviam seus textos no escritório de Nick, e Joana foi pensando durante o percurso no que a atriz acharia de sua nova tarefa. Talvez não gostasse. De qualquer modo, Ramón dissera que estaria de volta para o almoço.

A *villa* da marquesa ficava nos arredores de Las Palmas. Era preciso sair da rodovia principal e entrar numa estrada que margeava as montanhas. Fazia muito tempo que Joana não visitava a avó de Ramón; a velha senhora levava uma vida sossegada e tinha estado fora, em casa de parentes, durante os últimos meses.

— A *villa* está muito diferente, foi redecorada e todos os painéis polidos. Acho muito importante para alguém que está envelhecendo não ter nada a seu lado que revele os efeitos da passagem dos anos. — Ele virou-se e sorriu para Joana. — Vovó não queria que eu fizesse essa reforma, mas depois ficou contente com a aparência da casa.

— Contou à marquesa que nós viríamos hoje?

— É claro. Ela está entusiasmada com a idéia de ser sua modelo.

Joana concentrou-se no cenário que ia descortinando à medida que o carro abandonava a planície e começava a subir. Em breve seria possível ver Las Palmas sob uma leve neblina, à beira das águas cristalinas da baía. Nessa altura teriam chegado a *Villa* Faustino, o lar da marquesa. Era um lugar elegante, construído há muitos anos com jardins, pátios, fontes e aposentos divididos por arcos mouriscos.

— Sempre adorei a *Villa* Faustino — comentou Joana. — Quando estive lá pela primeira vez era tão pequena... Imaginei que as fadas moravam naquele jardim. — Riu, sentindo prazer em recordar. — Depois pensei que as fadas também moravam em Las Jacarandas.

— E moram mesmo — brincou Ramon. — Fico contente em saber que gosta da minha casa. Nós, espanhóis, damos muito valor ao lar e não acho que isso seja ruim.

— Também não acho, Ramón. Sempre notei o carinho que você tem por sua avó. — Joana deu um sorriso travesso. — Fico imaginando como iria tratar sua esposa.

Ele respondeu com os olhos presos à estrada sinuosa.

— Acho que minha esposa não teria do que se queixar. — Ao fitá-la, de relance, notou que o rosto delicado revelava um ar de preocupação. — Anda pensando em casamento, garota? O inglês fez você esquecer as fadas?

Irritada com o tom de ironia na voz de Ramón, Joana retrucou na defensiva:

— Isso não tem nada a ver com Laurence. Seria mais lógico falarmos de Cândida, não acha? Ela não larga você.

Por um instante, temeu que ele se zangasse com o comentário. Afinal, era o marquês de Orleron y Faustino, e ninguém, nem mesmo os amigos íntimos, ousava questionar-lhe o modo de vida.

— Então acha que também estou pensando em casamento?

— Não... não está? — O coração de Joana começou a bater mais depressa. Uma esperança louca surgiu em seu íntimo.

— Se tivesse me casado com todas as mulheres que conheci, já teria um harém. Comigo as coisas são diferentes; sou um homem experiente e muito mais velho do que você.

— Cândida é muito bonita.

— Eu sei. — Ele sorriu, ficando em silêncio por alguns instantes. — Acha mesmo que a beleza é suficiente para um bom casamento?

— Bom, eu diria que... ajuda a atrair a pessoa de quem se gosta — Joana

gaguejou.

— E você me aconselharia a casar com Cândida?

— É claro que não. — Ela tentou controlar a decepção pelo rumo da conversa. — Eu nunca disse isso!

— É, não disse mesmo. E também não disse que vai casar-se com Laurence. Vai ou não?

— Não quero me casar com ninguém por enquanto. Primeiro vou a Londres, que é algo com que sonho há anos. Quero visitar a Torre de Londres, a Galeria Tate, ver a troca da guarda e passear por Portobello Road.

As palavras surgiam tão ofegantes que ela não imaginava de onde aqueles pensamentos saíam. Enfrentou o olhar atento de Ramón, que de certo modo a magoava.

— Espero que se divirta — respondeu ele.

Não tornaram a falar. Joana recostou-se no banco, sentindo o clima de amizade desaparecer, substituído por uma tensão quase insuportável. Percorriam terras bem cultivadas e seguiam por uma estrada margeada por árvores.

Finalmente chegaram a um pátio sombreado. Dali, viam-se as janelas altas com venezianas recém-pintadas e balaústres de ferro. Uma galeria com grades rodeava o primeiro andar, semi-encoberta por trepadeiras floridas.

No pátio azulejado, que cercava uma fonte, havia parreiras, árvores e arbustos em vasos de cerâmica. Os raios de sol coloriam tudo com uma luz intensa e o cenário era mais lindo do que Joana lembrava. Quando Ramón lhe abriu a porta do carro e a ajudou a descer, ela não conteve o entusiasmo.

— Este lugar é um sonho, Ramón, e ficou muito mais bonito! Parece que estou entrando em outro tempo...

— É exatamente assim que eu me sinto quando venho à casa de vovó. — Ele tomou-lhe o braço e conduziu-a até a porta de entrada.

Passaram para um aposento amplo com janelas altas, candelabros brilhando e tapetes persas cobrindo o piso de lajotas. A mobília elegante, delicadamente entalhada, era ressaltada pelas paredes recém-decoradas com tecidos de seda adamascada.

— Então, o que acha, *Juana*?

— Ah, Ramón, estou até tonta. Vocês conseguiram um efeito fantástico, uma combinação perfeita de cores e estilos...

— Não acha que eu deveria ter mudado tudo?

— Sua avó não se sentiria à vontade num ambiente estranho. Além disso... — Joana voltou a atenção para a beleza dos outros aposentos que ele estava mostrando.

— O que você ia dizer? — Ramón a olhava fixamente, de um modo que mal podia suportar.

— Esta é a *Villa* Faustino. Perderia sua singularidade se o estilo fosse mudado.

— É verdade, mas agora vamos beber alguma coisa.

Ao chegarem à sala principal, convidou-a a sentar numa poltrona enquanto apanhava dois copos e uma garrafa de vinho.

— Só um pouquinho, por favor — pediu Joana.

Ele riu e estendeu-lhe o copo cheio.

— Isto vai acalmá-la. Aliás, não sei por que está tão nervosa. Vovó é um amor de pessoa e adorou a idéia de você pintá-la. Sabe que para ela qualquer novidade é uma verdadeira festa. Também, vive isolada aqui, quase não sai...

— Deve sentir falta do marido, não?

— Sim. Ela e vovô eram tão apegados... Depois que ele faleceu, vovó perdeu um pouco o entusiasmo.

Ergueram os copos e brindaram. Ramón explicou-lhe a reforma da *villa* e comentou que estava pensando em fazer o mesmo com Las Jacarandas. Joana o escutava, atenta, pensando que na certa ele estava querendo preparar Las Jacarandas para a noiva.

Até o momento não havia nada decidido entre ele e Cândida, mas uma coisa era evidente: Ramón tinha mudado muito.

Desde a chegada da atriz, o sorriso dele era cada vez mais raro, assim como seus modos brincalhões. Tornara-se uma pessoa taciturna, sempre distraída... Era óbvio que estava apaixonado.

Será que não tinha percebido que Cândida estava ansiosa para cair em seus braços? Se soubesse já teria se decidido. Deveria contar-lhe o que sabia? Não, não podia se intrometer na vida de Ramón, ele era capaz de arrumar uma esposa sozinho.

Observou-o, pensativa, imaginando como seria fazer amor com ele. Aquele homem levaria qualquer mulher ao paraíso...

Ramón tomou-lhe o copo, colocando-o na bandeja e consultou o relógio.

— Está quase na hora de vovó tomar seu chocolate. Acho que já podemos entrar no quarto.

Enquanto Joana se levantava para acompanhá-lo, uma mulher de meia-idade, vestida de negro, apareceu na porta.

— Bom dia, marquês. Bom dia, senhorita — disse em voz baixa.

Ramón respondeu em espanhol, fez-lhe algumas perguntas e depois virou-se para Joana.

— Vovó está nos esperando, *Juana*. Vamos?

Concepta Maria, marquesa de Orleron y Faustino, aguardava-os na saleta do primeiro andar. Parecia uma rainha, sentada muito ereta, exibindo o porte elegante herdado da nobreza espanhola. Assim como Ramón, seu comportamento era gracioso, sereno e bem-educado.

Seus olhos negros, brilhantes, demonstraram receptividade quando os dois entraram na sala. O sorriso suave tornou-se saudoso quando eles se aproximaram. Provavelmente estava recordando sua juventude ao lado do esposo, que havia morrido há muito tempo.

Ramón inclinou-se para beijá-la, depois foi a vez de Joana. O rosto da marquesa exalava um leve perfume de sabonete e apresentava pouquíssimas rugas. Os cabelos, ainda negros, eram divididos ao meio e presos atrás num coque.

Joana sentou-se na cadeira que lhe indicaram e aceitou uma xícara de chocolate quente. Ramón não quis nada, saiu da sala e foi conversar com os empregados atrás da casa.

A marquesa observou-o sair e com um sorriso colocou a xícara sobre o pires.

— Ramón lembra muito meu marido — disse em espanhol, enxugando os lábios delicadamente com um guardanapo de linho. — O mesmo charme que me deixava atordoada... Meu marido era dez anos mais velho do que eu. Quando me casei, Joana, tinha mais ou menos a sua idade.

— A senhora deve ter sido muito feliz. — Joana sorriu com carinho.

— Ninguém poderia ter sido mais feliz. Fui uma pessoa abençoada por Deus, casei-me com o único homem do mundo que realmente serviria para mim. Estive apaixonada por ele durante toda a minha vida.

— Talvez seja por isso que a senhora parece tão jovem. Vou gostar muito de fazer seu retrato.

— Ah, é mesmo, o retrato. Devo posar durante uma hora a cada manhã, não é?

— Não tenho certeza. Parece que Ramón vai me trazer aqui todos os dias. Se foi isso que combinaram, para mim está ótimo. Uma hora por dia é tempo suficiente.

— Nos meus bons tempos, eu adorava freqüentar exposições de arte nas grandes capitais da Europa... Sempre fui apaixonada por arte... Tenho uma boa coleção de quadros aqui na *villa*, depois poderemos vê-la. — Com os olhos brilhantes, a marquesa encostou-se na cadeira. — Acho que você não vai querer que eu pose nua, não é?

— Oh, não! — Joana riu, delicada com o bom-humor da avó de Ramón.

A marquesa também riu e deu uma piscadela.

— É claro que estou brincando. Nunca mais me senti jovem desde que fiquei viúva... — A velha senhora fez uma pausa, como se recordasse o passado feliz. — Enquanto fui casada, sempre descansava após o almoço. Agora não posso mais dormir à tarde porque depois não tenho sono à noite. Mesmo assim, mantenho os velhos hábitos. Meu marido sempre elogiava minha maneira de vestir. Adorava verme com aqueles *robes* cheios de fitas e rendas que me deixavam tão feminina... Guardei o último deles, para vestir nos aniversários de meu casamento.

Joana olhou ao redor e com ternura relembrou a figura alta e elegante do avó de Ramón, de quem o neto herdara muitas qualidades. Era fácil imaginar a marquesa, ainda jovem, sentada próxima à janela com seus lindos cabelos negros soltos sobre os ombros e o marquês a seu lado.

— Que tal — sugeriu Joana, hesitante — se eu a retratasse assim, com o *robe*... Esse de que seu marido tanto gostava? — Seus olhos brilharam ao deter-se num pequeno sofá laqueado de dourado e forrado com seda adamascada. — Ficaria linda naquele divã...

A marquesa riu, um risinho divertido.

— Por que não? Ganhei um pouco de peso nos últimos meses, mas não tem importância, coloco minha cinta por baixo. Agora chega de falar de mim, conte-me tudo o que aconteceu com você desde que nos vimos pela última vez.

Joana começou a contar-lhe sobre a última peça de Nick e sobre a presença de Laurence e Cândida em sua casa. Ao contrário do que pensava Ramón, a marquesa estava muito bem informada sobre o que acontecia a seu redor. Muito do que sabia vinha através dos amigos e das visitas ocasionais do padre. Apesar da idade, continuava com grande senso de humor, e ambas estavam rindo quando Ramón voltou.

— Do que estavam falando? — perguntou, curioso.

— Estava me informando sobre as últimas novidades — explicou a avó com um sorriso travesso.

— Garanto que a maior parte a senhora já conhecia.

— Bem... Um passarinho me contou que você anda muito entusiasmado com uma certa atriz inglesa, de cabelos dourados. Por acaso é a garota que está hospedada na casa de Nick Main?

— Tem razão. — Ele caminhou até uma das janelas altas e virou-se devagar para encará-la. — Pelo jeito a senhora andou conversando com o vigário, não?

Joana baixou os olhos depressa, temerosa de que suas emoções se tornassem visíveis. Sentia um aperto no coração ao ouvir o diálogo entre Ramón e a avó.

— Por que não trouxe a moça para me conhecer? — perguntou a marquesa.
Ramón deu de ombros.

— Porque não havia motivo. Não fique imaginando coisas, vovó.

— Quer dizer que é só mais uma aventura... Quando é que vai tomar jeito, meu filho? Um dia você se arrepende de não ter escolhido uma companheira... Envelhecer é muito triste.

Ramón sorriu, parecendo se divertir.

— Ainda não encontrei a pessoa certa, querida. É só isso. Mas juro que estou fazendo o que posso.

— Não entendo você, realmente. É um homem bonito, charmoso, inteligente. Qualquer mulher adoraria tornar-se sua esposa. É um ótimo partido.

Dessa vez Ramón deu uma gargalhada.

— E por que eu sou um bom partido? Por causa da minha fortuna? Não quero uma mulher que esteja de olho apenas na minha posição. Parece que a senhora não quer que eu seja feliz...

— Está bem, pode brincar. — A marquesa suspirou, impaciente. — Mas não conseguirá me fazer de boba. Eu sei que sob essa fortaleza existe um vulcão de paixões que, um dia, alguma mulher fará explodir. E, quando isso acontecer, tome cuidado, porque será impossível controlar. — Muito séria, fitou o neto antes de prosseguir. — Vai conhecer um mundo totalmente novo, e seus bens materiais, sua posição social ficarão em segundo plano.

— Vai ser muito bom encontrar uma mulher que corresponda a meu gosto exigente.

— É, pelo jeito vou ter que esperar muito para ter bisnetos. — A velha senhora fingiu uma expressão amargurada que não enganou ninguém.

— Acha errado procurar uma esposa na base da tentativa e erro? Mesmo um homem experiente como eu pode se enganar se procurar uma mulher sem levar em conta o que manda o coração.

— Será que seu coração não está procurando uma perfeição que não existe? Ninguém é perfeito.

— Nunca falei em perfeição, vó. Mas não se preocupe, quando acontecer será a primeira a saber, está bem?

Os dois, avó e neto, trocaram um olhar carinhoso e depois sorriram.

— O que se pode fazer com você? — A marquesa brincou.

Ramón consultou o relógio.

— Vovó, precisamos ir embora, senão Joana não chega a tempo para o almoço. Entraram num acordo quanto ao retrato?

— Sim. — Ela virou-se para Joana, que continuava calada, sem saber o que pensar de tudo que ouvira. — Vamos usar esta sala e Joana pode iniciar o trabalho logo após meu café da manhã.

Tinham saído da casa da marquesa e cruzavam o pátio quando Ramón lembrou:

— Aqui por perto existem umas cavernas com desenhos nas paredes que são uma verdadeira obra de arte. Quando eu era criança, gostava muito de explorá-las. Outro dia estive lá para ver se ainda eram seguras. Gostaria de conhecê-las?

— Quer me levar até lá? — indagou Joana, sentindo-se feliz com a idéia.

— Se estiver interessada... vai ser um passeio rápido porque tenho que levá-la para o almoço.

Ela hesitou. Não se importava com o almoço, mas Ramón com certeza queria voltar logo. Devia estar com pressa de reencontrar Cândida, talvez tivessem

marcado um encontro... No entanto, a idéia partira dele.

— Adoraria ir — disse finalmente, decidindo que era melhor deixar de se preocupar com os problemas dele. — Mas não precisamos de uma lanterna?

Ramón tirou uma lanterna do bolso, tomou-lhe o braço e conduziu-a por trás da *villa*, entre as árvores. A entrada da caverna ficava escondida por um amontoado de pedras no topo da encosta, sob uma saliência rochosa que a protegia. Ele foi na frente, estendendo os braços para ajudá-la.

A princípio ficou temerosa devido à súbita escuridão, que a deixava meio cega. Então Ramón a abraçou e a segurou contra si. Suas mãos tocaram o rosto delicado e meigo, numa carícia suave. Espantada, ela o fitou nos olhos, sem compreender o que estava acontecendo. Aos poucos foi se acostumando com a penumbra e pôde ver que Ramón lhe sorria. Suas bocas estavam tão próximas...

— Feche os olhos um instante — ordenou Ramón.

Joana obedeceu, ouviu-o acender a lanterna e quando tornou a abri-los a luz iluminava uma descida íngreme, bem à frente deles.

A aura de magia que os envolvera tinha acabado. Ramón se afastou um pouco, deixando-a com o coração aos pulos.

— Você está bem, *Juana*? — perguntou, reparando em sua expressão assustada. — Quer voltar?

— Não. — Joana desviou o olhar, rezando para que Ramón não suspeitasse do verdadeiro motivo de sua perturbação. Por instantes, tinha pensado que ele fosse beijá-la...

— Vamos continuar, então? — Ele começou a andar mais para o fundo, indicando-lhe o caminho com a lanterna.

Um cheiro de terra úmida desprendia-se das paredes e o silêncio parecia carregado de mistério. Andaram por um bom tempo de mãos dadas, procurando com cuidado onde pisar, porque de vez em quando a trilha se abria em crateras enormes.

De repente Ramón parou, dirigindo o foco da lanterna para uma parede.

— É aqui. Olhe.

Joana observou maravilhada os desenhos talhados na rocha. Representavam cenas de caça, tão vivas e coloridas que pareciam reais.

— Oh, Ramón, que coisa mais linda! Fico até emocionada ao pensar que essas pinturas foram feitas há milênios... Como são perfeitas.

— Notou os detalhes desses animais? Aquele bisonte parece estar olhando para você, *Juana*.

— É mesmo. — Ela riu, afastando-se um pouco para ter uma visão melhor. — Em compensação, as figuras humanas são bem simples, dois ou três traços e temos o guerreiro. Ali, olhe.

— Por que eles se preocupam tanto com os animais, esmerando-se nas cores, e deixam os seres humanos em segundo plano? Será que não sabiam desenhar pessoas?

— É claro que sabiam, Ramón. Só que a cultura desses grupos pré-históricos era bem diferente da nossa. Esses desenhos não tinham nada a ver com decoração, eram mais um rito de magia. Uma espécie de encantamento... Achavam que prendiam os animais de verdade se os pintassem. Como se prendessem sua alma, entende? Por isso caprichavam tanto. Com os homens não havia necessidade, bastava indicar que eles estariam presentes na caçada.

— Como é que você sabe disso tudo, garota?

— Não sou tão desinformada como você pensa. Papai tem muitos livros de

história da arte...

Ramón havia se encostado numa rocha para ouvi-la. Um brilho diferente lhe iluminava os olhos, como se a visse pela primeira vez. Dando-se conta de que ele a examinava com atenção, Joana desviou o rosto, intimidada. O que Ramón estaria pensando? Por que a olhava daquele jeito?

— Se eu soubesse pintar, seria capaz de desenhar você aqui nestas pedras — disse ele de repente.

— Por quê?

— Quem sabe a mágica ainda funciona? Seria um modo de prender sua alma...

Joana não respondeu, com medo de não ter entendido. Aquilo tinha sido um galanteio? Ou Ramón se referia a sua viagem a Londres, dizendo-lhe indiretamente que gostaria que ficasse nas ilhas?

— Vamos embora, *Juana*? Podemos voltar outro dia para ver o resto. Ainda há algumas pinturas mais à frente.

Na manhã seguinte, Ramón foi apanhá-la na hora combinada. Joana colocou todo o equipamento de pintura no porta-malas e conversou pouco durante o caminho. Não conseguia prestar atenção ao que ele dizia, pois seu pensamento estava longe dali. Tinha passado a noite em claro, pensando, pensando... Tomara consciência do que tanto a havia perturbado nos últimos dias: estava apaixonada por Ramón. Essa era a razão do mal-estar quando o via saindo com Cândida...

— *Juana*, estou falando com você!

— Ahn? Ah, desculpe, Ramón. O que foi que disse?

— Resolvi fazer uma reforma em Las Jacarandas. O que acha da idéia?

Ela engoliu em seco. Na certa Ramón queria reformar a casa para receber a noiva. Não sabia o que falar. Pensar em Ramón e Cândida juntos era mais do que podia suportar.

— Não está prestando atenção — repreendeu-a outra vez.

— Desculpe, eu estava sonhando acordada. Acho que deve mesmo reformar Las Jacarandas para... bem, para receber futuras gerações de sua família. — As últimas palavras não revelaram o que ela estava pensando. Queria dizer "para sua futura esposa", mas não teve coragem, era doloroso demais. O olhar inquisitivo de Ramón fez com que acrescentasse depressa. — O que você vai ficar fazendo enquanto trabalho no retrato?

O carro fez a última curva antes da *Villa Faustino*.

— Tenho muito o que fazer por aqui. Alguns pedreiros, ainda estão trabalhando na parte de trás da casa.

Num minuto, as colinas brancas, cobertas de flores, tornaram-se visíveis e Joana compreendeu que era ali, e não em Las Jacarandas, que Ramón viveria futuramente.

Las Jacarandas também era dele, mas ficaria para o filho quando este se casasse... Era a tradição. Como a marquesa. Ramón acabaria vivendo na *Villa Faustino*.

Ramón tirou o equipamento de pintura do porta-malas e levou tudo para a sala onde Joana ia trabalhar. Ela o seguiu, sabendo que jamais esqueceria aquele lugar que marcava a descoberta de seu amor.

Felizmente, conhecia a marquesa há muito tempo e sentia-se à vontade em sua presença. Gostava muito da velha senhora e agora tinham algo em comum: ambas amavam Ramón.

Ele foi até o quarto da avó e Joana ficou aguardando na sala, debruçada numa janela para admirar a vista, respirando o aroma dos jasmims que se enrascavam pelas paredes da casa. Inclinou-se e apanhou uma flor para prender no vestido.

Estava usando um vestido decotado, cor-de-rosa, com uma fita da mesma cor prendendo os cabelos. O modelo, abotoado na frente, era bastante prático para usar com um biquíni por baixo. Pretendia dar um mergulho antes do almoço, depois da sessão com a marquesa.

Ramón logo voltou em companhia da avó e, depois de beijá-la, despediu-se sem aceitar a xícara de café que a senhora lhe oferecia, alegando muito trabalho a fazer.

Antes de sair, parou e fitou Joana com expressão carinhosa. Então, apanhou o jasmim que lhe enfeitava o vestido, colocou-o na lapela e afastou-se com um sorriso.

Enquanto Joana servia-se de café a marquesa comentou:

— Ramón é uma bênção para mim. Toma conta de minhas propriedades como o avô fazia. Não tenho com que me preocupar.

Joana preferiu não comentar nada. Falar a respeito de Ramón, naquele momento, poderia denunciar o que sentia por ele e não desejava compartilhar sua tristeza com ninguém, pois sabia que era um amor sem esperanças. Ele nunca se apaixonaria por ela...

A marquesa logo estava acomodada no pequeno sofá dourado. Joana pediu que colocasse os pés sobre um banquinho forrado com uma tapeçaria e erguesse o queixo.

Enquanto trabalhava sentia-se satisfeita por ter pedido à marquesa que usasse o *robe de chambre*. A expressão de ternura no rosto da velha senhora, provocada pelas lembranças dos tempos felizes, fazia com que aparentasse ainda menos idade.

Após uma hora, Ramón voltou e fez questão de apreciar o esboço que ela fizera.

— Gostei — foi o único comentário depois de concordar com a cabeça. Dirigiu-se até a avó, que tinha adormecido, e com gestos carinhosos ajeitou-a sobre os travesseiros.

Joana observou a cena, pensativa. Aquele homem tinha facetas tão surpreendentes na sua personalidade... Podia ser terno, carinhoso e de uma hora para outra transformar-se numa pessoa fria e arrogante... Quem era o verdadeiro Ramón? Daria tudo para viver ao lado dele para sempre, descobrindo-o a cada dia, partilhando seus momentos de tristeza e de alegria... Mas isso era um sonho impossível. Ramón jamais deixaria de vê-la como uma garotinha, a filha de um amigo.

Ao chegarem ao pátio ensolarado, Joana lembrou-se da intenção de ir à praia. Ia pedir-lhe que a levasse, mas antes de falar ele a pegou pelo braço e conduziu-a até a parte de trás da casa.

— Vamos visitar as cavernas outra vez? — perguntou ela, tentando acompanhar as longas passadas.

— Não. — Ramón sorriu. — Só quero que você dê uma olhada no que os pedreiros terminaram hoje.

Conduziu-a por entre moitas de madressilvas e corredores de parreiras e de repente chegaram à piscina. Estava cheia de uma água muito azul, revelando os lindos azulejos que a revestiam.

Joana parou, deliciada com a visão.

— Ramón, que idéia genial!

— Sempre pensei em aproveitar este local. Ficou bom, não achou? Nem precisamos derrubar as árvores; aqui havia uma clareira...

— Vou entrar na água — decidiu Joana num impulso, desabotoando o vestido.

Ramón levou um susto. Agarrou-a pelo braço e disse em voz áspera:

— Ficou louca? Os operários ainda estão aí. Pare com essa bobagem agora mesmo!

Joana usava um biquíni minúsculo que normalmente não vestiria na frente de Ramón. Sem lhe dar ouvidos, abriu o último botão do vestido satisfeita com a expressão incrédula que surgia no rosto dele.

Desvencilhou-se da mão que ainda a segurava pelo braço, tirou a fita dos cabelos e enfrentou seu olhar. Era inegável que havia desejo naqueles olhos escuros. Ramón parecia magnetizado pela visão do corpo perfeito que se exibia a sua frente.

Os operários, que almoçavam à sombra das árvores, olharam para os dois sem entender o que acontecia. Quando Joana subiu no trampolim ficaram simplesmente boquiabertos.

Os olhos de Ramón passaram dos operários maravilhados para o corpo perfeito de Joana, desejando que mergulhasse logo. Depois, como se não pudesse mais agüentar, virou-se e entrou na casa.

A água estava fresca e saudável, e Joana nadou bastante tempo. Ao aproximar-se da borda da piscina, Ramón a esperava, carrancudo, para ajudá-la a sair. Envolveu-a numa enorme toalha e apressou-a para entrar na *villa*.

— Não fique tão mal-humorado — provocou. — Estava uma delícia, você devia ter me acompanhado. Posso nadar de novo amanhã?

— Não, não pode! — respondeu, ainda mais irritado. Empurrou-a escada acima e levou-a até um dos quartos. — Será que pode se enxugar e colocar a roupa depressa? A piscina ainda não está pronta, e os operários vão ficar por aqui vários dias.

Joana não resistiu à vontade de continuar com a provocação.

— O que há, Ramón? Ficou com medo que eu nadasse nua? — Ela começou a rir, mas, ao ver sua expressão zangada, apressou-se em apaziguá-lo. — Por favor, não fique tão bravo. Não quis irritá-lo, juro.

— Devia se lembrar de onde estava. Não fica bem uma garota como você se exibir na frente dos operários!

Joana olhou para os lados para certificar-se de que não havia ninguém no corredor, porém tudo estava em silêncio. Então se pôs na ponta dos pés e deu um rápido beijo nos lábios de Ramón.

— Você é um amor, marquês — sussurrou antes de entrar correndo no quarto e fechar a porta, trêmula com a ousadia.

Capítulo VI

Tempos depois, Joana se lembraria dos dias que se seguiram à descoberta do amor por Ramón como os mais sofridos de sua vida. Durante anos ansiara por voltar a Londres e agora que o momento se aproximava sentia-se dividida.

Ele continuou a levá-la até a casa da avó todas as manhãs e sempre com a gentileza que lhe era habitual. Não tocou no incidente da piscina e aos poucos ela se convenceu de que o fato não tivera a menor importância.

Um dia, indo para a *Villa* Faustino, em meio a uma conversa a respeito do andamento do trabalho, Ramón voltou a falar sobre a viagem a Londres.

— Quero que termine esse quadro antes de ir para a Inglaterra, *Juana*.

— Desse jeito parece que vou embora para sempre. É apenas um passeio rápido. — O olhar de Joana percorreu aquele corpo sensual, cujo perfil moreno a perturbava tanto. Será que ia agüentar ficar longe dele?

— Não tenha tanta certeza quanto a isso. A idéia de viajar não lhe agrada mais?

— É claro que sim — respondeu, com um nó na garganta.

— Quanto tempo pretende ficar em Londres?

— Ainda não sei. Acho que vou esperar a estréia da peça de papai e depois... bem, depois decido.

Ramón não retrucou e ela ficou imaginando o que faria se de repente ele lhe pedisse para ficar, para ser sua companheira... Afastou logo a idéia, repreendendo-se por sonhar acordada.

— Se quiser, pode levar sua roupa de banho amanhã, *Juana*. Mas use um maiô, está bem? Os operários vão estar de folga e poderá nadar à vontade.

Quando Joana desceu para tomar café, na manhã seguinte, o sol espalhava seu brilho dourado sobre as flores do jardim da *Villa* Rosário, atraindo muitas abelhas. Rosita aproximou-se trazendo leite e pãezinhos frescos.

— Veja se toma um bom café — falou da maneira habitual. — Não tem descansado como fazia antes. Quer saber de uma coisa? Acho que não deveria correr tanto: pinta a manhã inteira e depois passeia com Laurence até altas horas. Ontem, dormiu tarde outra vez, foi seu pai mesmo quem me contou. Aliás, se quiser falar com ele, está no estúdio.

— Não quero, não. — Joana colocou leite no café, olhando sonhadora para o jardim florido, e acrescentou: — Vai ser um dia lindo...

Rosita espantou uma abelha e a encarou, séria.

— Gostaria de saber aonde quer chegar com tantos passeios para lá e para cá. Não tenho nada contra os atores, mas acho que não combinam com uma jovem como você... Se não se ocupasse tanto com esse tal de Laurence, não deixaria o homem mais bonito do mundo escapar. Por que não tenta agarrá-lo? Ora, se quisesse, poderia ser marquesa!

Contra a vontade, Joana admitiu que Rosita estava certa. Pensativa, concluiu que se quisesse de fato poderia inverter a situação e conquistar o homem que amava. Um misto de excitação e depressão a confundia. Sabia que essa era a única saída, mas ao mesmo tempo achava que Ramón acabaria se decidindo por Cândida.

Enquanto tomava o café, notou Rosita inclinando-se na mureta do terraço para conversar com o marido, que trabalhava no jardim. Jaime tinha colhido flores para enfeitar a casa e, num gesto de galanteio, estendeu uma rosa à mulher. Por instantes, Joana invejou o casal, que não conhecia problemas no amor.

Mais tarde, ao subir para o quarto, ouviu um carro se aproximando. Era Ramón, sempre pontual. Ela apressou-se em descer, contente porque ainda era muito cedo para que Cândida ou Laurence aparecessem.

— Está muito bonita hoje — comentou ele ao avistá-la usando um vestido amarelo-claro, bem decotado, que lhe ressaltava o bronzeado.

Ela sorriu, feliz com o elogio, e entrou logo no carro.

— Trouxe meu maiô, Ramón. Você também vai nadar?

— Talvez. — Ele deu a partida e dirigiu em alta velocidade até a *Villa*

Faustino. Não parecia disposto a perder tempo, e por várias vezes Joana teve que se segurar no banco nas curvas fechadas.

Ao final de cada sessão de pintura, os pensamentos da marquesa sempre ficavam confusos, pois o sono a dominava. Naquela manhã, sua cabeça pendeu aos poucos sobre as almofadas e ela nem notou a forma carinhosa com que Joana a acomodou no sofá.

Depois de recolher o material de pintura, Joana dirigiu-se para um dos quartos, onde se trocou rapidamente. Em seguida, foi para a piscina.

Ramón estava do outro lado, recostado numa espreguiçadeira, com os cabelos molhados e os olhos fechados por causa do sol.

Enquanto caminhava até o trampolim, ela procurava mostrar-se indiferente, mas em seu íntimo sentia-se agitada, esperando a reação dele ao lindo maiô branco que escolhera.

Durante vários minutos nadou e boiou na piscina, mas em todas as vezes que olhava para ele via-o na mesma posição, como se dormisse.

"É estranho que Ramón esteja tão cansado", pensou irritada. Provavelmente havia ficado até tarde com Cândida...

Frustrada, Joana acabou saindo da água sem conversar com ele. Correu para a mansão com uma vontade louca de chorar ou de brigar.

Quando voltou, já pronta para ir embora, encontrou Ramón também vestido, encostado numa mureta que cercava o jardim.

Ao vê-la, sorriu, acolhedor, mas Joana não se deixou levar por seus encantos.

— Dormiu bem? — ironizou.

Ele jogou fora o cigarro e aproximou-se, imperturbável.

— Não estava dormindo, estava pensando.

Para Joana, aquilo foi uma ofensa. Ele a tinha ignorado. Desejando feri-lo, replicou, áspera:

— Ah! Então não estava me dando atenção de propósito? Não posso acreditar!

A expressão de Ramón transformou-se.

— Não acha que nossa amizade vai além de uma simples relação entre dono da casa e convidado? — Os olhos negros flamejavam. — Vamos, responda — insistiu.

Joana concordou, recuando alguns passos, alarmada com a raiva que ele demonstrava.

— Então porque interpretou dessa forma meu comportamento? — continuou Ramón. — Acontece que estou com um problema e preciso achar uma solução. O silêncio deste lugar é ótimo para refletir. Se quisesse ser grosseiro com você, não a teria convidado. Alguma vez já me viu maltratar alguém?

Chocada, ela baixou o olhar, pensando que o problema deveria se referir a Cândida.

— Não, nunca maltratou ninguém — respondeu num sussurro.

Ele pareceu cair em si. Sua expressão tornou-se mais suave e, de repente, tocou os longos cabelos de Joana, ainda úmidos.

— Como poderia maltratar minha pequena *Juana*? — Baixando a cabeça, beijou-lhe o rosto, numa carícia meiga.

Angustiado, ela teve vontade de acariciar-lhe os cabelos e entregar-se ao fascínio daqueles olhos perturbadores. Ela o havia ferido e, com isso, acabara ferindo a si mesma.

— Você tem razão — admitiu, esforçando-se para dar uma explicação. —

Entre nós há uma relação muito especial... Foi por isso que fiquei triste por não ter prestado atenção em mim, Ramón. Eu... eu... — Mordeu o lábio, nervosa, escolhendo as palavras. — Eu queria tanto que você visse o maiô... Por que me pediu para usá-lo se não pretendia nem...

Ramón começou a rir.

— Então foi isso? Acho que nunca vou entender as mulheres...

Quando entraram no carro para voltar à *Villa* Rosário o companheirismo de sempre estava recuperado. Conversaram durante todo o caminho, embora não tocassem em nenhum assunto mais íntimo. Joana sentia-se quase feliz, esquecendo-se logo do aparente descaso de Ramón na piscina.

No entanto, assim que pararam na entrada da casa, Cândida veio correndo e praticamente se atirou nos braços dele. Joana observou a cena com tristeza, sem deixar de reparar como a atriz estava linda, com os cabelos dourados soltos nos ombros e as pernas bem torneadas reveladas por uma minissaia.

Apressou-se em deixá-los a sós, mas enquanto subia as escadas ainda pôde ouvi-la falando em castelhano com Ramón. "Cândida não perde tempo!", pensou, irritada. Tinha se esforçado em aprender a língua só para impressioná-lo...

Tomou banho e vestiu depressa um short de jeans com uma blusinha curta, aflita para não se atrasar para o almoço. Quando chegou ao terraço, porém, viu que a mesa estava posta, mas ninguém havia chegado.

Ramón já tinha partido e a *villa* parecia estranha e vazia sem sua presença. Triste, ficou apreciando a paisagem, pensando em como o destino era irônico. Convivera tanto tempo com Ramón e só fora descobrir que o amava quando já era tarde demais. Cândida insistia tanto naquele romance que acabaria por conquistá-lo...

Ao virar o rosto, notou Laurence, que se aproximava. Esforçou-se para disfarçar a angústia, recebendo-o com um sorriso.

— Então, como foi com a marquesa?

— Tudo bem, Laurence. Estou quase terminando o retrato. Acho que vai ficar ótimo.

O rapaz ia dizer mais alguma coisa, mas a entrada de Nick e Cândida o impediu. Enquanto se acomodavam à mesa, uma tristeza infinita dominou Joana ao observar as atenções que Laurence lhe dispensava. Ele ainda alimentava esperanças... No entanto, jamais poderia amá-lo e não gostaria que ficasse magoado.

A beleza de Laurence nada significava diante do amor que sentia por Ramón. Ao pensar nisso, examinou atentamente Cândida, tentando descobrir o que atraía o marquês. Seriam os olhos azuis, os cabelos dourados, ou a personalidade forte? Fosse o que fosse, era inegável que para ele a atriz era muito mais excitante e desejável do que qualquer outra mulher...

Como sempre, Nick estava calado, mas todos sabiam que esse era seu jeito. Joana olhou-o com ternura. Será que o pai não sofria com a solidão? Nunca tinha pensado nisso, mas desde a morte da mãe Nick se distanciara, como se tivesse trancado o coração. Porém ainda era jovem, ainda poderia encontrar o amor... Talvez ele julgasse que a abandonaria se se casasse de novo, que faria a filha infeliz.

Estranho como o amor mudava as pessoas. Até poucos dias atrás, pouco se preocupava com essas questões, mas agora parecia ver o mundo com outros olhos. Será que o pai tinha percebido que estava apaixonada por Ramón? Com tanto trabalho, Nick nem se lembrava da filha, mas ela não o criticava por isso,

entendendo sua maneira de ser.

Nesse momento ele ergueu a cabeça e a surpreendeu observando-o. Sorriu para ela.

— Foi o carro de Ramón que ouvi ainda há pouco? — perguntou.

Joana confirmou com um gesto de cabeça.

— Ah, é claro! Você está fazendo o retrato da marquesa. Por que ele não ficou para almoçar?

— Estava com pressa, tinha um compromisso à tarde — respondeu Cândida antes de se dirigir para Joana. — Como está indo o retrato?

— Está quase pronto.

Disfarçando um bocejo, a atriz comentou:

— Não sei como Ramón consegue acordar tão cedo dormindo sempre tarde. Ele nunca se cansa! Ouvi o carro de manhã quando veio buscá-la.

Joana sentiu uma inveja insuportável ao pensar nos dois voltando juntos para casa de madrugada.

— Eu não acho que nove horas seja tão cedo. Papai acorda às seis para escrever — respondeu com frieza.

Dando de ombros, a loira continuou:

— Eu não consigo acordar cedo. Mas conte-me sobre a marquesa, como é ela? Os espanhóis mais velhos costumam ser muito agarrados às tradições... A avó de Ramón também é? Deve ser uma chatice ficar trancada com ela todas as manhãs, não?

— A marquesa é um encanto. Gosto muito dela.

— É mesmo? — Cândida largou a xícara de café e a encarou. — Conte mais!

Joana relutava em falar no assunto, pois não tinha gostado do jeito como Cândida se referira à marquesa. Como podia julgar uma pessoa que nem conhecia? E, além disso, era a avó de Ramón!

— Olha como fala dos amigos de Joana — interferiu Laurence, que observava as duas com uma expressão divertida.

Cândida deu um sorriso forçado.

— É melhor ir até lá e ver pessoalmente como é a marquesa. Vou pedir a Ramón que me leve, ele não vai recusar.

Joana conteve uma resposta áspera.

— Tenho certeza de que a levará.

Para seu alívio o pai intrometeu-se na conversa, pedindo a Laurence que trabalhasse na peça também à tarde. Os dois começaram a falar da estréia em Londres e logo depois foram para o escritório.

Joana afastou os cabelos do rosto, nervosa, sentindo muito calor e desejando tomar um banho de mar. Levantando-se, convidou Cândida, que fumava recostada numa poltrona, a acompanhá-la.

— Acho uma boa idéia — concordou Cândida. — Não tenho nada para fazer hoje à tarde, pois Ramón vai trabalhar. Podemos deixar um bilhete para Laurence avisando onde estamos, que tal?

Joana subiu para apanhar a sacola de praia e, ao voltar, encontrou Cândida pronta, vestida com um conjunto de short branco e preto, um turbante protegendo os cabelos.

— Como é, está contente com a viagem para Londres? — perguntou enquanto Joana ligava o carro e deixava a *villa*.

— Bem... sim. Fiquei contente por ter me convidado para ficar em seu apartamento; prometo que não vou atrapalhar.

— Eu gosto da sua companhia e tenho certeza de que muitos rapazes também vão gostar.

— Ah, Cândida, eu não sou tão atraente como você.

— Como não? Com esses olhos meigos e esse corpinho perfeito vai estraçalhar corações, garota. — Cândida examinou o rosto de Joana com atenção. — E Laurence? Como vão as coisas com ele?

— Laurence? — Joana mordeu o lábio, aborrecida com o rumo da conversa. — Não... não há nada entre nós. Somos apenas bons amigos.

— Sêrio?

— Claro. Por quê?

— Porque, se fosse o contrário, eu queria alertá-la quanto a Laurence. Ele não é mais um garoto, é um homem feito.

— Você acha que eu sou criança?

— Não, não acho, mas tenho certeza de que nunca foi tocada por um homem. Você pertence a um mundo muito diferente do meu, Joana.

— E daí? Não estou entendendo aonde quer chegar...

— Muitos homens vêm as mulheres apenas como uma diversão e não resistem ao desafio de uma virgem como você. Sei, porque já passei por isso. Os homens não mudaram, nem vão mudar. Todos eles são muito parecidos e Laurence não é exceção. Seu charme não é espontâneo como acontece com Ramón, é algo estudado, construído, próprio de um ator.

— Está me dizendo para deixar Laurence de lado? — Joana sorriu, começando a achar graça na situação. Se Cândida soubesse que Laurence não lhe importava nem um pouco...

— Não é isso; é que sou mais velha e conheço melhor as armadilhas do mundo. Laurence é apaixonado pelo palco, e qualquer outra coisa, inclusive as mulheres, vem em segundo plano.

— Obrigada pelo aviso. Nunca se case com um artista. E para você, o teatro também é a coisa mais importante?

O olhar de Cândida se suavizou.

— Não é mais depois que conheci Ramón.

Joana perdeu o bom humor ao ouvir isso. De repente, pareceu-lhe péssimo ter decidido ir à praia, ainda mais na companhia de Cândida. "Por que não aproveitei a tarde para ler um bom livro", pensou irritada, afundando o pé no acelerador...

Capítulo VII

Naquela noite, depois que todos deixaram a mesa do jantar, Joana afastou-se discretamente dos outros e foi dar uma volta no jardim. Mais do que nunca precisava ficar sozinha e pensar em tudo o que estava acontecendo, no turbilhão de emoções que não a deixava mais sossegada.

Sentou-se num banco sob as árvores, admirando as luzes de Las Palmas que cercavam a baía, ao longe. O que Ramón estaria fazendo? Não tinha aparecido ainda. Cândida se recolhera ao quarto dizendo que ia colocar em dia a correspondência... Deixou que Ramón conduzisse seus pensamentos e pôs-se a sonhar que ele surgia em meio às sombras, com um olhar apaixonado, dizendo que a amava... Ah, se fosse verdade... Mas a realidade era bem diferente. Ramón continuava a tratá-la apenas como amiga, sem desconfiar de que havia aprisionado seu coração. Provavelmente jamais ficaria sabendo disso.

Num impulso, Joana levantou-se e começou a andar em direção às colinas. Rapidamente atingiu a trilha que costumava percorrer todos os dias em seus

passeios a cavalo. Queria chegar àquele ponto de onde se avistava Las Jacarandas...

O luar iluminava o caminho e ela nem sentiu a subida, respirando deliciada o ar fresco da noite. Ia sentir falta daquela vida quando estivesse em Londres. Na verdade, a perspectiva da viagem já não a entusiasmava tanto. Ficar longe de Ramón lhe parecia insuportável, mas continuar ali, sabendo do seu romance com Cândida, também a fazia sofrer muito. Se pudesse encontrar uma saída...

Ao chegar ao local que considerava seu "refúgio", sentou-se numa pedra e ficou um longo tempo com os olhos fixos na mansão de Ramón. Havia algumas luzes acesas, inclusive a da biblioteca. Ele deveria estar lá, lendo ou escrevendo, como fazia antigamente, antes da chegada de Cândida. Estranho, por que os dois não haviam saído? Era a primeira vez que a atriz ficava em casa após o jantar. Talvez os problemas a que ele se referira de manhã, na piscina, fossem de fato sérios.

Com um suspiro, Joana finalmente se decidiu a voltar para a *Villa* Rosário. Já fazia muito tempo que saíra. Se os outros dessem por sua ausência, iam ficar preocupados.

Enquanto retomava a caminhada, continuou se questionando. Afinal, o que sabia sobre o amor? Talvez estivesse apenas entusiasmada por Ramón e com o tempo acabasse se esquecendo dele. A idéia de fazer um curso de artes em Londres já não lhe parecia tão absurda. Sim, poderia se dedicar seriamente à pintura, fazer disso o eixo de sua vida. Talvez desse certo. Já que não conhecera a felicidade de ser amada, quem sabe não encontraria seu destino na realização profissional? Seria como Nick, que só pensava em seus livros. Ou como Laurence.

Chegando à estrada, avistou os faróis de um carro vindo na direção contrária. Ao aproximar-se, o automóvel parou. Era Ramón.

— *Juana*? O que está fazendo por aqui sozinha a esta hora? — Fez um gesto para que entrasse e, depois que ela se acomodou no banco de passageiros, inclinou-se para ver se a porta estava bem fechada.

Por instantes, ficou muito próximo. Um arrepio percorreu o corpo de Joana, que precisou se esforçar para manter a calma.

— E então? Não vai me dizer aonde ia? — insistiu ele.

— Estou voltando das colinas. Fui dar uma volta, olhar as estrelas...

— A pé? Por que não veio a cavalo ou de carro? É muito tarde. Ah, tinha esquecido... quando se está apaixonado o tempo não conta, não é mesmo?

Havia uma nota de ironia em sua voz que fez com que Joana o encarasse, intrigada.

— Não sei do que está falando.

Ele fez um trejeito de descrença.

— Quando uma garota começa a sonhar com estrelas... Está apaixonada por Laurence?

— Não quero responder a essa pergunta. Por favor não insista.

Um brilho estranho surgiu no olhar de Ramón.

— Ficou irritada só porque eu disse uma verdade? Quando um homem sente que...

— Continue — insistiu Joana. — Quando um homem sente o quê?

— Acho que você não vai entender. Eu ia dizer que um espanhol sente mais quando... Bem, às vezes o amor faz as pessoas ficarem bobas.

— Não estou fazendo nenhum papel de boba! — retrucou Joana, indignada.

— Como você, hoje de manhã, precisei de um tempo para resolver meus problemas.

É claro que acho Laurence atraente, mas não estou apaixonada por ele.

— Não?

— Não! E já disse que não quero discutir esse assunto!

— Está bem, está bem. Então fale desses problemas, quem sabe eu posso ajudar?

Joana olhou para fora, angustiada. Por que não lhe dizia simplesmente "eu te amo"? Três palavrinhas. Mas, se o fizesse, colocaria em risco a única coisa boa que ainda existia entre eles: a camaradagem, a convivência alegre que lhe permitia partilhar um pouco da vida de Ramón.

— Sei que me acha infantil e boba... Está bem, pode rir, mas não é nada disso que você está pensando.

— Não estou pensando nada, juro. Desculpe, *Juana*, não queria magoá-la. Já que não quer se abrir comigo, que tal aceitar minha companhia para um copo de vinho? Eu estava indo a Las Palmas para espairar um pouco. Trabalhei até agora há pouco, estou exausto!

Joana não resistiu ao sorriso de Ramón. Aceitou o convite e, feliz, viu-o ligar o carro e tomar a direção da cidade.

Pararam num barzinho à beira-mar famoso por seu vinho moscatel de fabricação própria servido diretamente dos barris.

O garçom trouxe-lhes biscoitos de amêndoas e as canecas com a bebida. Brindaram, rindo, e depois conversaram um pouco sobre um grupo de turistas que havia ocupado uma mesa próxima. Um assunto puxou outro e Ramón acabou perguntando sobre a viagem a Londres.

— Então, *Juana*. Já decidiu o que vai fazer lá?

— Já, Ramón. Quero conhecer tudo o que puder.

— E depois?

— Não sei. Ainda não decidi nada, mas talvez aceite aquela sua sugestão de estudar artes.

— Verdade?

— Estive pensando um pouco nisso... Realmente é uma coisa que eu gostaria de fazer. Seria ótimo aprender todas as técnicas, analisar os grandes mestres. Também posso aproveitar para visitar os museus, ver de perto as obras-primas... É, acho que vou gostar.

— Vou sentir sua falta, *Juana* — disse Ramón inesperadamente, segurando-lhe a mão. Ficaram se olhando em silêncio durante um tempo enorme até que ela fugiu daquela espécie de fascínio que a magnetizava.

— E você? — perguntou. — Vai ficar na ilha para sempre?

Ele desviou o olhar para a baía, iluminada suavemente pela luz da lua.

— Acho que sim, gosto muito daqui. Mas ninguém sabe do futuro, não é? No momento muita gente aqui depende de mim para ter um emprego.

Joana sentiu uma vontade imensa de perguntar sobre o romance com Cândida, mas não teve coragem. Não tanto pela reação que poderia provocar, mas pela resposta, que provavelmente viria destruir-lhe as esperanças.

Continuaram comentando sobre a vida na ilha até que Ramón olhou para o relógio.

— É melhor irmos embora. Já é muito tarde.

Ela levantou-se relutante, pensando que teria ficado a noite inteira ali se Ramón quisesse.

Quando o carro contornou a *Villa Rosário*, avistaram Cândida, que os aguardava ansiosa no terraço. Assim que desceram, ela correu ao encontro dos

dois.

— Joana, querida! Que maldade sair sem me falar nada! Demorou tanto que Laurence e seu pai foram dormir. — Virando-se para Ramón, sorriu, sensual. — Querido, que bom vê-lo aqui. Pensei que estivesse ocupado hoje. — A mão delicada acariciou o braço dele, insinuante.

Ramón correspondeu ao sorriso, olhando-a como se compartilhassem um segredo. Joana mordeu o lábio, enciumada.

— Estava indo para Las Palmas quando encontrei *Juana*. E você, passeou muito esta noite?

— Sozinha? Está brincando! Senti muito sua falta. Venha beber alguma coisa antes de ir embora.

— Não, obrigado *Juana* e eu já bebemos muito.

Ele desvencilhou-se delicadamente da mão da atriz, parecendo não perceber a expressão de raiva que lhe sombreou o rosto.

— Ora, por que trouxe Joana tão tarde? Ela ainda é uma criança. — Cândida virou-se para Joana, seca. — Você deve estar muito cansada, vá dormir que eu acompanho Ramón até o carro.

"É claro que eles querem ficar a sós", pensou Joana. Com um aceno, despediu-se e entrou correndo. Era tolice, mas havia ficado magoada. Afinal, ele mal tinha respondido à despedida.

No quarto, levou um bom tempo tentando controlar as emoções. Cândida tinha sido muito esperta chamando a atenção de Ramón para a sua pouca idade. Que armas poderia usar contra a experiência daquela mulher? Pelo jeito, teria que sufocar mesmo esse amor por Ramón antes que se tornasse um sentimento tão poderoso que não pudesse mais ser disfarçado.

Joana acordou cedo, pois apesar do que ocorrera na noite anterior dormira muito bem. Uma neblina suave indicava que o dia seria claro e brilhante.

Pensativa, decidiu colocar uma minissaia e uma camiseta sem mangas, amarela. Dispensou o sutiã e se olhou no espelho, satisfeita. Todos a achavam muito criança, não era? Pois então ia valorizar sua aparência juvenil. "Nisso" Cândida não podia competir com ela.

Assim que chegou ao terraço para tomar café encontrou a atriz já vestida com um conjunto claro de linho enfeitado por faixas coloridas na cintura. Um lenço do mesmo tecido prendia-lhe os cabelos.

— Consegui acordar mais cedo — anunciou, radiante, mal Joana sentou-se a seu lado.

— É, estou vendo.

— Está surpresa? Eu disse a Ramón que você ficaria espantada.

Joana não fez comentários, embora estivesse intrigada. Cândida jamais saía do quarto antes das onze, a não ser que Nick começasse o ensaio mais cedo.

Rosita veio trazer o café, olhou de relance para a atriz e voltou para a cozinha, sem dizer nada.

— Você está curiosa para saber por que eu acordei tão cedo?

— Bem, então diga logo. Deve haver um motivo muito especial.

As duas se encararam por um momento. Joana começou a se irritar com a expressão de triunfo no rosto da outra.

— Nick disse a mesma coisa quando pedi que me dispensasse do ensaio esta manhã. — Cândida fez uma pausa, aumentando o suspense. — Vou com vocês até a *Villa Faustino*! Tenho certeza de que Ramón iria me levar lá, mais cedo

ou mais tarde, mas acontece que eu estou tão ansiosa por conhecer a marquesa...

Uma sombra pareceu ofuscar o brilho daquela manhã. Cândida queria demonstrar, sem deixar dúvidas, que havia uma ligação muito forte entre ela e Ramón. "Se não tivesse o compromisso de pintar o retrato", Joana pensou, "insistiria para que os dois fossem sozinhos." Perdera toda a disposição diante da perspectiva de presenciar o namoro.

— Acho que você vai gostar da marquesa — respondeu, fingindo indiferença.
— Ela foi uma moça muito bonita e ainda tem uma aparência extremamente bem conservada.

Cândida ficou um pouco desapontada com a reação calma de Joana e não insistiu na conversa. Continuaram comendo em silêncio até a chegada de Ramón.

Ele estava de ótimo humor e não fez objeção à presença de Cândida. A atriz sentou-se na frente e monopolizou a atenção do namorado até chegarem à *Villa Faustino*. Joana se esforçou para se concentrar na paisagem, lutando intensamente contra o desespero que parecia asfixiá-la.

A marquesa recebeu Cândida com cordialidade, sem demonstrar nenhuma surpresa pela visita inesperada. Conversou com desenvoltura sobre Londres e seus teatros, indagou polidamente pela carreira da atriz, esforçando-se para deixá-la à vontade, mas Joana, que a conhecia bem, julgou ver em seus olhos uma expressão pensativa.

Ramón e Cândida saíram em seguida para que ela conhecesse as demais dependências da mansão, deixando Joana concentrada no trabalho.

Mais de uma hora havia se passado quando a marquesa adormeceu. Ela decidiu então parar de pintar e procurar o casal, mas não o encontrou. Resolveu então dar um mergulho, já que havia trazido o maiô. Trocou-se e correu para a piscina, deliciando-se com a água tépida e o calor do sol.

Nadou por uns dez minutos e já estava saindo quando viu Ramón se aproximando. Começou a correr ao encontro dele, mas ao chegar bem perto escorregou e teria caído se Ramón não a amparasse. Ele a apertou contra o peito e por instantes a atordoante proximidade daquele corpo moreno fez as pernas de Joana fraquejarem.

— Obrigada, você me livrou de um tombo feio — conseguiu dizer, ofegante.
— Oh, molhei sua roupa, Ramón.

— Não tem importância, não vou morrer de pneumonia por causa disso. Depois que você se vestir, vá até a biblioteca.

Joana sorriu docemente, encantada com o tom carinhoso com que lhe falara. Por um momento, se esqueceu de Cândida. Ter estado nos braços dele, por mais acidental que fosse, valera a manhã.

Quando entrou na biblioteca, Cândida a recebeu com um olhar frio, medindo-a dos pés à cabeça.

— Ramón me contou que estava na piscina. É pena que eu não tenha trazido o meu biquíni, senão também poderia nadar.

Recostada numa poltrona, fumando um cigarro, a atriz parecia querer mostrar ao mundo que era a dona da casa.

— Não fique aborrecida, você pode usar a piscina outro dia — falou Ramón, olhando o relógio. — Quando Joana terminar de tomar o vinho podemos ir embora. Hoje tenho vários compromissos à tarde.

Cândida esboçou um ar de insatisfação e, amassando o cigarro com força no cinzeiro, lamentou:

— Ramón, de novo?! Vou ter que ficar sozinha outra vez? É tão ruim...

— Aproveite esta tarde para descansar — retrucou, imperturbável. — Quero que saia hoje à noite. Vou dar uma festinha para uns companheiros de negócios e todos vocês estão convidados. Até mesmo já falei com Nick. — Ia servir mais vinho a Joana, mas ela recusou.

— Não quero mais, obrigada. Acho que podemos ir.

Ramón as deixou na *Villa Rosário*, mas não ficou para almoçar. As duas encontraram Nick e Laurence tomando um aperitivo no terraço. O ator as recebeu com um sorriso.

— Pensamos que vocês iam almoçar fora... Então, Joana, como vai o retrato?

— Está ficando ótimo, a marquesa é uma modelo maravilhosa, de uma paciência infinita. — Ela fez uma pausa e se virou para o pai: — Você não nos contou que íamos jantar com Ramón esta noite, querido.

— Não contei? Mas nós vamos. — Nick sorriu para a filha. — Agora, me faça um favor, diga a Rosita que pode servir o almoço.

Durante a refeição, Laurence perguntou a Cândida como tinha sido o encontro com a marquesa.

— Você quer saber se ela gostou de mim? — indagou a atriz. — Tenho certeza de que sim. Temos muita coisa em comum, imagine que ela conhece todos os teatros de Londres. É uma ótima pessoa.

Nick inclinou-se para servir-lhe vinho.

— Então, se divertiu?

— Muito. Posso ir outra vez amanhã?

— Sinto muito, mas nós combinamos que íamos trabalhar todos os dias na peça até a hora do almoço. Além disso, falta pouco tempo para a estréia e vocês logo terão que voltar para Londres.

Quando lhe convinha, Cândida sabia ser muito cativante. Seu sorriso para Nick foi cálido.

— Tem razão, é lógico, eu nem deveria ter perguntado. — Virou-se para Joana e Laurence. — Acho que os dois juvenzinhos aí vão passear hoje à tarde, mas eu vou ficar aqui para lavar os cabelos e me preparar para a festa de hoje à noite.

— Ah, é? Nós vamos sair? — perguntou o rapaz, divertido. — Você sabia disso, Joana?

Joana riu.

— Por que não? A menos que você queira lavar os cabelos e se arrumar para a festa desta noite... — brincou ela, sem resistir à tentação de provocar Cândida.

A atriz levantou-se logo, aborrecida, e deixou a mesa sob os risos de todos.

O ar estava claro e límpido, o sol brilhava intensamente quando ambos saíram para passear. Joana usava a mesma roupa da manhã enquanto Laurence colocara um short branco e tênis.

Percorreram trilhas sombreadas por altas árvores ao pé da colina que, por vezes, permitiam avistar o mar, as plantações de banana e as casinhas brancas nas encostas dos morros.

— Acha que a peça de papai vai ser um sucesso?

— Não acho, tenho certeza. As peças de Nick Main sempre fazem sucesso e é por isso que eu sou muito grato a ele por ter me dado esta chance. — Laurence sorriu. — Faria qualquer coisa por ele, ou por você.

— Obrigada. — Joana ergueu o rosto, radiante, e Laurence achou-a ainda mais linda. — Mas não fique pensando que nos deve alguma coisa. Tenho certeza de que papai não acha que lhe fez um favor, você é mesmo talentoso. Se tiver

sucesso na peça, seus pais vão ficar orgulhosos.

Ele deu de ombros.

— Não acho. Eles sonham com o dia em que voltarei para morar na fazenda.

— Acha que seria feliz na fazenda, Laurence?

— Algum dia pode ser, mas só depois que encontrar a garota certa. É engraçado, só agora me veio esta idéia.

— Que idéia?

Laurence enfiou as mãos nos bolsos e sentou-se na grama.

— Pensar em morar na fazenda com a garota certa. Sempre achei que me fixaria em algum lugar, mas sozinho. Nos meus sonhos nunca tinha aparecido uma companheira.

— Mas se tiver uma carreira de sucesso no teatro isso não fará diferença. É engraçado, você e Cândida pensando em casamento... Chegaram aqui cheios de ambição, querendo tornar-se verdadeiros astros, e agora estão mudando de idéia. Por que isso aconteceu?

— Não sei, deve ser esse clima, esse ar puro. Dizem que a brisa do mar estimula a fantasia.

— Você acha... — Joana parou, sem jeito, mas depois prosseguiu. — Acha que Cândida vai casar-se com Ramón?

Laurence mordeu um talo de capim, pensativo.

— Nossa amiga está se empenhando muito nisso, não há dúvida... Eu diria que essa questão ainda está em aberto. Tudo depende dos próximos lances. — Vendo que Joana se retraía, tocou-lhe o braço, carinhoso. — Não se preocupe tanto, pequena. Também pode ser um caso passageiro.

Ela estremeceu ao sentir a mão confortadora do amigo. Será que Laurence sabia de seu amor por Ramón? Desviou o rosto depressa, apreensiva. Suas emoções haviam se tornado assim tão óbvias?

Capítulo VIII

Às oito horas daquela noite, todos estavam prontos para o jantar em Las Jacarandas. Cândida estava linda num vestido em estilo espanhol, com uma blusa bem decotada de seda colorida e uma saia de babados bastante original.

Laurence e Nick sorriram ao ver as duas garotas. Joana, que continuava decidida a se valorizar frente à atriz, tinha escolhido um vestido rosa, com uma faixa larga na cintura num tom mais escuro. A saia franzida, bem curtinha, deixava à mostra as pernas bronzeadas.

Chegaram à *villa* de Ramón ainda com alguns raios de sol, pois nas ilhas escurecia bem tarde.

O anfitrião estava na porta recebendo os convidados, como sempre muito gentil e elegante num *smoking* impecável. Ao vê-lo, o coração de Joana disparou. Ficou um pouco mais atrás na esperança de receber ao menos um sorriso exclusivo.

Sua estratégia deu certo. Depois de cumprimentar Nick e Laurence e receber um beijo de Cândida, Ramón tomou as mãos de Joana e a fez rodar.

— Como está linda, *Juana*. Parece uma fada.

— Não há fadas em Las Jacarandas, lembra? — respondeu, com os olhos brilhando.

— Talvez eu devesse tomar alguma providência a respeito disso...

Cândida, que observava a cena com uma expressão estranha, intrometeu-se, puxando Joana para o salão.

Havia aproximadamente vinte convidados e, à exceção de três casais que

mantinham relações de negócios com Ramón, os demais já eram conhecidos dos Main.

O ambiente exalava um aroma de perfume, cigarros e vinhos caros. Os homens, de *smoking*, e as mulheres, com finos vestidos de noite, conversavam e se divertiam.

Finalmente, chegou o último convidado e Ramón veio juntar-se aos demais.

Joana se esforçou para não olhá-lo muito, mas foi quase impossível. À mesa de jantar, ele sentou-se à cabeceira e ela não pôde deixar de pensar que era o homem mais bonito e mais excitante daquela festa.

Uma vez seus olhares se encontraram e por um breve instante houve uma comunicação muda entre os dois. "Ele jamais me esqueceria, mesmo que me visse apenas como uma criança", Joana pensou. Mas isso não a consolava nem um pouco... Desejava Ramón, queria fazer amor com ele, tornar-se sua companheira...

Para disfarçar a tristeza, começou a rir e brincar com o pai e a flertar com um primo de Ramón que se sentara a seu lado.

Chamava-se Vicente e era banqueiro em Tenerife. Já haviam se encontrado em outras festas. Era solteiro e geralmente vinha a Las Jacarandas com alguma garota. Nessa noite, entretanto, estava sozinho. Cândida, sentada do outro lado da mesa, observava-os com uma indisfarçável expressão de alívio. A seu lado, Laurence não achava graça, enciumado pelo interesse evidente do espanhol.

Entretido com um convidado com quem mantinha negócios, Ramón não percebeu o flerte.

— Vim ver a piscina que meu primo mandou fazer na *Villa* Faustino — contou Vicente. — Quero fazer uma em minha *villa* de Tenerife.

Joana sorriu de modo provocante.

— Que boa idéia! Já nadei na piscina de Ramón e achei uma delícia.

Vicente, com expressão maliciosa, convidou.

— Eu ficaria muito contente se você experimentasse a minha quando ficar pronta.

— É claro, com muito prazer. Isto é, se eu ainda estiver aqui, pois logo vou para Londres.

— Mas pretende voltar?

— Não sei.

O brilho intenso e atrevido nos olhos de Vicente a agradava, embora não tivesse a menor intenção de corresponder a seu interesse. Na verdade, queria que Ramón notasse que outros homens não a viam como uma "garotinha".

Quando o jantar terminou e alguns casais começaram a dançar, Vicente quis ser o primeiro a convidá-la.

Depois da primeira música, meio contra a vontade, cedeu a vez a Laurence, mas em seguida voltou e não a deixou mais.

Ramón dançou com Cândida, e Laurence, com diversas garotas enquanto Joana pensava em como se livrar de Vicente, mas não encontrava uma saída.

De repente, sentiu que alguém a segurava pelo braço. Era Ramón, que a obrigava a afastar-se de Vicente.

Ele a puxou para o outro lado do salão para dançar bem longe dos outros pares.

— Será que não percebe o quanto está sendo vulgar flertando com Vicente? Se sua intenção era provocar Laurence, saiba que conseguiu, mas seu pai deve estar decepcionado com você, assim como eu.

Joana tentou interrompê-lo para explicar-se, mas a raiva de Ramón não a

deixou falar.

— Não precisa pedir desculpas. Esse tipo de comportamento não é comum entre meus convidados. Além disso eu não quero que nenhum de meus amigos faça insinuações maliciosas a esse respeito.

— Mas Ramón...

— Se está tão apaixonada por esse inglês a ponto de fazer um papelão só para chamar-lhe a atenção, deixe que eu mesmo falo com ele e lhe pergunto o que pretende. — Ele falava rapidamente, como se a qualquer momento sua voz pudesse ser sufocada pela indignação. — Acho esse tipo de situação insuportável.

— Mas Ramón, que absurdo! Só estou agindo com Vicente do mesmo modo que você com Cândida. E, para ser sincera, você me deixa perplexa com tanta grosseria.

— Deve ter dado muita atenção a ele para que se comporte como um dom-juan. — Os dedos de Ramón apertaram com força a mão delicada de Joana.

— Está me machucando — ela reclamou.

— Isso não é nada perto do que tenho vontade de fazer com você! — Conduzindo-a através do salão, levou-a até o terraço. Bruscamente, soltou seu braço e a olhou de modo frio.

— Pare com isso! — Joana exclamou, furiosa. — Pelo menos Vicente não me trata como uma criança. E por falar em insinuações, o que há entre você e Cândida?

— Esse é um problema meu, não acha?

— E você também não tem nada a ver com minha vida. — Ela falava olhando para o chão, tentando esconder as lágrimas. Virou-se para ir embora, mas Ramón a segurou pelo pulso.

— Tudo o que fizer em minha casa tem muito a ver comigo. E não dance mais com Vicente, entendeu bem?

Devagar, Joana ergueu os olhos para aquela face morena, as lágrimas estancadas pela raiva.

— Você pode não ter notado — disse em voz baixa — mas, eu cresci. Não sou mais uma criança e Vicente me vê como mulher. Isso me deixa contente e...

Subitamente, ele soltou seu pulso, pois Laurence e Cândida chegavam ao terraço. A atriz aproximou-se e mais que depressa enlaçou-lhe o braço.

— Eu o estava procurando, querido, e Laurence queria dançar com Joana. Não vamos atrapalhá-los, não é?

Como num passe de mágica, Ramón voltou a ser o homem encantador e gentil de sempre, inclinando a cabeça para o inglês.

— Desculpe, Laurence. Está se divertindo?

— Sim, muito. Sua festa é um sucesso. Então, Joana, vamos dançar?

Ela concordou e voltaram ao salão. Ao enlaçá-la, no entanto, Laurence não sorria mais.

— Esse espanhol que não a deixou durante toda a noite é um antigo caso de amor?

— Quem, Vicente? — Joana fitou-o, pensando que não teria paciência para enfrentar mais uma repreensão. — Pelo amor de Deus, não é nada disso. É primo de Ramón e eu o conheço há anos.

— Pelo que vi, parecia interessado em você.

Joana olhou em torno procurando Ramón, mas não o viu. Provavelmente ainda estava no terraço com Cândida.

— Joana, quer fazer o favor de prestar atenção em mim?

— Acho que agora ele percebeu que já sou adulta — murmurou, distraída.

— Quem, o tal espanhol?
— Não, Ramón! — Joana encarou o amigo, pensativa. — Ele ainda me trata como criança, não acha?
— Não muito. — Laurence percorreu o salão com os olhos. — Não vejo mais seu admirador por aqui, acho que foi embora.
— Será? — Nesse momento Joana viu Ramón dançando com Cândida. Os dois estavam de rosto colado, movendo-se lentamente ao ritmo da música. Angustiada, quis fugir dali, ficar sozinha para chorar.
— Onde está papai? — perguntou a Laurence. — Não o vejo desde o jantar.
— Está conversando com um dos sócios de Ramón. Nick não gosta de dançar, não é? Ele nunca pensou em se casar de novo, Joana?
— Acho que papai não teria tempo suficiente para dedicar a uma esposa. Escrever é a coisa mais importante na vida dele.
— Então ele não tem muito tempo para você também. Não acha a vida aqui meio monótona? Quer dizer, não gostaria de se divertir um pouco mais?
— Você está pensando que eu gostaria de ter uma porção de namorados? Vou para Londres com vocês e garanto que me divertirei bastante.
Laurence riu.
— Parece muito decidida. Espero que encontre um tempinho para ficar comigo, hein? — Seu olhar suavizou-se. — Que pena você não gostar de mim como...
— Como o quê, Laurence?
— Nada, deixe para lá. Quer uma bebida?
Joana aceitou, aliviada em se afastar dali. Passou o resto do tempo conversando com Laurence e na hora de partir despediu-se laconicamente do dono da casa, fazendo questão de se distanciar enquanto Cândida se desmanchava em sorrisos e agradecimentos entusiasmados.

Na manhã seguinte, Ramón chegou um pouco mais tarde que o habitual para levar Joana à *Villa Faustino*. Ela continuou a tratá-lo com frieza. Não disse nada durante o percurso e, assim que chegaram, desceu na frente, sem esperá-lo.

No entanto, o destino lhe reservara uma surpresa. A marquesa estava com visitas e pediu-lhe que deixasse a sessão para o dia seguinte. Sugeriu que aproveitasse a companhia de Ramón para um passeio.

— Você trouxe maiô? — ele perguntou assim que entraram novamente no carro.

— Sim. Por quê?

— Poderíamos ir ao outro lado da ilha, que tal? Há uma praia deliciosa naqueles lados pouco freqüentada pelos turistas.

— Eu sei qual é. Tudo bem, vamos até lá. — Apesar do tom seco, Joana sentia-se excitada com a perspectiva de passar a manhã toda com ele.

Na praia, depois de nadarem bastante e correrem, deitaram-se na areia para tomar sol. As horas voaram. Quando deu por si, ela já estava de novo no automóvel, de volta à *Villa Rosário*.

Foi então que Ramón tocou no incidente da festa.

— Ainda está brava com o que aconteceu ontem à noite, *Juana*?

— Não... Mas você não precisava ter estragado a noite de Vicente por uma bobagem, não acha? O que aconteceu com ele? Mandou-o embora?

— É claro que não! — Ele riu, com uma expressão que Joana não entendeu.
— Apenas o apresentei a um amigo empresário que adora ser o centro das

atenções. Os dois se enfurnaram na biblioteca... Garanto que Vicente foi um bom ouvinte.

— Ramón, que maldade! — Joana acabou rindo também. — Nunca pensei que você se preocupasse tanto comigo...

Para sua surpresa, Ramón olhou-a com serenidade.

— Talvez esse seja o problema, *Juana*. Você não pensa muito nos outros, não é?

Ela sustentou seu olhar, esforçando-se por compreender o que ele dizia. De que a acusava agora?

— Acha que magoei Vicente? — arriscou.

— Vicente? Meu Deus, não! Aquele sujeito é muito esperto, está acostumado a lidar com garotas ingênuas como você.

— Ramón, não agüento mais essas insinuações que todos fazem a meu respeito! Parece que todo mundo está achando muito divertido me tratar como uma garotinha boboca. Fique sabendo que já estou com dezenove anos e sei muito bem...

— Dezenove? Eu jurava que você tinha uns quinze...

— Ramón!

Ele desviou o carro para o acostamento e parou. Em seguida, virou-se para Joana com um brilho intenso nos olhos, um misto de ironia e... desejo. Perplexa, ela reprimiu o que ia dizer, achando que sonhava.

— Vamos conversar uma coisa de uma vez por todas, *Juana* — disse com suavidade, tocando-lhe o rosto. — Você é uma mulher linda, capaz de enlouquecer qualquer homem. Ninguém duvida disso. No entanto, ainda age como criança, inconsciente de seu próprio poder de sedução...

— Ramón... — Seu coração tinha começado a bater como louco diante daquela declaração inesperada. Os dedos de Ramón continuavam a percorrer-lhe o rosto e de repente, num impulso, ela beijou-lhe a palma da mão.

Um silêncio profundo seguiu-se a sua ousadia. Envergonhada, Joana não ousava levantar a cabeça, repreendendo-se pela iniciativa.

Ele tocou-lhe o queixo, fazendo com que o encarasse. Sem dizer nada, aproximou os lábios dos dela, beijando-a docemente.

As sensações que dominaram Joana tornaram-se tão intensas que ela fechou os olhos, entregando-se. Não queria pensar em nada que não fosse a suavidade daquela boca presa à sua. Mas o instante de magia acabou logo. Ramón se afastou, tocando-lhe a pele acetinada do ombro com a ponta dos dedos, descendo-os bem devagar pelo braço até segurar-lhe a mão com força.

— Às vezes fico imaginando o que aconteceria se...

— Se... ? Fale, Ramón.

Ele sorriu, mas havia uma sombra de angústia em seus olhos.

— Você é uma fada, *Juana*. Laurence é um homem feliz. — Suspirou e deu partida no motor, concentrando-se em manobrar o carro.

Aquele seria o momento de dizer-lhe que o amava, mas ela não tinha coragem, pois compreendia o que acabara de acontecer: Ramón quisera apenas desculpar-se pelo que ocorrera na noite anterior. Tinha sido uma maneira gentil de mostrar que ainda eram amigos...

Não conversaram mais até chegar à *Villa* Rosário. Ramón deu a volta para ajudar Joana a descer.

— Amanhã venho buscá-la à hora de sempre. Até logo. — Partiu com um breve aceno, sem perguntar por Cândida.

Triste, sem esperanças, Joana foi para o quarto. Logo a atriz apareceu, entrando sem bater.

— Como passou a manhã, tudo bem? — Ao acender um cigarro aproximou-se da janela, obviamente procurando o carro de Ramón. — Parece que ele está com pressa...

Joana largou a sacola de praia ao lado da cama, aborrecida com aquela intrusão. A última coisa que desejava naquele momento era conversar.

— Sim, a manhã foi agradável. Acho que Ramón tinha um compromisso em Las Jacarandas. Ele lhe contou que pretende reformar a casa?

— É claro que sim. Eu estou inclusive ajudando a escolher a mobília... — Com uma expressão estranha no rosto, Cândida virou-se devagar. — Acho que ele quer que esteja tudo novinho para quando eu me mudar para lá.

Lutando contra as lágrimas que teimavam em chegar-lhe aos olhos, Joana perguntou:

— Já contou a papai?

A atriz soprou a fumaça em direção ao teto.

— Nick sabe que eu não vou abandonar a peça. Meu casamento não vai mudar nada, pois a cerimônia só poderá ser realizada depois que a reforma terminar e isso ainda demora. Como a peça vai estreiar em setembro, acho que só nos casaremos no Natal.

Joana olhou para o relógio, deixando claro que gostaria de colocar um ponto final no assunto.

— Tenho que me apressar, senão Rosita me puxa as orelhas, ela detesta atrasos na hora do almoço. — Começou a desabotoar o vestido enquanto a outra se dirigia para a porta. — Se descer, avise o pessoal que não demoro.

Com um gesto teatral, Cândida tornou a se virar para encará-la.

— Como o noivado ainda não foi marcado, prefiro que não conte a ninguém.

— Eu não ia mesmo comentar — foi a resposta seca.

Depois do almoço, a atriz subiu para o quarto, Nick retirou-se para o estúdio e Laurence levou Joana ao terraço para pintarem a paisagem.

Trabalharam durante um bom tempo até que Rosita os interrompeu para servir o chá.

Joana aproveitou para olhar a tela de Laurence.

— Você é mesmo bom nisso — comentou.

— Não consigo misturar as tintas como você. Sua pintura é perfeita, a minha não.

— Talvez fosse melhor pintar coisas vivas — sugeriu Rosita pegando a bandeja vazia.

Laurence franziu a testa e deu um passo atrás para observar a espanhola. Com um vestido vermelho, a pele bronzeada, os olhos negros e luminosos, era mesmo uma figura muito simpática.

— Você tem razão, Rosita. Vou pintar você.

— Ah, não vai, não — respondeu enquanto se afastava velozmente.

O rapaz caiu numa cadeira às gargalhadas. Depois, mais sério, pegou a xícara de chá.

— Até que não é má idéia. Diga, Joana, como vai o retrato da marquesa?

— Quase pronto. — Relutante em tocar no assunto, ela sorriu aliviada ao ver o pai entrar no terraço. — Quer chá papai?

— Não, obrigado. O que aconteceu com Rosita? Passou por mim como um furacão.

Nick examinou os quadros que secavam nos cavaletes enquanto contavam o que havia acontecido.

— Rosita tem razão. Deveria pintar coisas vivas, Laurence. Você tem um bom traço para os movimentos. A propósito, há um ótimo show hoje à noite em Las Palmas. Querem ir?

— Ah, que ótimo, papai. Vamos sim. — Joana necessitava de movimento, de qualquer coisa que a ajudasse a esquecer Ramón. Além disso, achava que o pai também precisava se divertir.

Às oito horas, os três puseram-se a caminho. Nick dirigia com cuidado, preferindo apreciar a paisagem, mas como o percurso era curto logo entraram na larga avenida onde ficava o hotel, bem conhecido por sua clientela elegante e por seus ótimos shows.

Estacionaram o carro e Nick se adiantou para fazer as reservas, deixando os dois para trás. Em poucos instantes estava de volta, com um sorriso meio sem graça.

— Sinto muito. Todas as mesas estão reservadas.

Laurence deu de ombros, bem-humorado.

— Ora, não faz mal. Aonde poderíamos ir?

Nick não respondeu, com os olhos fixos num casal que se aproximava da portaria.

— Estamos com sorte! Vejam só quem acaba de chegar: Ramón e Cândida.

— Mas, papai, não vamos incomodá-los... — começou Joana.

Antes que Nick dissesse alguma coisa, Ramón os avistou e veio na direção do grupo.

— Que surpresa! Eu não sabia que vocês viriam aqui.

— Só que não vamos ficar, eu não consegui uma mesa — explicou Nick.

— Ah, mas podem ficar conosco. Seria um prazer imenso. — Num gesto elegante, Ramón pegou o braço das duas e conduziu-as para dentro. O marquês tinha sempre uma mesa reservada, pois costumava fazer freqüentes reuniões de negócios no hotel. Os garçons prontamente trouxeram mais cadeiras e todos se acomodaram. Joana esforçou-se para não parecer infeliz, tentando sorrir e brincar, mas sentia um aperto insuportável no coração.

A comida estava excelente e o vinho, perfeito, o que a ajudou a relaxar. A conversa tornou-se animada e Nick começou a falar da peça. Em seguida discutiram sobre xadrez e Ramón lembrou que haveria um torneio em Tenerife com os melhores jogadores das ilhas. Enquanto falava, sorriu para Joana, que mal conseguia disfarçar a tristeza ao pensar que as horas de intimidade partilhadas nos jogos de xadrez logo acabariam.

O show começou com atrações variadas: um casal de comédicos americano, um cantor italiano, um ágil malabarista e a estrela da noite, uma linda dançarina espanhola.

Quando o malabarista começou o número, avisou que naquela noite estava sem sua assistente e por isso buscava ajuda na platéia. Seus olhos negros passearam pelas mesas e sob as luzes dos refletores ele acenou para Joana.

Mas, antes que ela se levantasse, Ramón sussurrou algo para Cândida, que imediatamente tomou a dianteira. O malabarista agradeceu ao marquês em espanhol e acompanhou a bela loira até o palco sob os aplausos do público.

Joana ficou muito magoada. Como Ramón ousava interferir daquele jeito? Ou achava que ela não seria capaz de auxiliar o artista? Cândida, é claro, sentia-se mais à vontade no palco do que na platéia. Tudo tinha acontecido tão depressa que

poucas pessoas perceberam a troca.

Nick estava intrigado e batia a cinza do cigarro. Laurence parecia perplexo. Por um instante, ninguém disse nada, mas em seguida continuaram a conversar. Então Ramón inclinou-se para Joana.

— Cândida está acostumada a enfrentar o público. Se alguma coisa saísse errada, sua noite estaria estragada e então eu... — Parou, de súbito, os olhos negros perscrutando seu rosto. — Ficou zangada?

— Por que teima em me tratar como se eu fosse idiota? — ela perguntou baixinho, sem chamar a atenção dos outros. — Tenho certeza de que me sairia tão bem quanto Cândida.

O começo do espetáculo interrompeu o diálogo. O refletor dava um brilho dourado aos cabelos de Cândida, que com seu desempenho arrancava aplausos da platéia.

A dançarina espanhola foi a próxima atração, entrando no palco sob o som das castanholas. O cabelo negro, preso atrás da orelha com uma flor, brilhava e o corpo flexível acompanhava a música, que se tornava cada vez mais rápida.

A atenção dos espectadores não se desviava daquela figura graciosa e quando a dança terminou um suspiro de prazer ecoou em unísono antes que as palmas rompessem, acompanhadas de bravo e assobios.

A orquestra voltou a tocar e muitos se dirigiram à pista. Ramón formou par com Cândida e Laurence com Joana. Nick os observava, fumando. Seus olhos tornaram-se pensativos ao deter-se em Laurence e Joana e de repente pareceu preocupado e solitário. A filha notou aquele ar de preocupação e lhe dirigiu um sorriso afetuoso. A expressão abalada de Nick a comovia, pois nela estava retratado todo o amor que lhe dedicara desde a morte da mãe.

Ramón e Cândida destacaram-se entre os outros casais e Joana desviou rapidamente o olhar. Era doloroso pensar que os dois iriam ficar noivos e que ele talvez estivesse ansioso pela estréia para poder anunciar o casamento. Refletia sobre isso quando Laurence a conduziu de volta à mesa, indo em seguida ao toalete. Pouco depois Ramón e Cândida também retornavam. Deixou a atriz conversar com Nick e tirou Joana para dançar.

— Ainda está magoada comigo? — perguntou junto a seu ouvido assim que a apertou contra o corpo para seguir o ritmo da melodia.

Joana baixou a cabeça e conteve as lágrimas, lembrando-se de todos os anos em que partilharam bons momentos, risadas e passeios. Como podia ficar magoada com ele se o amava desesperadamente?

— Por que não me deixou subir ao palco? Seria uma experiência nova para mim.

— Ah, mas você tem que admitir que Cândida é uma profissional.

— Quer dizer que você não acreditou que eu seria capaz? Afinal de contas, ele me escolheu. — Ela ergueu o rosto para encará-lo.

— Você queria impressionar Laurence, não queria? Não precisa de nada disso para conquistá-lo, *Juana*. Sabe o que eu penso...

Ela o interrompeu, furiosa.

— Não me interessa o que você pensa! — De certo modo, gostava que Ramón julgasse que estava apaixonada por Laurence, pois ao menos o amor próprio ficaria a salvo. Engolindo em seco, continuou: — Só quero que me deixe em paz. Sou perfeitamente capaz de cuidar da minha vida e, além disso, tenho meu pai.

Ele apertou com força seus dedos, mas a mão apoiada em suas costas parecia de pedra. Quando falou, sua voz não demonstrou qualquer emoção.

— Por que temos que discutir toda vez que nos encontramos? Você mudou muito desde que esse rapaz chegou. Não consegue mais controlar as emoções, explode à toa.

A música estava no fim e ela soltou-se dos braços dele.

— É lamentável que você não tenha mudado também. Insiste em dirigir minha vida, e eu não gosto disso.

— Quer dizer que devo sair de sua vida?

— É claro que não. Só não quero que seja como um cão de guarda. Por que não me trata igual a Cândida, como mulher? Talvez aí eu comece a me comportar como adulta...

Enquanto os outros casais deixavam a pista, os dois ficaram se encarando, tensos.

— Eu a conheço há muito mais tempo, *Juana*... O que sinto por você não pode nem de longe ser comparado ao que sinto por Cândida. — Ele ergueu o braço, impedindo-a de se encaminhar para a mesa. — Nossa amizade significou tão pouco para você?

Rígida, Joana ergueu os olhos para ele.

— Sim. Significou viver o tempo todo num mundo de fantasia, totalmente protegido, não o mundo real. Mas tinha que sair dele algum dia e tentar conhecer outras pessoas... Não posso culpá-lo por me tratar como criança, papai também age assim. — Seu sorriso era triste. — Acho que para acabar com tudo isso só me resta uma saída: ir para Londres.

De cabeça erguida, voltou à mesa. Suas pernas estavam trêmulas e precisou fazer um esforço para reter as lágrimas.

Jamais esqueceria aquela noite, a pior de toda a sua vida.

Capítulo IX

Na manhã seguinte, Joana acordou confusa quanto à visita habitual à *Villa Faustino*. Depois da discussão da noite anterior não sabia como enfrentar Ramón. Aquelas palavras não lhe saíam da cabeça: ele havia dito que sentia por ela algo muito diferente do que sentia por Cândida. Como era doloroso...

Ele jamais saberia do seu amor, decidiu. Viajaria para Londres sem revelar o segredo. A idéia da viagem não era tão animadora quanto antes, mas parecia a única alternativa possível para resolver aquela situação angustiante.

Com um suspiro, decidiu levantar-se. Abriu o guarda-roupa e escolheu um conjunto lilás de biquíni, short e blusa. Após um demorado banho, penteou-se e prendeu uma fita lilás nos cabelos.

Ao descer para o café, o olhar aprovador de Rosita a encorajou. Comeu alguns bolinhos, tomou um copo de suco e aguardou apreensiva a chegada de Ramón.

Quando o carro estacionou na entrada, Joana ergueu o rosto e forçou um sorriso, procurando aparentar alegria. Imaginou que seria repreendida por estar usando uma roupa tão ousada, mas ele apenas a cumprimentou, cortês.

— Hoje será nosso último dia na *Villa Faustino*, Ramón.

— Por que o último?

— O retrato está quase pronto.

— Eu não gostaria que rompesse a amizade com vovó. Ela se acostumou tanto a essas visitas...

Joana mordeu o lábio antes de responder:

— Gosto da marquesa, é uma pessoa muito meiga. Mas você tem seu

trabalho. Logo deve começar a reforma de Las Jacarandas e...

— Vovó é mais importante — interrompeu Ramón.

"Espere até casar com Cândida", pensou Joana.

— A marquesa também é importante para mim, aliás todos os meus amigos são.

— Por acaso chegou a essa conclusão com a ajuda de Laurence? Afinal você e ele parecem... bons amigos.

— E é verdade, Ramón, somos mesmo. Bons "amigos", quero dizer. Nada mais do que isso.

Ramón olhou-a, divertido.

— Já notou que ultimamente não podemos conversar nem cinco minutos sem brigar? O que está acontecendo, *Juana*?

— Eu já lhe disse mais de mil vezes. Detesto ser tratada como uma boboca.

— E eu já respondi mais de mil vezes que é "você" quem vê as coisas desse jeito. Se me contasse direito o que anda se passando nessa cabecinha talvez eu pudesse ajudar.

— Não está se passando nada, Ramón. Talvez eu esteja um pouco nervosa com a perspectiva de viajar... Não vamos mais falar nisso, está certo?

— Hum... certo.

No interior do carro fazia calor e Joana começou a pensar se ele também construiria uma piscina em Las Jacarandas.

Ficaram calados e distantes. O carro descia em direção à estrada e ela fechou os olhos, imaginando como seria sua vida longe de Ramón.

Depois de alguns minutos, ao abri-los, espantou-se.

— Esta não é a estrada para a *Villa* Faustino. Estamos no caminho errado.

— Hoje não iremos à *villa*. Tenho negócios para resolver em Las Palmas.

— Mas Ramón, ontem já não trabalhei. E a marquesa está nos esperando!

— Não. Eu a avisei de que só iríamos amanhã.

— Por que foi me buscar, então? Poderia ter ido sozinho a Las Palmas...

— Tenho uma boa razão para levá-la. Vou até as docas para ver o material de construção que chegou para a reforma. Depois quero que me ajude a escolher um presente muito especial, para uma garota também especial. — Ramón sorriu para ela de forma calorosa. — Tudo bem?

Joana sentiu o coração apertar-se.

— Eu conheço a moça?

— Sim — foi tudo o que ele respondeu.

O navio já estava no porto e Joana ficou esperando no ancoradouro enquanto os passageiros desembarcavam. No cais havia muitos motoristas de táxi, vendedores ambulante e uma multidão esperando pelos recém-chegados.

Depois de algum tempo, Ramón reapareceu.

— Não demorei nada, viu? — disse ele. — E agora vamos beber alguma coisa antes das compras.

Pararam o carro e entraram num barzinho com um toldo listrado e mesinhas com guarda-sóis onde se sentaram para beber. Ramón tocou de leve seu braço e isso a perturbou. Qualquer contato fazia o amor crescer e crescer, principalmente quando ele agia como se nunca tivessem brigado e Cândida não existisse.

Depois do aperitivo, ele a conduziu a uma loja sofisticada. O gerente veio logo cumprimentá-los acompanhando-os até o departamento de som. Ramón concentrou-se nos equipamentos mais caros e Joana ficou calada a seu lado, sob o olhar apreciativo do gerente.

— Minha amiga é bastante jovem e deve gostar de música moderna... Pensei num conjunto completo de som e alguns discos. O que acha, *Juana*?

— É um presente especial mesmo. — Ela sorriu. Dinheiro não era problema e então escolheu o presente como se fosse para si mesma. Ramón comprou mais alguns discos, preencheu o cheque e deu o endereço da *Villa Rosário*.

— E agora vamos almoçar.

Joana forçou um sorriso; estava sem fome e sentia-se muito só. Sabia que o presente era para Cândida, mas fingiu ignorar até que ele confirmou o endereço para a entrega.

O carro chegou à entrada do hotel onde haviam estado na noite anterior e Joana sentiu-se pior ainda ao lembrar-se da discussão, mas Ramón comportava-se como se nada tivesse acontecido.

O *maitre* veio recebê-la à porta do restaurante, conduzindo-os entre as mesas, posicionadas de forma a que os clientes pudessem apreciar a linda vista das janelas.

Como se estivesse distante de tudo, Joana só ouvia o ruído de copos e talheres e as conversas alegres enquanto se encaminhavam para a mesa.

— Importa-se de vir aqui? — perguntou Ramón, muito à vontade no meio daquela gente sofisticada. — É meu lugar favorito em Las Palmas e gostaria que fosse o seu também.

— Está se referindo a nosso desentendimento de ontem à noite? Não foi nada. Eu continuo gostando deste local. Além do mais, as coisas aqui são tão caras... Tenho que aproveitar ao máximo essas oportunidades.

— Nunca ouvi você falar assim antes, *Juana*. Acha que somos tão diferentes um do outro?

Era impossível ignorar aquela raiva súbita. Ficaram em silêncio enquanto o garçom trazia o vinho e Ramón fazia o pedido. Ele sabia tudo o que Joana apreciava, pois tinham gostos semelhantes. Essa interrupção foi suficiente para que ela se acalmasse.

— Sinto muito, Ramón, não queria ofendê-lo.

— Vamos deixar isso de lado.

— Mas eu não posso deixar isso de lado, Ramón. Continua a me tratar como um tio que leva a sobrinha para passear. Sou velha demais para ganhar brincuedos. Eu cresci. Na minha idade, muitas garotas estão casadas. Você me deixa tão furiosa que...

— Fique quieta, lembre-se de onde estamos — disse em voz baixa, controlando a raiva. — Não parece ter crescido, está se comportando como uma criança. Se tem alguma coisa contra mim, diga logo.

Joana baixou a cabeça tentando disfarçar-se as lágrimas. As palavras seguintes de Ramón a atingiram com a violência de um golpe.

— O que você quer que eu faça? Quer que fale a seu pai sobre o interesse de Laurence? Será que esse homem vale tantos transtornos em sua vida? Não é melhor ir primeiro a Londres antes de se decidir?

Joana apertou com força o copo vazio, presa àqueles olhos negros, e então desviou o rosto.

— Sinto muito ter falado daquele modo, não tinha o direito.

— Não, não tinha direito mesmo. — Ramón relaxou na cadeira. — Vamos parar com esse assunto?

O garçom chegou com o almoço e ambos puseram-se a comer sem tocar mais na questão. Na volta, não trocaram uma palavra e ela teve a nítida impressão

de que Ramón havia se esquecido de sua presença no carro. Quando parou à porta da *Villa Rosário* finalmente quebrou o silêncio.

— Quando eu chegar aqui amanhã para buscá-la, gostaria de encontrá-la com uma roupa mais discreta. Não estou falando mal desse traje, pelo contrário, é muito sedutor. — Os olhos negros brilharam. — Mas você entende, vovó...

— É que eu sinto muito calor quando estou pintando...

Divertido, ele inclinou a cabeça.

— Acho que foi um descuido. Deve ter se esquecido de que é uma senhorita crescida e que vovó espera que se comporte como tal. — O tom da voz tornou-se afetuoso e brincalhão. — Não se aborreça, crescer tem seus inconvenientes, mas também muitas compensações. Até amanhã.

Ela ficou olhando o carro se afastar, triste, e já ia se virando para entrar quando avistou uma caminhonete se aproximando. As entregas da loja haviam chegado. Viu um rapaz descer com os presentes de Cândida.

— Srta. Joana Main? — perguntou o entregador.

Ela concordou e acompanhou o rapaz até o interior da casa. O furgão já havia partido há algum tempo quando Joana pegou o envelope pregado num dos embrulhos. Estava mesmo em seu nome!

Finalmente, criou coragem para abri-lo e viu, no alto da folha, a mensagem escrita com a letra de Ramón: "Já que você não quis mesmo cobrar pelo retrato, espero que aceite este presente. Muito obrigado. Ramón".

Joana estremeceu. Então, ao dizer "um presente especial para uma garota especial" era nela que Ramón pensava. E tinha achado que era para Cândida!

Trêmula, desembulhou o equipamento sofisticado e os discos, Agora entendia Ramón, pensava tristemente. Naturalmente ele percebera que ela tinha crescido, mas seus olhos a viam como sempre: ainda era a pequena *Juana*, sua amiga querida. Era doloroso, mas nunca a veria como mulher, nunca ficaria ansioso por tocá-la, seu coração jamais dispararia ao vê-la.

Esforçando-se por aceitar essa idéia, subiu para o quarto, deixando o equipamento de som e os discos sobre a mesa da sala de jantar. Mais tarde, ao descer novamente, constatou que Rosita havia desembulhado tudo e levado para a sala de estar.

Todos estavam no terraço, tomando um drinque, quando Joana entrou. Ao vê-la, Nick saudou-a com carinho.

— Olá. Rosita contou-nos que você ganhou um aparelho de som e pilhas de discos de Ramón. Devem ter custado uma fortuna.

— Como eu não quis que ele pagasse pelo retrato da marquesa, resolveu me dar um presente.

— Nada como ser milionário! Acho que você foi boba em não pedir dinheiro por seu trabalho — comentou Laurence. — Daria para pagar a passagem para a Inglaterra.

— Eu não poderia cobrar de um amigo. Ainda mais de Ramón, que me conhece desde criança.

— Deve ser como um irmão para você, não? — ironizou Cândida.

"Ela está com ciúmes", pensou Joana. Afinal era uma mulher ambiciosa e segura, lutando por uma carreira e pelo homem que desejava. Na certa não deixaria que qualquer obstáculo interrompesse seus planos...

— Sua filha está crescendo depressa, Nick — ela continuou. — Já aprendeu que depois do dinheiro nada melhor do que presentes caros.

— Não concordo — interrompeu Laurence. — Acho que Ramón saiu

ganhando, pois em minha opinião qualquer quadro de Joana vale mais que esse presente. — Virou-se para Nick.

— Como não precisa mais de mim, vou dar uma olhada no aparelho de som. Quer vir também, Cândida? Dizem que a música acalma as feras. Eu diria que nem você é imune a ela...

Cândida nem se dignou a responder. Apagou o cigarro no cinzeiro e pegou uma revista, fingindo concentrar-se. Joana seguiu Laurence com um sorriso.

Na sala de estar, os dois olharam os discos, surpresos e satisfeitos ao encontrarem seus cantores prediletos, Laurence manuseava com cuidado o aparelho, ciente de quanto o presente significava para a amiga.

Passaram o resto da tarde ouvindo música e conversando, mas o nome de Ramón não foi citado nem uma vez.

Capítulo X

Joana pensou muito antes de decidir que roupa usar para sua última visita à *Villa Faustino*. Por fim, escolheu um vestido vermelho em estilo espanhol, bem rodado. O tempo havia mudado durante a noite e fazia frio no terraço, onde Rosita serviu o café.

— Está muito linda — comentou. — Às vezes, você parece mais espanhola que inglesa.

— É minha última visita à *Villa Faustino*. Logo estarei em Londres.

— Espero que tenha boas notícias quando voltar da viagem.

— Que notícias? — perguntou Joana, sem entender.

— Você verá — Rosita respondeu, saindo do terraço.

Joana ficou pensativa e, sem fome, apenas tomou café, esperando Ramón. Ao fitar o céu, viu que as nuvens escuras indicavam chuva.

O carro dele apareceu logo e ela se apressou em entrar.

— Gostei do vestido — foi o primeiro comentário de Ramón.

— Obrigada. — Ela não ousou encará-lo. — Ramón, quero pedir desculpas pela roupa que usei ontem. Só depois me dei conta de que não era apropriada para visitar a marquesa.

— Mas nós não a visitamos ontem.

— Eu sei. Mas eu não sabia que não íamos lá. Ah, também quero agradecer o presente.

— Não precisa. Espero que fique tão satisfeita quanto deixou vovó com o retrato.

Ramón não disse mais nada e ela também permaneceu quieta em seu canto. No meio do caminho, a tempestade desabou, impedindo que se avistasse um palmo diante dos olhos.

Ele diminuiu a velocidade e ligou o limpador de pára-brisas para conseguir enxergar alguma coisa.

— Está com medo? — perguntou. — Daqui a pouco passa.

Quando Joana ia responder um raio caiu próximo ao carro, fazendo-a gritar de susto. De imediato, Ramón parou no acostamento e a abraçou. Joana apoiou o rosto no peito dele, sentindo, aliviada, aquelas mãos fortes lhe acariciarem os cabelos. Em pouco tempo, os raios diminuíram e a chuva quase parou.

— Está bem agora *niña*?

Os lábios de Ramón tocaram-lhe os cabelos sedosos.

— Sim — murmurou Joana, perturbada demais com o que estava acontecendo.

— Quer esperar mais um pouco, ou podemos ir? Logo o sol aparece outra vez.

— Vamos. A marquesa deve estar preocupada.

Sem responder, ele abriu o porta-luvas e tirou um frasco de conhaque e um copo pequeno.

— Beba. Isso vai acalmá-la.

— Não quero — ela balbuciou, ciente de que tremia muito mais pela presença sensual de Ramón do que pelo medo da tempestade.

Ele insistiu e Joana não teve coragem de recusar de novo. Bebeu o conhaque.

— Estou bem. Vamos embora.

— Sabia que em Londres chove muito? — Ele guardou o copo e ligou o carro.

— Não acho que deva ir sozinha. Se eu fosse Nick, iria com você.

— Talvez papai vá para a estréia. Nesse meio tempo Cândida me convidou para dividir seu apartamento.

— E quanto tempo você acha que Cândida ficará em seu apartamento?

O coração de Joana gelou com a insinuação, mas forçou-se a responder.

— Bem... pelo menos até o término dos ensaios. Aí, papai já deve estar lá. Mas pretende voltar logo. Ele adora a ilha.

— E você? Também gosta da ilha?

— Eu adoro este lugar, mas não sei o que vou pensar quando chegar a Londres. Rosita sempre diz que sou mais espanhola que inglesa.

Por um instante, ele a fitou com intensidade.

— Rosita é muito sábia. E vai sentir muito falta de você. Aliás, todos nós vamos.

"Não você", pensou Joana, triste.

— Eu sei. Fico preocupada com papai. Mas acho que Rosita cuidará dele enquanto eu estiver fora e continuará cuidando se eu decidir ficar por lá e voltar apenas para visitar os amigos. E, por falar nisso, quando se casar pretende mudar para a *Villa Faustino*?

— É provável.

— Papai vai sentir sua falta.

Por um longo tempo, ele não disse nada, mas por fim perguntou:

— E você?

— Também vou sentir. — Sua voz era quase um sussurro.

O carro passou pelo portão da *Villa Faustino* e estacionou em frente do terraço. Havia várias poças no chão e, sem pensar duas vezes, Ramón desceu, abriu a porta do lado de Joana e pegou-a no colo, carregando-a para dentro da casa.

— Não pode molhar os pés — disse, sorrindo.

— Obrigada, cavalheiro.

Ao chegarem ao hall Ramón a colocou no chão.

Isso a fez lembrar um dia, logo após sua chegada à ilha, aos cinco anos de idade, em que caminhava pelas colinas de volta para a casa. Uma pedra solta a fez escorregar e Ramón, que a observava de longe, veio correndo e a socorreu, carregando-a no colo. Tinha sido o início da amizade entre os dois...

Ao entrarem na sala, foram informados de que a marquesa os esperava no quarto, ansiosa para conversar com Joana. Ramón subiu apenas para cumprimentar a avó e apressou-se em sair para deixá-las à vontade. A velha senhora lamentou que o trabalho estivesse terminado e Joana contou-lhe sobre sua viagem a Londres.

Mais tarde, quando o retrato ficou pronto, Ramón apareceu para vê-lo. Pouco antes de saírem, a marquesa presenteou Joana com um camafeu muito antigo. Era um presente que ela havia recebido dos pais ao completar vinte e um anos e valia muito.

— Vai me deixar muito feliz se aceitar — insistiu a marquesa ao ver que ela hesitava. Prendeu-o no vestido de Joana e beijou-lhe o rosto corado.

Ramón, encostado no batente da porta, observava as duas com um sorriso.

— Obrigada. — Ela sorriu emocionada, sem conseguir dizer mais nada.

A volta para a *Villa* Rosário foi rápida, pois Ramón tinha um almoço de negócios. Ao chegar a casa, Joana ousou dar um beijo em seu rosto. Depois, desceu correndo do carro e entrou sem olhar para trás.

Naquela noite, Nick daria uma festa para comemorar o término dos ensaios, pois os atores logo iriam para Londres. À tarde, Joana levou os dois ingleses para fazer as últimas compras e mais tarde se encontraram para tomar chá. Laurence deu-lhe uma pulseira com o símbolo de seu signo e Cândida, um estojo para pó compacto. Para Nick, compraram uma caixa de charutos.

Ramón não compareceu, pois estava em Tenerife a negócios. A recepção esteve animada e era bem tarde quando o último convidado se foi e Joana resolveu subir para o quarto, decepcionada com a ausência do marquês.

No entanto, mal se sentou em frente à penteadeira para escovar os cabelos ouviu o ruído de um carro seguido de vozes. Era Ramón, que tinha vindo cumprimentar o amigo. Sem coragem para encará-lo, incapaz de esconder o amor que sentia, ela decidiu não descer.

Pouco mais tarde, o pai foi vê-la.

— Que bom que ainda está acordada. Quero conversar com você.

Sentado na beirada da cama, fitou-a com ternura.

— Era o carro de Ramón? — perguntou ela.

— Sim — Nick cruzou as pernas e recostou-se. — Veio me cumprimentar apesar de ser tarde e aproveitou para se despedir de Cândida e Laurence.

— Por acaso ele disse se vai a Londres para a estréia da peça? — Para disfarçar, Joana começou a passar creme no rosto. — Acho que ele não vai deixar de ver Cândida no teatro.

— Talvez tenha combinado alguma coisa. Mas não é sobre isso que eu queria falar. Estive pensando e achei que não será bom para você ficar sozinha em Londres. Afinal, Cândida e Laurence estarão ensaiando. Por isso decidi ir também. Ficaremos num hotel e passearemos juntos. O que acha?

"Será que papai sabe de meu amor por Ramón e quer me dar apoio?", refletiu Joana. Num impulso, correu até ele e abraçou-o.

— Paizinho, será maravilhoso.

— Ei, calma. Está quase me estrangulando — brincou Nick. — Então está combinado.

Ao contrário do que sempre imaginara, Joana não se animou nem um pouco em pisar o solo inglês após tantos anos. Manteve-se calada durante todo o percurso do aeroporto até o hotel, olhando pela janela do táxi, mas sem prestar atenção no que via. Nick, também absorto nos próprios pensamentos, não lhe fez perguntas.

Foi somente quando deixavam a recepção do hotel em direção aos elevadores que o rosto dela se iluminou. O gerente os alcançara com um buquê de flores endereçado a Joana Main. Era de Ramón.

— Como ele adivinhou que ficaríamos aqui, papai?

— Eu lhe dei o nome do hotel. Deve ter mandado um igual para Cândida —

respondeu Nick.

A alegria de Joana evaporou-se. Sem dizer nada, acompanhou o pai e o rapazinho que carregava as malas.

Seu estado de espírito melhorou um pouco nos dias seguintes, quando começou realmente a conhecer a cidade. Nick a levava para toda parte e ela foi deixando que o fascínio das ruas barulhentas, dos museus e parques a dominasse. No entanto, morria de saudade das ilhas... e de Ramón.

Laurence e Cândida, ocupados com os últimos ensaios, só à noite se juntavam a Joana e a Nick para jantar e dançar.

À medida que a estréia se aproximava, Nick passava mais tempo no teatro. O diretor estava animado e acreditava que a peça seria um sucesso. Joana estranhou a falta de notícias de Ramón, mas imaginou que ele viria à estréia para anunciar o noivado com Cândida.

No dia marcado para a estréia, ela acordou, bem disposta e encontrou uma carta de Rosita na bandeja do café que o camareiro trouxe até o quarto.

Com um sorriso, abriu o envelope. Rosita começava contando as novidades locais e, em seguida dizia que em Las Jacarandas havia algo no ar. Pela ilha, espalhavam-se boatos de que o marquês pretendia casar-se. Todos afirmavam que iria a Londres para ver a estréia da peça em que a linda atriz loira fazia o papel principal. Por fim, recomendava que comesse bem e usasse agasalhos.

Triste com a notícia, Joana suspeitou de que Rosita soubesse de seu amor por Ramón, já que a conhecia tão bem. Ao olhar pela janela, observou como as árvores estavam começando a perder as folhas e achou que a estação refletia seu estado de espírito. O telefone tocou e ela correu a atender, pensando que talvez fosse Ramón.

— Olá — disse Laurence. — Não tenho muito tempo, mas não quer passear comigo esta manhã? Podemos almoçar juntos.

— Claro que quero. A que horas nos encontraremos?

— Às dez está bem?

— Está. Espero você aqui.

Foi até o guarda-roupa, escolheu um vestido ao acaso e aprontou-se para o encontro.

A manhã passou depressa e o almoço, num restaurante flutuante, foi muito agradável.

Os cabelos de Joana brilhavam ao sol, o rosto delicado tinha um tom rosado e suave e os seios pequenos eram bem delineados pelo tecido fino do vestido. Laurence a observava com afeto.

— Você é uma garota maravilhosa, Joana. Eu te amo.

Surpresa com essa declaração tão repentina, ela desviou o olhar.

— Laurence, gostou muito de você, mas não o amo.

— Quem sabe, um dia? — insistiu.

— Não quero falar nisso. Não vamos estragar nossa amizade, Laurence...

Assim que chegaram ao porto, Joana o beijou no rosto e insistiu para que o amigo fosse direto para o teatro, pois voltaria sozinha ao hotel.

Laurence já tinha se afastado quando de repente voltou e a chamou:

— Joana, esqueci de lhe contar. Cândida me disse que Ramón está em Londres para a estréia. Adeus, nos vemos à noite.

Ramón estava em Londres e não a tinha procurado. Joana mal podia acreditar. Pálida e trêmula, voltou ao hotel e ficou em seu quarto, sem saber como agir. Mais tarde, depois de ir ao cabeleireiro e à manicure, começou a se arrumar

para a estréia.

Nick tinha comprado um lindo vestido de seda azul para a filha, com um cinto de madrepérola e pulseiras combinando. Ao entrar no quarto para ver se ela estava pronta, seu rosto empalideceu.

— Está tão parecida com sua mãe, querida. Até me emocionou. É tão linda!

Com um gesto carinhoso, Joana segurou o braço do pai.

— Você também está muito elegante. Mas acho que está tenso demais... Não se preocupe tanto, todos dizem que a peça será um sucesso.

Só no táxi, a caminho do teatro, teve coragem de falar em Ramón.

— Sabia que Ramón está em Londres, papai?

— Sim, ele irá ao teatro — respondeu Nick.

Ela não disse mais nada.

Depois do primeiro ato, não havia mais dúvidas de que a peça não correria nenhum risco de fracasso. Cândida e Laurence estavam perfeitos, tanto quanto o resto do elenco. No intervalo, Joana percorreu a platéia com os olhos, mas não achou quem tanto procurava.

— Por acaso viu Ramón? — Nick perguntou à filha. — Ele não costuma se atrasar e prometeu ir conosco à festa depois do espetáculo.

Joana negou, e em seguida as luzes se apagaram para dar início ao segundo ato. Intuitivamente, ela sentiu que Ramón tinha acabado de chegar. Quando as luzes voltaram a se acender e a platéia irrompeu em aplausos, virou-se e o viu, elegante e atraente como sempre.

— Ramón deve ter chegado tarde e preferiu ficar lá atrás até terminar o ato — explicou Nick, caminhando com a filha para o fundo da platéia.

— Estou adorando a peça, parabéns Nick! — disse Ramón ao encontrá-los. — E meu amigo Miguel, da embaixada espanhola, também. Peço desculpas pelo atraso. Como estão vocês?

Joana forçou-se a encará-lo com naturalidade e sorriu.

— Tenho me divertido muito, mas papai está ansioso para voltar.

— É verdade — Nick riu. — Apesar de ter nascido aqui, é de Las Palmas que eu gosto. Não vejo a hora de estar no meu cantinho.

— Que bom! — Ramón sorriu, satisfeito. — Eu ficaria muito triste se perdesse um de meus grandes amigos. E você, *Juana*, pretende voltar logo?

Sob o olhar intenso, ela começou a tremer e foi Nick quem respondeu:

— Acho que não. Pelo menos, por enquanto. Não é mesmo, minha filha?

— É verdade. Pretendo alugar um apartamento e voltar a pintar.

Os olhos negros de Ramón percorreram lentamente a figura esbelta, os cabelos sedosos e a pele dourada de Joana.

— Acho que Londres fez bem a você. Está ainda mais bonita, mas não se esqueça de que aqui não é Las Palmas. — Com um sorriso irônico, acrescentou: — Ainda bem que tem Laurence para protegê-la.

— Posso muito bem cuidar de mim...

— Sei, sei. — Ele fez uma careta e Joana começou a rir, percebendo o que dissera.

A cortina se abriu para o terceiro ato e ao fechar-se, no final do espetáculo, o público aplaudiu de pé. Era um triunfo para Nick, que há dois anos não apresentava um novo trabalho. Se por um lado Joana estava feliz com o sucesso do pai, por outro queria gritar e chorar. Com certeza; Ramón e Cândida aproveitariam a festa para anunciar o noivado.

Perturbada, mal viu o pai subir ao palco e agradecer. Por fim, o público

começou a deixar o teatro e ela virou-se para encarar Ramón, que a fitava intensamente. Mas Nick aproximou-se e ela correu para abraçá-lo.

— Papai, estou tão orgulhosa de você!

— Ei, calma, garotinha. Não chore. Vamos comemorar — brincou Nick, emocionado. — O que há, Joana? Está tão pálida...

— Não é nada, só estou com dor de cabeça.

Ao olhar para Ramón, Nick franziu a testa, preocupado.

— Mas você nunca fica doente. O que será?

— Não se preocupe, papai. Importa-se se eu voltar para o hotel? Estou tão cansada...

— É claro que não. Quer que eu chame um médico? — perguntou o pai, beijando-a na testa.

— Não, não precisa.

Com um gesto decidido, Ramón segurou-lhe o braço.

— Vou acompanhá-la.

— Não precisa, eu vou de táxi. — Ela soltou-se e caminhou para a saída do teatro. Sem se voltar, sabia que Ramón a acompanhava. Ao ver um táxi, acenou.

— Não precisa vir comigo, Ramón. Vai perder a festa.

Entrando com Joana no carro, ele respondeu firme:

— Sei o que estou fazendo.

Em poucos minutos, chegaram ao hotel. Ramón esperou que ela pegasse a chave na recepção, acompanhando-a até o segundo andar. Na porta do quarto, Joana virou-se, trêmula, encarando-o.

— Boa noite, Ramón. Obrigada por ter vindo até aqui.

Sem dizer nada, ele tomou a chave de suas mãos e abriu a porta.

— O que vai fazer? — perguntou, confusa com aquele comportamento estranho.

— Chamar o médico. Não vou deixar você sozinha sem saber o que tem.

— Não quero médico, eu... — De repente, Joana perdeu o controle. — Quero ficar sozinha, Ramón, por favor.

— É Laurence, não é? — Seu tom de voz era frio. — Preferiria que ele a tivesse acompanhado?

— Saia daqui. Não quero ouvir mais nada.

— Vou chamar Laurence para você.

— Está bem, chame Laurence, mas saia daqui! Eu odeio você! — Aos prantos, Joana atirou-se na cama.

Ramón sentou-se a seu lado e abraçou-a acariciando-lhe os cabelos.

— Relaxe, relaxe — murmurou. — Não chore mais. — Por um longo tempo, apenas a abraçou, sussurrando palavras doces, e por fim perguntou: — Está melhor?

— Desculpe, acho que a estréia e outras coisas me deixaram nervosa.

— Então não quer me contar que outras coisas são essas? Talvez seja bom para você.

— Prefiro não tocar no assunto.

Ramón, apoiado num cotovelo, fitava-a com um olhar ardente.

— É Laurence? Você o ama?

— Não tem o direito de me perguntar isso. — Joana estava furiosa. — Nunca me intrometi em sua vida pessoal.

Ramón segurou-a pelos ombros, obrigando-a a olhá-lo.

— *Juana...*

— Vá embora, Ramón. Cândida deve estar esperando-o.

— Cândida? E por que me esperaria?

Joana respondeu com dificuldade, sentindo a garganta seca:

— Não vai se casar com ela?

— Casar-me com Cândida? É claro que não. Meu relacionamento com ela já acabou, se é que chegou a começar. Escute, querida, nunca percebeu que fiz de tudo para ficar a seu lado?

Joana estremeceu, mergulhada naqueles olhos negros que a fitavam com tanto amor. Seria possível? Teria ouvido direito?

— Ramón! Você está me dizendo que...

— Por que acha que fiz tudo para convencer vovó a posar para um retrato? Foi a única maneira que encontrei para vê-la todos os dias, *Juana*... E você ainda me diz que preferiria que Laurence a tivesse acompanhado.

— Quer... quer dizer que não ama Cândida? — perguntou baixinho.

— Nunca amei ninguém, a não ser você, minha *Juana*. Só que, como ainda era uma garotinha cheia de sonhos, resolvi esperar. Mas agora já posso revelar o meu amor.

Ramón beijou-a no rosto e no pescoço, antes de tocar a boca macia. "Só pode ser um sonho", pensou Joana. Então ele sempre a amara e nunca tinha pensado em casar-se com Cândida!

— Oh, Ramón, sofri tanto, você nem imagina! Pensei que... eu te amo, eu te amo...

Abraçaram-se e beijaram-se com loucura, como se quisessem recuperar o tempo perdido.

— Quer se casar comigo? — perguntou bem junto a seu ouvido.

— Casar? — A alegria era tão grande que Joana não conseguia raciocinar. — Quando você quiser. Quase morri imaginando que amava outra. Então por que comprou o retrato de Cândida?

— Porque foi pintado por você, bobinha.

Joana encostou a cabeça no peito de Ramón pensando na felicidade que seria viver ao lado do homem que amava. Entretanto, uma idéia súbita a amedrontou.

— Ramón, e sua avó? Seus parentes? Será que aprovarão o casamento?

— Vovó vai adorar a notícia. Ela gosta muito de você.

— Também gosto muito dela. É tão bonita...

— E sabe por quê? Porque ela teve uma vida feliz, um marido que a amou muito. Eu também vou amar você por toda a vida.

— Ah, Ramón. Não posso mais ficar longe de você.

No dia seguinte, Joana tomava café quando o pai apareceu, sorrindo.

— Já soube, papai? — perguntou com um arzinho travesso.

— Sim, e estou muito feliz. Ramón foi me encontrar na festa e tivemos uma longa conversa. Aliás, pediu-me para avisá-la que virá às dez, para irem comprar as alianças.

— E Cândida? O que dirá do casamento?

Nick deu de ombros, com um sorriso.

— Está tão satisfeita com o sucesso e recebeu tantos convites para filmar que acho que nem se lembra mais de Ramón. Todos os críticos a elogiam nos jornais. Laurence também foi um sucesso.

Joana se alegrou ao pensar no amigo.

— Que bom. Finalmente os sonhos dele vão se tornar realidade. — "E os meus também", pensou, radiante.

Algumas semanas mais tarde, Ramón olhava o grupo de amigos que viera vê-lo partir com a esposa. Joana, encantadora como sempre, despedia-se do pai e de Rosita.

O casamento tinha sido perfeito e a recepção, magnífica, como exigia a tradição espanhola, mas naquele momento os dois estavam impacientes para ficar a sós.

Ramón tinha comprado um apartamento em Londres e outro em Paris, onde passariam alguns dias.

Sem se importar com a multidão que os observava, Joana passou os braços pelo pescoço do marido e beijou-o antes de subir ao avião.

Mais tarde, sentados lado a lado, de mãos dadas, enquanto voavam com destino à França, Ramón virou-se e fitou a esposa:

— Eu te amo muito, marquesa.

— Eu também. E nosso amor vai durar para sempre, meu bem.

Fim